

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
URI – CAMPUS DE SANTO ÂNGELO**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

KARINI LUNARDI

**PEDAGOGIAS PRODUZIDAS POR MULHERES NO *CLUBE DE MÃES MULHER*
GAÚCHA DA ZONA RURAL DE SANTO ÂNGELO**

São Leopoldo - RS

Agosto/2009

KARINI LUNARDI

**PEDAGOGIAS PRODUZIDAS POR MULHERES NO *CLUBE DE MÃES MULHER*
GAÚCHA DA ZONA RURAL DE SANTO ÂNGELO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação - da Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS, Programa Interinstitucional URI-Santo Ângelo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora Dr^a. EDLA EGGERT

São Leopoldo - RS

Agosto/2009

KARINI LUNARDI

**PEDAGOGIAS PRODUZIDAS POR MULHERES NO *CLUBE DE MÃES MULHER*
*GAÚCHA DA ZONA RURAL DE SANTO ÂNGELO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação - da Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS, Programa Interinstitucional URI-Santo Ângelo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Ricardo Pereira (PPGEdu – UFMG)

Danilo Streck (PPGEdu – UNISINOS)

Edla Eggert (Orientadora, PPGEdu - UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, Marlos Henrique pela paciência em esperar-me para brincar;

Ao meu companheiro Marlos pelo incentivo, auxílio, compreensão e ainda, meu leitor;

A minha analista Iza Maria Abadi de Oliveira pela possibilidade de mostrar-me uma nova forma de viver;

A minha orientadora Edla, pela paciência, carinho e aos grandes ensinamentos;

Aos meus pais Alfredo e Marlene pela vida;

Ao meu irmão Conrado pelo carinho;

As minhas amigas e leitoras: Marília, Marcelle e Cristine que de uma forma ou outra, sempre estão ao meu lado;

A todas as mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* e a Marita,

E, sobretudo, a todas as mulheres que fazem parte de minha vida.

“Dois rouxinóis descreve a figura de um imperador chinês que descobre através de um livro que, entre as belezas de seu país, a maior de todas elas é o canto de um rouxinol, o qual ele nunca viu. O imperador então exige que lhe tragam o rouxinol e, quando o escuta, chora de emoção. No entanto, não compreende que o rouxinol tem seu habitat natural e que não pode ficar à sua disposição e cantar continuamente o tempo todo. O imperador recebe um rouxinol artificial, feito no Japão, e passa a compará-lo com o rouxinol de verdade. Mas, quando o rouxinol artificial não funciona mais e o imperador está padecendo, à beira da morte, surge o rouxinol verdadeiro e canta para o rei em seu leito de morte, fazendo-o chorar e reviver ao compreender que aquele canto é sincero e livre” (Martí, apud Strec,2008, p74).

LISTA DE SIGLAS

- ACLUMASA:** Associação do Clube de Mães de Santo Ângelo
- AIMTR- Sul:** Articulação de Instancias de Mulheres Trabalhadoras Rurais
- ARFOM:** Associação de Reposição Florestal Obrigatória do Planalto e Missões
- ASCAR:** Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
- BANRISUL:** Banco do Estado do Rio Grande do Sul
- COMDIM:** Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Santo Ângelo
- CNPJ:** Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
- CTG:** Centros de Tradições Gaúchas
- CVA-RICESU:** Comunidade Virtual de Aprendizagem- Rede de Instituição Católica de Ensino Superior
- EMATER:** Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica
- FAO:** Organização para a Agricultura e a Alimentação (**FAO**, sigla de *Food and Agriculture Organization*)
- GT:** Grupo de Trabalho
- IBICT:** Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- MINTER:** Mestrado Interinstitucional em Educação
- PRONAF:** Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- PROUNI:** Programa Universidade para Todos
- RAIS:** Relação Anual de Informações Sociais
- SESI:** Serviço Social da Indústria
- SIC:** “Informações do autor”
- SICREDI:** Sistema de Crédito Cooperativo
- TCC:** Trabalho de Conclusão de Curso
- UFRGS:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UNISINOS:** Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- URI:** Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

RESUMO

Esta dissertação de mestrado buscou identificar e compreender quais as pedagogias produzidas no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, da zona rural de Santo Ângelo, que contribuem para manter a participação em grupos orientados por entidades como a Emater/Ascar. O clube de mães tem sua sede no CTG Comandaí, no distrito de Comandaí, interior de Santo Ângelo, RS. Pretendeu-se, também, identificar o lugar do clube de mães na agricultura familiar regional; observar quais pedagogias têm sido produzidas e ainda analisar os efeitos da orientação da Emater/Ascar nesse clube de mães. A pesquisa é de cunho qualitativo e foi realizada a partir de observações participantes. A iniciação do estudo e aplicação dos grupos de discussão com gravações de áudio e transcrições detalhadas, anotações em diário de campo e análise das transcrições dos grupos de discussão e também da documentação desse grupo *de* mulheres. Utilizamos três tópicos guias de discussão: o uso do dinheiro sempre em função da família; o pensar sobre si mesmas e sobre o grupo e a divisão dos trabalhos delas nas famílias. Tivemos os referenciais de teorias feministas, psicanálise e pedagogias como estudos importantes na discussão dos dados colhidos na pesquisa. As considerações finais deste estudo mostram que as mulheres não só contribuem para a agricultura familiar regional, como em vários meses do ano são elas, com seu trabalho na leitaria, que mantêm a família. Percebemos ainda que as mulheres se reúnem no clube de mães porque existem aprendizagens contínuas e significativas: artesanato, troca de receitas, conversas sobre a família, comunidade, política e economia. Elas também buscam estar informadas sobre os acontecimentos locais e regionais. Em relação à Emater /Ascar, podemos notar a existência de uma agenda que altera a dinâmica quando há a participação dessa instituição no clube. Nos dias em que os cursos são ofertados, a discussão situa-se em torno do tema do curso, e ocorre uma espécie de ‘aula’ entre a Emater/Ascar e o clube de mães. Quando é unicamente o clube de mães que se reúne, há uma outra dinâmica que se processa e outras pedagogias que se instalam.

Palavras-chave: agricultura familiar, pedagogias, mulheres rurais.

ABSTRACT

The present work aimed to identify and comprehend which pedagogies are produced at the mother's club *Mulher Gaúcha*, in the countryside of Santo Angelo, which contributes to maintain the participation in groups oriented by entities like *Emater/Ascar*. The mother's club has HQ is the CTG Comandaí, in Comandaí District, city of Santo Angelo. It was also intended to identify the place of the mother's club in familiar agriculture; to observe which pedagogies have been produced as well as analyze the effects of *Emater/Ascar*'s orientation in this mother's club. It was a qualitative research and it was achieved by the participants observation, the initiation of the study and appliance of the discussion groups with audio records and detailed transcripts notes in field diary and group transcripts analysis of discussion and also of the mother's club documents. Three guide topics were used: money use in relation to family; the thoughts about the women and the group, as well as their work division in the families. The references from the Feminist Theory, Psychoanalyses, and Pedagogies were also considered as important studies in the data discussion obtained in the research. The final considerations of this study pointed out that not only the women contribute for the regional familiar agriculture, as in several months of the year they, with their job in the dairy maintain the family. It was also noticed that the women gathered in the mother's club because there are some sort of meaningful learning: from craftwork, recipe exchange, talks about their families, community, politics and economy. They are always updated with local and regional issues. In relation to *Emater/Ascar*, it is possible confirm the existence of a different chronogram when the institution participates in the club. When the courses are offered, the discussion is centered in the main theme. There is a kind of class with *Emater/Ascar* and the mother's club. When it is only the mother's club, there is another dynamic that is realized and others pedagogies installed.

Keywords: familiar agriculture, pedagogies, rural women.

LISTA DE FIGURAS E TABELA

Figura 01: Mapa do RS	11
Figura 02: Frente do CTG	12
Figura 03: Estrada próxima ao CTG.....	13
Figura 04: Encerramento do ano de 2007	39
Figura 05 Confecção do painel	43
Figura 06: Socialização ao grupo	44
TABELA 1.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. RECONTAR PARA REFLETIR.....	18
1.1 O ESTADO DA ARTE SOBRE ESSE TEMA	21
1.2 DESCRIÇÃO DAS APROXIMAÇÕES AO CAMPO.....	28
1.2.1 O QUE É EMATER/ ASCAR?	31
1.2.2 MULHERES PESQUISADAS	33
1.3 AS ENTREVISTAS, O USO DO GRAVADOR DIGITAL E AS APRENDIZAGENS	45
1.4 O CONTEXTO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	49
2 O MODO DE PESQUISAR E AS PEDAGOGIAS IMPLICADAS NA PESQUISA ...	52
2.1 OS MODOS DE OUVIR, OBSERVAR E ESTAR/ PARTICIPAR NUM GRUPO ..	55
2.2 AS POSSIBILIDADES DE ENXERGAR O MATERIAL EM SEUS DIFERENTES ESTÁGIOS.....	61
2.3 AS APRENDIZAGENS POR MEIO DAS LEITURAS DOS ESTUDOS FEMINISTAS	64
2.4 FREIRE, SUAS PEDAGOGIAS E NOSSAS APRENDIZAGENS	68
2.5 A PSICANÁLISE NO CRUZAMENTO DESTA PESQUISA.....	71
3 UMA ANÁLISE SOBRE O GRUPO PESQUISADO.....	76
3.1 UMA PEDAGOGIA EM PROCESSO.....	76
3.2 OS TÓPICOS GUIAS PARA A ANÁLISE	79
3.2.1 O uso do dinheiro sempre em função da família.....	81
3.2.2 O pensar sobre si mesmas e sobre o grupo.....	85
3.2.3 A divisão dos trabalhos delas nas famílias	90
3.3 FEMINISMO, PSICANÁLISE E PEDAGOGIA, parceiras na reflexão.....	92
3.4 PEDAGOGIAS POSSÍVEIS – A EXTENSÃO, A PESQUISA E O ENSINO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL	97
CONSIDERAÇÕES PARA ALÉM DE UMA INVESTIGAÇÃO ACADÊMICA	102
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

O grupo com o qual realizamos a pesquisa é formado por mulheres. Cabe salientar que, com exceção de uma delas, todas são mães. O primeiro contato com o grupo foi por meio da funcionária extensionista da Emater/Ascar, do escritório de Santo Ângelo, em outubro de 2007. O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* tem sua sede no CTG Comandaí no distrito de Comandaí, interior de Santo Ângelo, RS. No CTG, além de ser o local de encontro do grupo, também ocorrem as festividades da localidade, bem como as missas da igreja católica.



Figura 01: Mapa do RS; Fonte: http://www.brasilma.com.br/ima_ger/mapa_rs.gif 26.Out.2008

Convém ressaltar a contribuição de Giuliani (2004) que pesquisou os clubes de mães e os grupos de mulheres no Nordeste do Brasil. Assim, conforme Giuliani(2004), *clube* e *grupo* são sinônimos neste contexto. No decorrer das grandes secas de 1978 e de 1982, grupos de mulheres rurais reivindicavam a cidadania. Como resultado dessa reivindicação, surgem os clubes de mães e os grupos de mulheres como espaço de discussão:

Os clubes de mães e os Grupo de Mulheres Trabalhadoras nascem como uma espécie de instrumento de denúncia da ausência ou da precariedade dos serviços coletivos municipais. Das longas e animadas reuniões – ensino e saúde estão no centro dos debates – saem abaixo-assinados, manifestações, organização de encontros municipais, estaduais e nacionais. O apoio de profissionais das principais áreas em que se situam as reivindicações – educadoras, enfermeiras, médicas, assistentes

sociais – e os aportes da reflexão feminista contribuem para que o debate temático consiga a articulação de dimensões da vida social e individual antes impensável: mulheres - saúde – cidadania (GIULANI, 2004, p.646).

Dessa forma, entendemos que podemos utilizar a nomenclatura clube e grupo, pois o contexto da nossa empiria se assemelha com o que a autora aponta.

Para conceituar melhor esse lugar em que as mulheres se encontram, fazemos uma descrição do mesmo: é um local amplo que mede, aproximadamente, vinte e dois metros de largura por quarenta metros de comprimento. Ao fundo do CTG, no lado esquerdo, estão os banheiros. Dentro do CTG, há uma parede com janela que define o espaço da copa¹, no mesmo lado, mais adiante, existe a cozinha. Todo esse espaço do CTG não tem forração, tornando o local muito quente na época de verão. Algumas reuniões, às vezes, ocorrem na copa por ser um espaço menor e mais próximo da cozinha. Mas isso só acontece quando o calor climático não é tão intenso porque, senão, fica insuportável permanecer na cozinha. Na frente do CTG, passa uma estrada que, inclusive, é uma das mais movimentadas da comunidade. Com a intenção de oferecer mais informações sobre o local da pesquisa, colocamos, a seguir, uma fotografia da entrada do CTG. A foto mostra um pouco do aspecto físico da construção.



Figura 02: Frente do CTG, Fonte: Karini Lunardi 11. dez. 2007

No terreno ao lado do CTG, há o prédio abandonado de uma escola municipal, fechada há mais de dez anos. Segundo informações das mulheres do clube de mães, a escola fechou por não haver alunos suficientes para se manter funcionando.

As reuniões ocorrem, sistematicamente, todas as quartas-feiras, desde que não esteja chovendo, pois em caso de chuva as participantes não têm como chegar ao local. As estradas

¹ A copa é usada quando tem festa do CTG ou da igreja católica. O termo “copa” corresponde ao local onde colocam as bebidas para serem vendidas nas festividades

são de terra vermelha, sendo alguns trechos empedrados e, como a maioria das mulheres vão a pé, fica inviável percorrer uma distância de até 5 km para participar da reunião.

A fotografia seguinte mostra uma das estradas de acesso ao CTG, um dia após ter chovido.



Figura 03: Estrada próxima ao CTG, Fonte: Karini Lunardi 11. dez. 2007

Em outubro de 2007, o *clube de mães* possuía cerca de trinta associadas. No ano de 2008, contou com dezessete. A maioria das associadas, que se desligou do grupo, foi por dificuldades financeiras na agricultura, o que fez com que elas mudassem para a cidade em busca de uma vida melhor. A questão do êxodo rural nessa comunidade é muito grande. Houve casos de associadas que deixaram de frequentar as reuniões por conflitos na diretoria do CTG², já que são as famílias das mesmas mulheres que participam das atividades ligadas à comunidade. Em vista desses conflitos nas relações da comunidade, o clube de mães também saiu prejudicado pela diminuição de associadas.

O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* possui um estatuto que normatiza a participação das mulheres no grupo. Dentre as normas, vale ressaltar que as integrantes devem ser maiores de dezoito anos, do sexo feminino, associadas, frequentar as reuniões de assembleia-geral, justificar sua ausência caso não compareçam à mesma, zelar pelo patrimônio do clube de mães, entre outras. O estatuto também faz referência à necessidade de, anualmente, promover assembleia-geral e a eleição para os cargos de diretoria e conselho fiscal. Entre os cargos de diretoria estão o de presidente e o de vice-presidente, e os demais são da confiança das duas eleitas. A presidente poderá concorrer à reeleição por mais um ano.

Entre os documentos verificados sobre o clube observamos que ele possui CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), RAIS (Relação Anual de Informações Sociais),

² Os esposos, pais e irmãos das mulheres participam da diretoria do CTG (uma diretoria masculina).

atestado de regulamentação para se manter funcionando, conforme decreto legislativo nº 81, de 2004, certidão de pessoa jurídica sem fins lucrativos registrado sob nº 949, fls. 024, do livro “A” nº 5 da comarca de Santo Ângelo, e declaração de utilidade pública. Além desses documentos, há o livro de Ata que informa a descrição das reuniões ocorridas desde sua fundação.

A partir de todos esses dados recolhidos durante todo um período de aproximação ao campo de pesquisa escolhido, construímos o tema de pesquisa que se constituiu assim: “pedagogias na participação das mulheres de zona rural, de Santo Ângelo, em grupos orientados pela Emater/Ascar”.

Embora houvesse um objetivo inicial, pesquisar mulheres da zona rural, era necessário focar em uma pergunta que contemplasse a pesquisa. Esse problema, que instiga à pesquisa, ou essa pergunta, foi sendo construída no decorrer do processo.

Pesquisar mulheres de zona rural é um tema muito amplo. Foi preciso pensar na contribuição que essa pesquisa poderia oferecer à educação. Além disso, havia chegado ao grupo, por meio da Emater/Ascar, uma instituição que, de uma forma ou de outra, teria que ser contextualizada na pesquisa. Percebemos que era necessário triangular o clube de mães, a Emater/ Ascar e, conseqüentemente, a educação, pelo fato do mestrado ser nessa área do conhecimento. E, dentro da grande área educação, um recorte pela opção da linha de pesquisa na qual estávamos inseridas: educação e processos de exclusão social.

Com esse parâmetro de investigação, começamos a questionar: O que faz essas mulheres se encontrarem, sistematicamente, por tantos anos, enquanto outros grupos já se dissolveram? O que elas fazem no clube de mães além do artesanato? Como o clube de mães se organiza nas tomadas de decisões? Como é o funcionamento do clube? O que elas ganham em se reunir? Que saberes circulam no clube de mães? Que experiências trocam? Que diferenças existem entre essas mulheres?

No *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, elas não recebem cestas de alimentos por parte do Estado ou do Município para se reunirem, aumentado, assim, a curiosidade de investigar o que circulava de conhecimento, de saberes, que mantêm o vínculo e a sistemática de se reunirem nesse grupo de mulheres.

Delineamos o estudo escolhendo alguns objetivos que acreditamos ser importantes na construção da pesquisa. O principal objetivo foi identificar e compreender quais as pedagogias produzidas no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, da zona rural de Santo Ângelo, que contribuem para manter a participação em grupos orientados por entidades como a Emater/Ascar. Dando prosseguimento à pesquisa, pretendemos: 1) identificar qual o lugar do grupo “Mulher Gaúcha” da zona rural de Santo Ângelo na produção da agricultura familiar regional; 2) observar quais pedagogias eram produzidas nesse grupo de mulheres da zona rural de Santo Ângelo; 3) analisar os efeitos da orientação da Emater/Ascar sobre esse clube de mães da zona rural de Santo Ângelo.

Com essas perguntas fomos caminhando e emoldurando a pesquisa. A iniciativa de ir a campo, logo no início do projeto, auxiliou-nos a pensar e a elaborar o problema de pesquisa que ficou assim definido:

Quais pedagogias produzidas pelas mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, da zona rural de Santo Ângelo, contribuem para manter a participação em grupos orientados por entidades como a Emater/Ascar?

A questão norteadora dessa pesquisa pressupôs que todos os grupos, de uma forma ou de outra, produzem pedagogias e, nesse caso, nesse grupo de mulheres (*Mãe Gaúcha*), verificamos que existe mais de uma. Ao falar em *pedagogias*, podemos associar-nos a Paulo Freire que entendia a pedagogia como um conceito plural e que se recria conforme o contexto. É possível identificarmos essa pluralidade do conceito nos títulos dos seus livros: *Pedagogia do oprimido* (1981); *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido* (1992); *Pedagogia da autonomia* (1996); *Pedagogia da indignação* (2000).

Ao problematizar as pedagogias produzidas no *Clube de Mães Mulher Gaúcha* e, conseqüentemente, a permanência histórica desse *clube de mães*, o autor José de Souza Martins cita o que acontece nas lutas sociais das comunidades camponesas:

As atividades e lutas sociais tendem a ser lutas verdadeiramente comunitárias, motivadas pelo sentimento do dever em relação ao outro, pelo elementar motivo de que o próprio camponês é membro do corpo coletivo do “nós”, de que o outro faz parte. São relações de reciprocidade, motivadas por uma orientação social básica que tem o outro como referência (MARTINS, 2002 p.80).

Essa contribuição de Martins está em consonância com as observações que obtivemos nos primeiros contatos com o clube de mães. O quanto a comunidade rural possui

uma necessidade de estar reunida, de partilhar as felicidades e as tristezas que as famílias vivem. Podemos questionar que saberes circulam nesse ambiente, nessas relações? “Não há uma forma única de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o único praticante” (BRANDÃO, 1981, p.9).

“Educação é vida, não preparação para a vida. Muito antes que houvesse escolas houve educação” (DEWEY, 1980 p.131). Portanto no clube de mães temos uma educação em um espaço não formal que nos instigou a pesquisar as pedagogias que são produzidas por essas mulheres rurais.

Durante esta pesquisa, foi possível constar um desacomodamento no pensar e, conseqüentemente, no agir profissional-psicóloga com uma abordagem e estudo em psicanálise. Pesquisadora iniciante nas leituras teóricas de Simone de Beauvoir (1949), Frida Kahlo (2008), Maria Rita Khel (1998), Andréa Nye (1995), Carole Pateman (1993) e Heleieth Saffioti (1995). E em leituras na área da educação, principalmente nos livros de Paulo Freire, possibilitaram um viver e um escrever as histórias de um grupo e assim construir este trabalho.

Esta dissertação está organizada em introdução e três capítulos. Na descrição desta pesquisa, utilizaremos as siglas Emater/Ascar em virtude de as duas instituições estarem interligadas na sua constituição e organização. A introdução é contextualiza e traz o local da pesquisa, os sujeitos envolvidos, o tema, os objetivos, o problema de pesquisa e a questão norteadora.

O primeiro capítulo indica o interesse pelo tema pesquisado, bem como sua relevância à sociedade e à comunidade científica. Neste capítulo, também é possível identificar os referenciais teóricos que contribuem para a realização da dissertação e a articulação desses às questões que se encontram durante o processo de pesquisa. Mostramos a metodologia que compõe a pesquisa, os caminhos percorridos no processo e as aproximações no campo que foram realizadas. Este capítulo oferece um apanhado da instituição Emater/Ascar e da funcionária dessa instituição que trabalha com os clubes de mães de Santo Ângelo oferecendo cursos.

O segundo capítulo foi desenvolvido a partir das leituras em Paulo Freire. Este descreve as pedagogias implicadas no modo de pesquisar, verificando a pedagogia vivenciada pela pesquisadora quando se deparou com os modos de ouvir, observar, estar e participar num grupo. Em relação a estar/ participar, além da contribuição de Paulo Freire com suas pedagogias, iniciamos uma interface de análise a partir da perspectiva da psicanálise.

O referido capítulo propõe, ainda, discutir o processo de construção/ desconstrução de saberes vivenciado na pesquisa pela pesquisadora. Esses processos de pesquisa vivenciados no decorrer da dissertação têm em vista a formação acadêmica da pesquisadora diante das diversidades de enxergar o material pesquisado em seus diferentes estágios.

No terceiro capítulo, buscamos fazer uma análise com base no material coletado nos encontros do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Organizamos a análise em três tópicos guias. São eles: o uso do dinheiro sempre em função da família; o pensar sobre si mesmas e sobre o grupo e a divisão dos trabalhos delas nas famílias . Temos, também, a seguinte discussão: feminismo, psicanálise e pedagogia, parceiras na reflexão. Pedagogias possíveis – a extensão, a pesquisa e o ensino no desenvolvimento local.

Para encerrar a dissertação, propomos as considerações entendidas como os resultados encontrados e, para além da investigação acadêmica, a possibilidade da sequência deste tipo trabalho apontando para algumas alternativas a serem desenvolvidas no clube de mães que possam envolver mais pessoas da comunidade.

1. RECONTAR PARA REFLETIR

Com a palavra, o homem (sic) se faz homem (sic). Ao dizer a sua palavra, pois, o homem (sic) assume conscientemente sua essencial condição humana (FIORI in PAULO FREIRE, 2005, p.12).

Numa releitura inclusiva: com a palavra, o ser humano se faz ser humano. Ao dizer a sua palavra, pois, o ser humano assume conscientemente sua essencial condição humana.

O ser humano se faz homem ou mulher quando se utiliza da palavra como mediadora do conhecimento e propicia a participação na discussão de sua vida. A vida humana é permeada pela educação, seja nos bancos escolares, ou seja no decorrer da vida nos mais diversos espaços. No momento em que nos damos conta da capacidade do ser humano de ensinar e aprender, também vislumbramos os atravessamentos que surgem nessa caminhada. Assumir uma posição diante de nós mesmos como pessoas na sociedade, reivindicarmos um espaço de participação social, espaço educativo, não é nada tranquilo, exige que nos coloquemos em disputa e confrontação social.

Para que ocorra a participação social, é necessária uma ação libertadora, como sugere Freire (2005), que, ao reconhecer a dependência da pessoa oprimida, deve exercitar uma ação-reflexão, transformando-a em pessoa autônoma.

O caminho, por isso mesmo, para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária, não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles. Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização (FREIRE, 2005, p.61).

Abordando essa concepção de Freire, trabalhamos com o *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, da zona rural de Santo Ângelo. Oferecemos possibilidades de discussão das situações com as quais as mulheres convivem e, principalmente, a narrativa das suas vidas e experiências discutidas em grupo.

A pesquisa desenvolvida quanto ao caráter social permitiu oferecer às mulheres de zona rural um espaço de visibilidade onde puderam trazer às reuniões do clube de mães

situações vivenciadas no cotidiano, as quais são, muitas vezes, esquecidas ou não valorizadas. Nas palavras de Martins (2002, p.106), “afirmar sua identidade através do outro”.

Quanto à discussão teórica, a pesquisa poderá contribuir para ampliar o espaço de cidadania da mulher de zona rural, o que significa oferecer alternativas para lutar pelo que acredita. Ao trazer a discussão do espaço cidadão, é indispensável o que Eggert (2005) retoma na história:

[...] Na herança cultura ocidental, é preciso que voltemos nosso olhar para a paideia grego-romana e depois para a paideia cristã, nas quais encontraremos o apóstolo Paulo que orientava na mesma postura já conhecida e divulgada pelos Gregos e Romanos da época, ou seja: as mulheres deveriam manter-se caladas em público e, se, porventura, tivessem alguma dúvida, que consultassem seus maridos em suas casa. Durante toda a Idade Média, teremos uma vasta campanha para o silenciamento do saber e das palavras das mulheres. (EGGERT, 2005, p. 115-116)

Nessa perspectiva, pretendemos compreender o lugar que esse grupo, orientado pela Emater/Ascar, ocupa na zona rural de Santo Ângelo e, assim, buscar subsídios para entendermos como ocorrem os seus processos de participação e aprendizagem.

Os modos como vamos aprendendo a nos situar no mundo têm uma série de implicações no decorrer das nossas vidas. Por esses motivos, resgataremos algumas narrativas pessoais para situar a escolha do tema de pesquisa que pretendemos desenvolver.

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a sua educabilidade. (FREIRE, 1996, p.64)

As nossas raízes são de zona rural. O tema de pesquisa está diretamente vinculado a situações vividas em família. Nós agora, em um contexto acadêmico, pesquisamos para, de alguma forma, contribuir com essas mulheres que produzem seus saberes na região. Nesse aspecto, é possível que a academia possa ler essa vivência de mulheres de zona rural de Santo Ângelo e importar-se com o que elas têm a dizer para os mais diversos setores da sociedade.

Em relação à importância das mulheres rurais, Giuliani (2004) enfatiza a mobilização das mulheres rurais no fim da década de setenta. Elas lutaram arduamente na defesa e preservação do vínculo à terra, dando apoio aos maridos produtores para enfrentarem os proprietários rurais. A autora cita, ainda, que a organização delas acontece em pequenos

grupos, a maioria com uma matriz religiosa ligada às pastorais, mas também em grupos de matriz laica. Observamos nesta breve leitura o quanto estamos imersas e constituídas em uma sociedade androcêntrica, mesmo buscando outra compreensão de mundo. A escrita reproduz essa situação, pois, de um modo geral, entende-se que os maridos são os produtores e, nas entrelinhas, deixamos as mulheres como reprodutoras, como apoiadoras dos maridos, postas numa situação de subalternas ou de rebaixamento. Em contrapartida, poderíamos escrever assim: as mulheres e os homens produtores enfrentam os proprietários rurais, ou ainda, as produtoras e os produtores enfrentam os proprietários rurais.

A leitura e a escrita sempre estiveram presentes na vida familiar. O carinho e o cuidado com os livros, mesmo os que não eram nossos, sempre fizeram parte de nossa vida. Quando criança, a experiência de rabiscar aqui e ali proporcionou a existência de ‘alunos ocultos’. Hoje avaliamos que existia uma aprendizagem própria nesse brincar. Segundo Mário Osório Marques (2001), escrevemos para interlocutores ocultos, e nossa escrita passa a se tornar parte de nós, e se reafirma quando circula na mão de outras pessoas. E, no caso das mulheres rurais, essa escrita, às vezes, fica distante. É preciso resgatá-la para que as experiências sejam visibilizadas. Para Eggert,

Para as mulheres, e talvez também para os homens, a necessidade de escrever sobre suas vidas não é um luxo, mas uma necessidade vital da existência. O poder de escrever a própria vida como um agente vivo é o poder de participar, potencial e atualmente, na determinação das condições culturais e institucionais (2004, p.56).

O escrever nos possibilita ir além. Organiza nossas ideias e oferece um deslize por caminhos, muitas vezes, não pensados ou sistematizados. Oferece “caminhar por ruas não conhecidas” que vão sendo traçadas a cada momento. O escrever também organiza nossa relação com o mundo. Pois é possível pensar e transpor nossas barreiras, buscar uma construção de mundo pessoal. Podemos ler e ser lidos. Necessitamos do olhar do outro em nossas produções para nos constituirmos como sujeitos.

Ao resgatar as memórias de experiências vividas, percebemos o quanto aprendemos com a nossa mãe. Ela não concluiu a quinta série do ensino fundamental, nem mesmo meu pai, mas a memória dela sentada num sofá, lendo, é recorrente. Ela aproveitava os dias de chuva para ler porque nos ensolarados o trabalho na horta era árduo. Por isso, somente à noite, antes de dormir, enquanto fazíamos os temas de casa, ela tinha tempo para ler. Em casa não

tínhamos energia elétrica. A luz era a lampião ou a vela. Mesmo assim, em meio à penumbra, as letras faziam parte de nossa vida.

Como a pesquisa visa ouvir as histórias de um grupo de mulheres, escrevemos um pouco de nossa história de vida, sobre o que aprendemos na escola e com a família. “[...] quem pesquisa acaba por se ouvir e, ao fazer isso, vai abrindo espaços de escuta no longo caminho da construção dos conhecimentos (EGGERT 2003, p. 10)”. Josso (2004) também entende que a narrativa de si como um princípio metodológico de pesquisa.

No texto “O Sexo das Letras”, Machado (2000) retoma os ensinamentos de Barthes que, segundo ela, merecem ser resgatados pela profundidade com que ele os trata. Segundo Barthes, passar pela vida sem que nada conte ou que tenha peso, se torna algo muito superficial. Dessa forma, entendemos que o ato de escrever se torna fundamental, encontra o caminho de conhecer e de reconhecer o que passou e o que poderá vir do encontro com o outro.

1.1 O estado da arte sobre esse tema

No decorrer do processo de pesquisa bibliográfica encontramos vários assuntos sobre o feminino, a mulher, as professoras rurais, a escola rural, os movimentos rurais, as mulheres camponesas, a agricultura familiar e o desenvolvimento regional. Mas nenhuma tese, dissertação ou artigo que tratasse especificamente sobre as pedagogias produzidas por mulheres das áreas rurais.

Destacamos o projeto do Governo Federal, criado em 2007, através da SETEC³ – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Esse projeto se justifica justamente por

³Pesquisa realizada no site do Ministério da Educação: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/index.php?option=com_content&task=view&id=829&Itemid=940 Acesso em 07 de janeiro 2009. “O Mulheres Mil beneficiará uma concentração setorial desfavorecida nos mais diversos aspectos: formação, autonomia e alternativas de inserção no mundo do trabalho. Vários dados apontam a relevância de implantar políticas públicas de educação/trabalho nessas localidades. No que diz respeito à educação, apesar de a média nacional de alfabetização ter chegado, em 2006, a 90,4%, apenas 81,1% dos nordestinos são alfabetizados, segundo dados da Pnad 2006 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). Em segundo lugar, vem o Norte, onde 10,3% das pessoas com mais de 10 anos não sabem ler ou escrever. Entre os maiores de 25 anos, as taxas de analfabetismo são ainda mais altas: chega a 26,8% no Nordeste e 15% no Norte. Outra questão que chama a atenção é o número de mulheres que assumem o papel de chefe de família. De acordo com IBGE, o Brasil tem 18,5 milhões de mulheres nessa condição. O Norte tem o maior número de lares sustentados por essa parcela da população em todo o país, com 32,4%. Já no Nordeste este índice é de 32%, e a região é historicamente reconhecida por ter uma distribuição de renda altamente desigual, alto desemprego ou índice de emprego informal e os mais baixos níveis de participação feminina na força de trabalho. No Norte, encontra-se alta concentração de comunidades indígenas e de famílias lideradas por mulheres.”

perceber a importância da mulher no sustento da família, entre outras áreas sociais. No site da UNISINOS, link base de dados, opção ANPED, foram pesquisadas as reuniões anuais da 23ª do ano de 2000 a 30ª do ano de 2007, nos GT3 (movimentos sociais, educação) e no GT 23 (grupo de estudos gênero, sexualidade e educação). Nessas respectivas reuniões, não encontramos nenhuma alusão sobre esse assunto.

Na biblioteca da URI, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Santo Ângelo, URL⁴, on-line no link teses, dissertações e TCC, pesquisando no buscador mulher rural e desenvolvimento regional, encontramos o trabalho de conclusão de curso de Michele Diel (2006) com o título: “Projeto Rota Missões”, que tem como principais assuntos abordados o turismo - Rio Grande do Sul - desenvolvimento regional, potencial turístico e projeto Rota Missões. Esse TCC é do curso de Geografia. Além desse trabalho não encontramos nenhuma pesquisa com o tema desenvolvido em nossa pesquisa.

Ao realizar a pesquisa on-line nas universidades da região, foi encontrado na UNIJUÍ, na cidade de Ijuí RS, a 40 km de Santo Ângelo, o curso de pós-graduação stricto sensu intitulado Desenvolvimento Regional, escrito por quatro Departamentos da UNIJUÍ: DECon - Departamento de Economia e Contabilidade; DEAg - Departamento de Estudos Agrários; DEJ - Departamento de Estudos Jurídicos; DEAd - Departamento de Estudos da Administração.⁵

No curso de mestrado em Desenvolvimento Regional, da UNIJUÍ há quatorze dissertações em 2008, vinte e oito em 2007 e trinta e uma em 2006, todas vinculadas ao tema desenvolvimento regional. Dentre essas setenta e três dissertações, nenhuma possui um direcionamento comparado com a proposta de pesquisa que desenvolvemos em Santo Ângelo, no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. As dissertações pesquisadas possuem uma proposta de investigação ligada às três áreas de concentração: Direito, Cidadania e Desenvolvimento; Gestão de Organizações para o Desenvolvimento; e Integração Regional e Desenvolvimento Local Sustentável.

⁴ URI- Biblioteca on-line. Disponível em:

<<http://bisauri.urisan.tche.br/biblioteca/php/pbasbi.php?titulo=Pesquisa%20Básica> > Acesso em 10.abr.2008.

⁵ UNIJUÍ – Mestrado em Desenvolvimento. Disponível em:

http://www.unijui.edu.br/index.php?option=com_content&task=view&id=493&Itemid=809 Acesso em 13. dez. 2008.

Ainda em relação à pesquisa on-line, no banco de dados da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul -, no link dissertações UNIJUÍ URL⁶ no curso de pós-graduação, em nível de mestrado em educação e nas ciências, encontramos vinte e seis dissertações do ano de 2008, vinte e nove no ano de 2007 e vinte e três do ano de 2006. Dentre essas dissertações, temos a de Marcia Terezinha Breitenbach (2007) com o título: “Como a Extensão Rural Desenvolvida Pela Emater/RS Ascar Trabalha com as Culturas Locais: a Experiência do Trabalho com Mulheres no Município de Garruchos/RS”. Essa dissertação pesquisa singularidade de uma prática extensionista e os paradigmas que lhe dão sustentação, bem como as metodologias utilizadas. A pesquisa da Márcia Breitenbach aproxima-se em relação a nossa no que diz respeito à escolha dos sujeitos: mulheres rurais. Descreve nomeando grupo de mulheres. Nossa pesquisa teve como objetivo identificar as pedagogias produzidas pelas mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* da zona rural de Santo Ângelo que contribuem para manter a participação em grupos orientados por entidades como a Emater/Ascar? Breitenbach utilizou em sua pesquisa questões avaliando o currículo extensionista da Emater/ Ascar, o que não é o nosso caso na pesquisa ora realizada.

A pesquisa que desenvolvemos no clube de mães durante um ano teve vários momentos: observar as oficinas e participar de oficinas, organizar o grupo de discussão, participar de comemorações festivas, aprender trabalhos de artesanato e outras atividades que estão descritas neste trabalho. Tivemos muitos momentos de discussão sobre a realidade em que elas, agricultoras, estão inseridas e o forte posicionamento delas enquanto mulheres e seus espaços de atuação na comunidade rural e na família.

Desde a construção do projeto até as considerações finais, temos como autores referenciados Paulo Freire, permeando principalmente a discussão das pedagogias, e no campo da teoria feminista, temos Andréa Nye (1995), Carole Pateman (1993), Ivone Gebara (2006) e Edla Eggert (2003,2004,2005,2007), cujas autoras oferecem bases teóricas na contextualização e na análise do que foi possível pesquisar nesse clube de mães. Dessa forma, foi possível identificar o recorte de pesquisa, o qual optamos dentre os demais que encontramos nos bancos de dados.

⁶ UNIJUÍ - dissertações . Disponível em:
<http://www.unijui.edu.br/component/option,com_wrapper/Itemid,1456/lang,iso-8859-1/ Acesso em:
27.dez.2008

No mesmo site, citado anteriormente, encontramos a dissertação de Ari João Anschau (2008) intitulada: “A Participação da Mulher nos Espaços da Organização Cooperativa - Um Estudo de Caso da Cotrimaio”, a qual apresenta a discussão sobre o tema. Essa dissertação apresenta a participação da trabalhadora rural e direciona seu olhar para dentro da Cooperativa Agro-Pecuária Alto Uruguai Ltda COTRIMAIO. O ponto de partida para essa análise é o projeto de desenvolvimento e capacitação da mulher agricultora para a gestão da propriedade e o cooperativismo. Verifica se esse projeto modificou a rotina das agricultoras/alunas no que tange à participação dentro da cooperativa em seus vários fóruns – assembleias e núcleos representativos.

Em pesquisa on-line, realizada no banco de dados da UNISINOS, no link teses e dissertações UNISINOS URL⁷, foi possível encontrar a tese de Losandro Antônio Tedeschi (2007) com o título: “Mulheres camponesas da região noroeste do Rio Grande do Sul: identidades e representações sociais (1970- 1990).” Essa tese faz referência ao assunto das trabalhadoras rurais na região Noroeste do RS e examina as influências recebidas do discurso da Igreja Católica e do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais.

No mesmo site, encontramos a dissertação de Anelise Dutra Santos (2005) intitulada: “Emílias e pinóquios: um olhar pedagógico sobre o entrelaçamento do sexismo, gênero e sexualidade nos modos de aprender a ser mulher e a ser homem.” Essa dissertação teve como objetivo analisar através de depoimentos de mulheres-professoras, configurações sobre a sexualidade na escola, bem como ampliar o universo para debates/embates buscando e aguçando uma construção/desconstrução de seres humanos, diferentes da representação social e cultural estabelecida nos discursos sexistas referendados pela lógica do patriarcado.

Encontramos, ainda, no site UNISINOS, no link tese e dissertação, o trabalho de Ângela Ester Mallmann Centenaro (2004), cujo título é: “O imaginário da mulher no cooperativismo no Rio Grande do Sul: o caso de Pinhal Alto, Nova Petrópolis- RS.” Essa dissertação propõe retratar o imaginário das mulheres em relação ao cooperativismo. O objetivo foi verificar como as mulheres percebem as modificações que estão ocorrendo no mundo do trabalho rural e urbano.

⁷ UNISINOS – teses e dissertações UNISINOS. Disponível em: <<http://bdtd.unisinos.br/tde.busca/index.php>> Acesso em: 12. abr. 2008.

Na base de dados UNISINOS, teses e dissertações, na opção IBICT URL⁸, colocando no buscador - mulher rural - encontramos as seguintes teses e dissertações: A tese de Izaura Rufino Fischer (2004): “O protagonismo feminino no contexto da dominação: um estudo no acampamento do Engenho Prado”. Esse estudo versa sobre a situação da mulher rural. Tem o objetivo de analisar a construção/(re)construção da identidade feminina no acampamento rural do Engenho Prado, na Zona da Mata, em Pernambuco.

A pesquisa da Sonilda F. da Silva Pereira (2002) não se refere à titulação. O título da pesquisa é: “De senhoras a mulheres trabalhadoras rurais: a desordem no MSTTR.” Essa pesquisa tem como assunto o gênero, a mulher e os movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra.

A tese da Rosely Cabral Giordano (1999), que se intitula “Educação e melancolia na formação da mulher: da gênese do autoritarismo aos limites da resistência”, tem como assunto principal a psicologia social, a mulher e o feminino, o trabalho rural, o sexo e a sexualidade, a escola de Frankfurt e o autoritarismo.

A tese da Nadia Maria Schuch Freire (1984), na área de economia rural e sociologia rural, intitulada: “Mulher, trabalho e capital no campo: um estudo da pequena produção em Cruzeiro do Sul – RS.” Possui os seguintes assuntos: mercado de trabalho, sociologia rural, economia, ciências sociais.

As próximas pesquisas bibliográficas que citaremos são dissertações de mestrado, também foram encontradas na UNISINOS, teses e dissertações, na opção IBICT.

A dissertação da Ofélia Cerinéia Brochado (1998) possui o título “Trabalho, saúde e reprodução da vida: a mulher boia-fria no mundo cindido de Paraguaçu Paulista.” Essa pesquisa trata dos seguintes assuntos: geografia humana, trabalho rural e trabalho da mulher rural (direito do trabalho).

Em relação à dissertação da Lúcia Beatriz Ressel (1995), “A cultura como mediadora na sexualidade da mulher rural”, defendida na Universidade Federal de Santa Maria, não tivemos acesso aos dados da referida pesquisa.

⁸ UNISINOS- bases de dados- teses e dissertações- IBICT. Disponível em: <<http://btd.ibict.br>> Acesso em: 12. abr. 2008

Da mesma forma, a dissertação do Inácio Hugo Rockenbach (1995): “A mulher na administração da empresa familiar rural: o caso de um grupo de gestão agrícola em Santa Catarina”, defendida na Universidade Federal de Lavras; apenas faz referência ao assunto mulher rural.

Além da pesquisa da Márcia Breitenbach, citada anteriormente, temos a pesquisa da Patrícia Ávila da Costa que também se aproxima do assunto que estamos investigando. A pesquisa de dissertação da Patrícia Ávila da Costa (2007) “Janela das andorinhas: a experiência da feminilidade em uma comunidade rural” foi defendida na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Essa dissertação investiga a experiência da feminilidade em uma comunidade rural, sob a ótica da psicanálise. Discute os conceitos de sexualidade feminina e feminilidade em Freud, apresentando, a seguir, uma nova concepção psicanalítica sobre o assunto de feminilidade. Essa pesquisa aborda diferentes concepções históricas sobre a mulher. A autora conclui a pesquisa com uma apresentação sobre a mulher rural brasileira.

Teremos como sujeitos da pesquisa o clube de mães da zona rural de Santo Ângelo. Não trabalharemos com as histórias de vida das mulheres participantes do clube e sim com o grupo e sua história, bem como as pedagogias que circulam nesse clube. Embora as pesquisas possuam traços semelhantes, a nossa se diferencia por possuir objetivos, metodologia, referencial teórico e discussões diferentes em relação aos da autora citada.

No período de 1976 a 1991, encontramos algumas dissertações de mestrado que no título consta mulher rural, entretanto os dados mais detalhados dessas pesquisas não estão disponíveis via on-line, impossibilitando, portanto, nosso acesso.

Ao realizarmos pesquisa on-line na UNISINOS –base de dados- opção ricesu⁹, na busca utilizamos as palavras mulher rural, feminino e mulher. Foram encontrados os seguintes artigos:

O artigo da Heloisa Selma Fernande Capel (2004), “A cozinha como espaço de contrapoder feminino.” Trata do poder feminino em Goiás, valendo-se da análise da cozinha no mundo rural. Retrata a importância dos espaços domésticos.

⁹ UNISINOS- base de dados- ricesu. Disponível em: < <http://arte.ricesu.com.br>> Acesso em: 17. abr. 2008.

O artigo da Marina Haizenreder Ertzogue (2004), “Conversando com Raimunda”, relata as diferenças de gênero com base no diálogo entre dona Raimunda Gomes da Silva, líder rural, quebradeira de coco e feminista da região do Bico do Papagaio, Estado de Tocantins, e autora desse artigo.

O artigo da Lígia Albuquerque de Melo (2004) “A mulher agricultora sertaneja e a família: mudança e continuidade” trata sobre as mudanças na instituição família, inclusive na rural. Relata os valores tradicionais da família rural nordestina sertaneja. O objetivo do estudo é analisar modificações e permanências presentes no perfil e na família da mulher agricultora sertaneja.

O artigo do Valmir Luiz Strapasolas (2004), “O valor (do) casamento na agricultura familiar”, faz referência ao significado e à importância do casamento na agricultura familiar, particularmente as representações assumidas por homens e mulheres.

Outro trabalho encontrado foi o da Lígia Albuquerque de Melo e Fundação Joaquim Nabuco (2002) intitulado “Injustiça de gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar”. Nesse estudo, é relatada a agricultura familiar no Brasil e a não visibilidade da mulher, tida como ajudante e não reconhecida pela família na região Nordeste do Brasil.

Registra-se, também, o trabalho da Nilce da Penha Migueles Panzutti (1996), “Mulher rural: eminência oculta”, que apresenta os seguintes temas: 1) contribuir para a compreensão do significado social do trabalho feminino; 2) levantar a discussão da problemática da mulher rural face à modernização agrícola; 3) verificar o desempenho de um grupo de mulheres na produção familiar do algodão e 4) analisar os efeitos que a modernização da agricultura trouxe às mulheres de Leme.

No site da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus de Santo Ângelo, URL¹⁰, no link pesquisa básica, existe o artigo “Desenvolvimento regional: os resultados da mais profunda radiografia sobre as desigualdades regionais já realizadas no RS e projeções para 2015”, cujo artigo não referencia o autor.

¹⁰ URI- Biblioteca on-line. Disponível em:

<<http://bisauri.urisan.tche.br/biblioteca/php/pbasbi.php?titulo=Pesquisa%20Básica> > Acesso em :27. dez.2008.

Ainda em pesquisa on-line, no banco de dados da UNIJUÍ URI¹¹, no link publicações, encontramos o artigo “Transformação educacional e desenvolvimento regional: apontamentos para debate”. O mesmo também não faz referência ao autor.

No mesmo site, na opção pesquisa – grupo de pesquisa, encontramos o projeto de pesquisa coordenado pelo doutor Antonio Inácio Andrioli. O projeto intitula-se: “Tecnologia e agricultura familiar: uma relação de educação”. O referido projeto de pesquisa procura investigar os processos de educação e aprendizagens resultantes da construção coletiva de tecnologias socialmente e ecologicamente apropriadas à agricultura familiar da região fronteira noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Pesquisando sobre a temática mulher rural e desenvolvimento regional, vinculados principalmente ao local onde foi desenvolvida a pesquisa, esses foram alguns artigos encontrados. É importante enfatizar que, com relação à especificidade do local a ser pesquisado, temos publicações de livros¹² que se referem ao desenvolvimento regional, entretanto possuem outra perspectiva de trabalho do que a escolhida aqui. Acrescenta-se, ainda, que, na pesquisa on-line e impressa, observamos uma boa quantidade de trabalhos que existem sobre a mulher em vários âmbitos e áreas do conhecimento.

1.2 Descrição das aproximações ao campo

A vivência realizada no *Clube de Mães Mulher Gaúcha* e a autorização das participantes associadas possibilitaram a escrita sobre essa experiência. Essa participação está vinculada ao papel desta pesquisadora que, por mais de um ano, esteve junto com essas mulheres, as quais colaboraram com a realização da pesquisa e, conseqüentemente, com a finalização desta dissertação de mestrado.

Em vista disso, fizemos uma descrição do processo que entendemos como relevante para o entendimento do que foi trabalhado nesse etapa da pesquisa. Nessa perspectiva, descrevemos o processo de conhecimento do campo pesquisado, bem como os primeiros contatos com as mulheres envolvidas na investigação e a instituição Emater/Ascar. É traçada ainda uma linha de construção de parâmetro de pesquisa, tendo como visão guia articular a

¹¹UNIJUÍ- Biblioteca on-line Disponível em: <http://www.unijui.edu.br/content/view/3442/3481/lang,iso-8859-1/>
> Acesso em :11.dez.2008

¹² BAQUERO, Marcello; CREMONESE, Dejalma (org). **Desenvolvimento Regional, democracia local e capital social**.Ijuí, Ed. Unijuí, 2008.

teoria e a prática. Convém salientar que a pesquisa, desde seu início, esteve costurada com a pesquisa de campo. O trabalho de investigação foi tecido em uma dimensão com muitas participações. Essa vivência, desde a concepção do projeto até a finalização da dissertação, sempre esteve articulada às reuniões que continuaram ocorrendo semanalmente no clube de mães, observadas de forma participante. A participação ocorreu no período de outubro 2007 a setembro de 2008, sistematicamente. Tivemos intervalo das férias de dezembro de 2007 a março de 2008, porém com algumas reuniões agendadas, nesse período. Para ser possível a escrita em outubro de 2008, foi preciso um distanciamento físico do clube de mães, justamente para sistematizar, observar e analisar todo o material colhido durante esse intenso trabalho dedicado a escuta dessas mulheres. Na descrição e análise da especificidade desse clube de mães, buscou-se, na medida do possível, uma dimensão de construção da pesquisa sem prejudicar e sem influenciar os resultados da mesma. As gravações de áudio realizadas com gravador digital, as transcrições sob o método de gravação que nos foi apresentado por meio de Wivian Weller (2006), as anotações em diário de campo da pesquisadora e as documentações obtidas no *Clube de Mães Mulher Gaúcha* foram as informações de pesquisa obtidas que, por meio e auxílios da orientadora, mapeamos e, conseqüentemente, analisamos e escrevemos.

No cenário da pesquisa, é necessário algo que nos motive a investigar, que nos faça sair da zona de conforto e ir em busca do que nos inquieta nesse mundo. É estar o suficientemente inquieto com as perguntas que nós mesmos nos fazemos e queremos buscar-lhes uma compreensão. Pesquisar não significa, necessariamente, encontrar respostas, mas é o movimento de procurá-las. Compartilhamos da ideia de Streck (2006, p.259): “A pesquisa é um ato e uma forma de pronunciar o mundo”. É também com a forma com que o pesquisador percebe este mundo. “Fazer uma pesquisa significa pôr ordem nas próprias ideias” (GOLDENBER, 2005, p.68).

Em busca de uma pesquisa que se direcionasse para as mulheres da zona rural, por meio de uma palestra oferecida na URI, no mestrado em Educação, conhecemos um pouco do trabalho da Emater/Ascar, principalmente o que é realizado em Santo Ângelo. Em virtude disso, soubemos que havia um trabalho com vários grupos de mulheres da zona urbana e rural. Dessa forma, fomos em busca de mais informações sobre o assunto. O primeiro contato com a Emater/Ascar foi diretamente no escritório de Santo Ângelo. Buscamos conhecer o trabalho da instituição com as mulheres em Santo Ângelo. O coordenador do escritório da

Emater/Ascar em Santo Ângelo, sugeriu que entrasse em contato com a funcionária por telefone, e explicasse-lhe sobre o interesse de pesquisar.

Em conversa com a funcionária, responsável pelos cursos oferecidos pela Emater/Ascar, na cidade de Santo Ângelo, agendamos para o dia quatorze de setembro de 2007 a primeira reunião, para que eu explicasse o que estava pensando pesquisar, e a sugestão dela quanto ao local de pesquisa e do acesso ao mesmo. Nessa reunião, apresentamos um perfil geral de pesquisa e sondamos a possibilidade de nos vincularmos ao grupo a partir da Emater/Ascar, pois sabíamos da importância do trabalho. A técnica da Emater/Ascar foi bastante acessível e marcamos uma visita a um dos clubes de mães.

O primeiro encontro com os grupos foi em uma reunião das representantes de todos os sessenta clubes de mães que há em Santo Ângelo, atendidos pela Emater/Ascar. Igualmente estava presente na reunião a representante da Secretaria de Assistência Social do Município.

Nessa ocasião, percebemos que, além da orientação da Emater/Ascar, a prefeitura de Santo Ângelo estava também envolvida por meio da secretaria de Assistência Social na entrega dos donativos, oriundos da Receita Federal. Segundo informações que buscamos, algum tempo atrás, os produtos eram entregues na Câmara de Vereadores da cidade, cujas entregas ocorreram em outro mandato municipal. Como surgiram comentários que o prefeito da época estava usando os donativos da Receita Federal com o fim de se promover, o delegado da Receita Federal retomou a distribuição dos donativos aos clubes de mães. Mesmo assim, não agradou a todos. Surgiram boatos de alguns serem mais favorecidos que outros. Todos esses problemas de distribuição foram resolvidos pelo delegado da Receita Federal de Santo Ângelo quando determinou que se encaminhasse à Secretária de Ação Social do Município e ela que realizasse a distribuição aos clubes. Além disso, a secretaria tem um lugar de cobrança e vigilância sobre os grupos. Nessa reunião, foram enfatizados os critérios para as famílias continuarem participando dos auxílios assistenciais do governo federal, como, por exemplo, o da bolsa escola.

Nesse contexto, é importante salientar a vulnerabilidade social em que o clube de mães se encontra. Existe uma pressão dos órgãos públicos quanto à organização dos grupos, pois para ganharem alguns auxílios da prefeitura, necessitam prestar conta do encaminhamento dado aos donativos. Essa situação reitera que na sociedade estamos sempre sendo controlados, cujo controle acontece nos mais variados âmbitos sociais.

1.2.1 O que é Emater/ Ascar?

A partir da necessidade de entender um pouco do trabalho da Emater/Ascar, buscamos no site¹³ da instituição algumas informações sobre o trabalho da entidade. A ASCAR foi fundada no dia 2 de junho de 1955, órgão que inaugurou o movimento com a zona rural. É uma associação de caráter filantrópico e privado, com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), independente da Emater, que possui outro número de CNPJ, considerada uma empresa pública.

Conforme informações do site, foi possível saber mais sobre essas instituições e, também, a partir de uma entrevista com a funcionária da Emater/Ascar, escritório de Santo Ângelo. A fundação da instituição se deu com a Ascar. Todos os funcionários a ela estão vinculados. É portanto, a organizadora da área de recursos humanos. Ascar, sendo privada e filantrópica, possui benefícios especiais destinados a esse tipo de órgão, como, por exemplo, os encargos sociais são menores ou inexistentes. Em Santo Ângelo, a Ascar foi inaugurada em 1957. A Emater foi incorporada à Ascar em 14 de março de 1977, criando um termo de convivência, com a qual a Ascar passou a prestar serviço à Emater. Esse convênio aconteceu para que não fosse necessária a constituição de uma nova empresa, pois isso significaria maior ônus aos cofres públicos.

A Emater/Ascar, atualmente, é mantida com recursos dos governos estadual e municipal, uma pequena parcela é recebida do governo federal que, segundo informações dos funcionários da mesma, equivale a menos de 5% do total arrecadado. O município oferece recursos à Emater/Ascar por meio de convênio contratual que, em nossa cidade, representa, por exemplo, o pagamento de água e luz, aluguel do prédio onde a empresa possui o escritório. Além disso, a prefeitura paga um percentual¹⁴ do salário dos funcionários do escritório de Santo Ângelo.

A Emater/Ascar também recebe recursos financeiros dos projetos encaminhados às entidades públicas. O valor recebido pelo projeto elaborado depende da tabela em vigor na Emater/Ascar.

¹³ Informações colhidas no site da EMATER: Disponível em: < <http://www.emater.tche.br/site/inicial/ptbr/php/>> Acesso em 2.dez.2007.

¹⁴ Segundo informações dos funcionários, esse percentual é decidido na contratação, porém não foi possível o acesso.

A Emater é uma instituição que está estruturada de forma escalonada, com sede em Porto Alegre. Santo Ângelo faz parte dos 45 municípios abrangidos pelo Escritório Regional de Santa Rosa. A equipe regional é composta de um corpo técnico de apoio aos escritórios municipais, chefiados por um gerente regional e por um gerente adjunto. Santo Ângelo também é sede da microrregião que abrange onze municípios com a supervisão regional de Amauri da Silva Coracini. A instituição atende os agricultores familiares, quilombolas, pescadores artesanais, indígenas e assentados. Um contingente superior a 250 mil famílias de assistidos com áreas em 485 municípios.

O município de Santo Ângelo, situado no noroeste do Rio Grande do Sul, tem uma população de 76.746 habitantes. Desse total, 11.844 são residentes do meio rural (fonte: IBGE, 2000). Possui uma área de 676,6 km², tendo em torno de 48 mil hectares de área agrícola. São 1.854 propriedades rurais, 90,5% possuem área de até 50 ha. As principais culturas do município são a soja, o milho e o trigo. Segundo dados do relatório da EMATER 2007, foram realizadas ações como o crédito rural, a bovinocultura de leite, a minhocultura, a fruticultura, as culturas de soja, trigo e milho, a irrigação e as ações de bem-estar social atreladas aos clubes de mães, num dos quais onde iniciamos a presente pesquisa. De janeiro a dezembro de 2007, foram elaborados 76 projetos técnicos agropecuários.¹⁵

As atividades que observamos, realizadas pela Emater/Ascar, estão direcionadas aos clubes de mães e às respectivas associações dos clubes (ACLUMASA). Há um incentivo ao artesanato como forma de agregar valor na renda familiar, além de buscar o elemento terapêutico. Segundo o Relatório Emater Santo Ângelo 2007, há uma preocupação em reunir as mulheres para estimular trabalhos, organizar e orientar um bom funcionamento desses grupos. Também a orientação quanto à alimentação e ao aproveitamento dos alimentos produzidos nas propriedades são constantes práticas da Emater/Ascar. O Dia Internacional da Mulher faz parte da programação da Emater/Ascar, juntamente com a prefeitura. Questões ambientais referentes a coleta seletiva do lixo, entre outras coisas, foram temas encontrados nesses documentos.

A partir da contextualização Emater/Ascar no Brasil, na região e em nosso município, apresentaremos um pouco da história da funcionária da Emater/Ascar e, na sequência, os primeiros contatos com as mulheres do grupo pesquisado.

¹⁵ Emater/RS-Ascar - Relatório do escritório Emater/Ascar Santo Ângelo, 2007.

1.2.2 Mulheres pesquisadas

O *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, localizado na zona rural de Santo Ângelo, RS, pertence ao distrito de Comandaí. Além do clube de mães, a pesquisa também teve envolvimento da extensionista da Emater RS/Ascar devido a sua participação no clube de mães prestando assessoria em cursos oferecidos pela Emater RS/Ascar.

A funcionária responsável pelos cursos oferecidos às mulheres completou 30 anos de atuação na instituição. Estava no segundo ano de graduação do curso de Letras, na cidade de Santo Ângelo, porém sua família morava em uma cidade próxima. Na metade do ano de graduação, foi convidada por um professor do curso para participar do projeto RONDON¹⁶. Segundo ela, envolvia vários estudantes de diversas áreas. Fariam um trabalho multidisciplinar com auxílio dos professores e do Governo Federal. Foi um projeto em que os estudantes iam a outros estados realizar o trabalho dentro de suas áreas de estudo. Lembrou que não sabia direito o que iria fazer, mas foi uma espécie de estágio durante quinze dias na cidade de Anchieta, Santa Catarina¹⁷. Quando retornou à cidade, a mãe comunicou que a havia inscrito num concurso que seria realizado em Porto Alegre. No mesmo dia que chegou do Projeto RONDON, embarcou no ônibus e se deslocou à Capital para realizar a prova da Emater/Ascar, não teve nem tempo de pensar se queria ou não. A prova, segundo ela, foi difícil, entretanto todos os conhecimentos adquiridos no projeto RONDON foram utilizados porque lá ela teve uma noção do meio rural, uma vez que a prova foi bem direcionada sobre os assuntos vistos no projeto. Assim, passou no concurso e teve quarenta dias de curso na

¹⁶ A extensionista participou do projeto RONDON em 1977. Em pesquisa na biblioteca da URI, não foi possível encontrar registro sobre o vínculo da URI com o projeto RONDON. Segundo informações colhidas no site do MEC, o objetivo do projeto RONDON era propiciar à juventude universitária conhecer a realidade deste país continental, multicultural e multirracial e, especialmente, de proporcionar aos estudantes universitários a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento social e econômico do País. O projeto surgiu em 1966, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, durante a realização de um trabalho de sociologia intitulado O Militar e a Sociedade Brasileira. Inicia a execução do projeto em 11 de julho de 1967, quando trinta estudantes e dois professores, entusiasmados com a nova ideia, partiram do Rio de Janeiro para o Território de Rondônia, a bordo de uma aeronave C-47 cedida pelo então Ministério do Interior. Era a Operação Zero, como ficou conhecida a primeira operação do Projeto Rondon, que tinha por objetivo levar os estudantes a tomar contato com o interior da Amazônia, sentir o Brasil e trabalhar em benefício das comunidades carentes daquela região. A equipe permaneceu na área por 28 dias, realizando trabalhos de levantamento, pesquisa e assistência médica. Projeto Rondon é um projeto de integração social coordenado pelo Ministério da Defesa e conta com a colaboração da Secretaria de Educação Superior. Primeiro coordenador nacional do projeto RONDON no Brasil foi Mauro Costa Rodrigues, do Ministério da Educação – MEC. (https://www.defesa.gov.br/projeto_rondon/index.php?page=origens Acessado em 21. abr. 2008)

Regiões de concentração do projeto RONDON: Polo Nordeste (Ceará e Piauí), Pantanal Matogrossense E Geoeconômica de Brasília. Em janeiro e fevereiro de 1977, foram encaminhados universitários de vários estados para 108 municípios daquelas áreas. As equipes eram formadas de 32 participantes, com atuação de 40 dias (FOLHETO PROJETO RONDON EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, p.16,1976).

¹⁷ Em pesquisa on-line não foi possível encontrar dados do projeto RONDON em Anchieta, SC.

Emater/Ascar e três meses de contrato para a atuação na instituição como estagiária. Com todo esse processo em andamento, ela parou de estudar o curso de Letras. Teve que ficar de 1978 a 1980 na cidade de Cândido Godói, quando conseguiu transferência para a cidade de Catuípe, na qual ficou até 1997, e pediu transferência a Santo Ângelo, onde está até agora. No ano de 2007, iniciou graduação a distância na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com aulas presenciais em Três Passos. O curso de graduação é de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, com duração de três anos.

Fomos apresentadas, pesquisadora e mulheres do clube de mães, pela funcionária da Emater/Ascar, em outubro de 2007. A partir de então, iniciamos a participação assídua às reuniões, com o intuito de conhecer o grupo e um pouco da realidade que elas vivem. Logo percebemos a acolhida em relação à pesquisa, isto é, não apenas o consentimento formal, como também o desejo de fazer parte de algo que, naquele momento, ainda não estava claro para elas o que era, mas que, de certa forma, endereçava a possibilidade de alguém ofertar uma possibilidade de discussão, de reflexão sobre suas vidas e aquele grupo.

Esse clube de mães foi selecionado entre sessenta clubes de mães que existem atualmente no município. Porém muitos são de zona urbana, o que não contribuía com o objetivo da pesquisa. A funcionária da Emater/Ascar sugeriu esse grupo, tendo em vista de as reuniões acontecerem nas quartas-feiras à tarde e por possuírem uma história de atividades há pelo menos dez anos.

No primeiro encontro (dia 24 de outubro de 2007), nos apresentamos e falamos do porquê de estarmos ali, do objetivo da pesquisa. Na sequência, se apresentaram e falaram onde moravam, se tinham filhos e quantos tinham, quais as atividades que realizavam. As mulheres foram se apresentando uma a uma. Naquele dia, havia dezenove participantes. Muitas delas, ao falarem das atividades que faziam, salientaram que não gostavam de cozinhar. Um grupo bem significativo fez essa afirmação e, ainda, sobre a chatice do trabalho da casa, a repetição de fazer todos os dias a mesma coisa. Quanto à participação nos encontros, disseram que aprendiam coisas novas, além dos artesanatos, a questão da convivência em grupo que, embora muitas não fizessem as atividades do grupo, vinham para conversar e tomar mate. Sentiam o grupo como uma família. Uma delas disse: “*Os homens lá em casa jogam futebol, eu venho no grupo*”. Elas disseram que estão tão acostumadas que,

quando não podem ir, sentem falta. Uma das mulheres mais velhas do grupo falou “*cada vez que venho aqui aprendo alguma coisa diferente, nunca volto do mesmo jeito que vim*”.

O local onde ocorrem as reuniões é um CTG, e também serve como igreja católica. O grupo argumentava que se tornaria muito caro manter dois locais, por esse motivo, utilizam o mesmo espaço físico. Todos os meses elas fazem uma escala das encarregadas de fazer o chimarrão para o grupo e de manter o local limpo, como também das encarregadas de levar o lanche. Dessa forma, vão se organizando. A Emater/Ascar, quando há disponibilidade e desejo do grupo, auxiliam-as somente com cursos.

O encontro seguinte ocorreu no dia 31 de outubro de 2007. Estavam presentes em torno de dez mulheres, poucas em relação ao primeiro. Havia duas que não tinham participado do primeiro. Nesse encontro, conversamos sobre a fundação do CTG, que aconteceu em 17 de janeiro de 1970. Na época, o prédio era de estilo quiosque e, com o auxílio da comunidade, foi sendo remodelado. O terreno do CTG foi doado por um senhor da comunidade. Cedeu uma parte de suas terras para a construção do mesmo.

Dando continuidade à reunião, surgiu a questão do êxodo rural. Os jovens, filhos dos agricultores, não têm permanecido na colônia, estão indo para a cidade. Segunda elas, uma das questões que podem ter influenciado essa decisão foi o fechamento da escola municipal que lá existia, a Escola São Roque. “A escola já faz um bom tempo que fechou por falta de alunos”, relatou uma participante, sendo que a prefeitura não conseguiu sustentar as despesas desse órgão de ensino. Com o fechamento da escola, as crianças dessa região vão para o Rincão do Sossego, que fica em torno de dez quilômetros dali, ou para a cidade, em torno de 20 quilômetros. Elas percebem que essa situação prejudicou a comunidade e provocou o êxodo porque a escola era um local de encontro para reunião com os pais ou mesmo para atividades da comunidade. “*Acho que depois do fechamento da escola as pessoas foram se afastando*”¹⁸, salienta uma das mulheres.

Segundo informações colhidas no clube de mães, existe em Santo Ângelo apenas uma escola estadual rural e está localizada na Buriti. Além de não haver um incentivo do governo para o ensino rural, também não existe auxílio municipal para a agricultura. Na

¹⁸ Sobre esse tema ver a dissertação de Adriana Kremer. Debulhando a pinha: educação, desenraizamento e o processo educacional dos sujeitos do campo no município de Bom Retiro/SC. Dissertação de Mestrado, UNIPLAC, 2007.

verdade, elas disseram que existe, incentivo, mas é tão pequeno que não dá nem para a manutenção das estradas.

Uma das mulheres do grupo contou que cursou até a quinta série na escola que ali existia. Quando terminou, seu irmão mais velho, que havia rodado um ano, terminou também. Então o pai deles disse que somente um poderia ir estudar na cidade. O escolhido foi o irmão, pois o transporte era caro e, segundo ela, naquela época, mulher não precisava estudar para ficar em casa tirando leite das vacas.

Tempo depois, ela foi trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo, onde realizou atividades no grupo dos jovens. Com o incentivo do pessoal do sindicato, fez supletivo, acabou o ensino fundamental e o ensino médio. Tentou vestibular com bolsa de estudo do PROUNI, por poucos pontos não passou. Iria cursar história, depois desistiu.

O encontro seguinte com o grupo ocorreu no dia 21 de novembro de 2007. Logo que chegamos ao local, uma das mulheres do clube de mães mostrou um material que selecionou sobre o trabalho que ela havia realizado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo um tempo atrás. Falou sobre a FETAG/RS e as lutas que as mulheres rurais haviam conquistado, como, por exemplo, o reconhecimento da profissão de agricultora que, antes de 1988, nos documentos constava como doméstica. Foi por meio dessas lutas que as mulheres conseguiram o reconhecimento da profissão.

Sobre esse assunto, forneceu a cartilha “Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documentos!” Entretanto somente percebemos a importância dessa cartilha quando a encontramos citada na tese do Dr. Losandro Antonio Tedeschi. Sobre o reconhecimento da profissão de agricultora, Tedeschi (2007) cita:

O reconhecimento da profissão e o acesso aos benefícios sociais obtidos pelas trabalhadoras rurais na constituição de 1988 significou o passo mais importante para a consolidação do MMTR, através da consagração do termo jurídico Trabalhadoras Rurais, que então passava a designar uma categoria profissional. Na medida em que as mulheres se organizam, passam a incorporar os discursos e práticas do Movimento Sindical Rural, não se outorgando um poder próprio, livre e autônomo,

mas atuando dentro de um imaginário masculino de crenças, ideologias, conceitos, valores, identidades e verdades.¹⁹

O autor analisa que, embora o salário maternidade tenha sido uma conquista da constituição de 1988, as mulheres da vida campesina obtiveram esse direito depois de muita luta no ano de 1993, aprovado em lei, regulamentado em 1994. Na cartilha constam os seguintes assuntos: a mulher descobrindo seu espaço; documento: um papel importante; veja como fazer para tirar seus documentos; o que representa o salário maternidade; salário maternidade, a história de uma conquista; conheça os seus direitos.

Uma das mulheres do grupo reuniu vários materiais para que pudéssemos conhecer mais a história do grupo. Entre eles estava uma revista de 2000, intitulada “Contra a Pobreza e a Violência Sexista”, que trata de um convite às mulheres para uma marcha mundial. Dentre os artigos da revista está a violência sexista.

Violência Sexista é aquela que a mulher sofre pelo fato de ser mulher e é exercida pelos homens. Tem suas bases na existência de relações desiguais entre homens e mulheres, que são sustentadas pela construção social do ser mulher como gênero feminino inferior ao ser homem como gênero masculino. As mulheres vivem uma situação de desigualdade em todas as esferas da sociedade e são consideradas subordinadas aos homens (MARILENA CHAUI *apud* MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES..., 2000, p.10).

Recebemos também o jornal informativo de 2000, março/abril, com o título: “Desperta Mulher”, no qual se divulga a mobilização nacional que reuniu três mil mulheres rurais em Brasília. Esse folheto aborda o 1º Congresso Estadual dos Jovens Trabalhadores (as) Rurais do MSTR, um jornal das moças de 1944, cartilha de formação e informação “Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documento (1994)”²⁰ e ainda alguns folhetos da participação dessa mulher em várias atividades em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, inclusive o da Constituição de 1988.

Foi também nessa reunião que as mulheres ensinaram a fazer bordado em fita. Iniciamos o trabalho manual com o auxílio delas. Foram divulgadas as atividades de encerramento do ano de 2007, que seriam na Fenamilho (parque de exposições), no dia 12.12.2007 e, junto, o convite a quem quisesse participar. Foi marcado, nesse encontro, o

¹⁹ TEDESCHI, Losandro Antonio. **Mulheres camponesas da região noroeste do Rio Grande do Sul: identidades e representações sociais (1970-1990)**: São Leopoldo UNISINOS, 2007, Tese, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS programa de pós-graduação em história, 2007.

²⁰ Pela falta de experiência em pesquisa, somente percebi a importância de toda essa documentação que a Dolores havia me trazido quando li a tese do Dr. Losandro Antonio Tedeschi (2007).

encerramento das atividades desse ano, com a sugestão para se fazer a amiga X²¹. A data de finalização ficou para o dia 11.12.2007.

No dia 28 de novembro, ocorreu mais uma participação da pesquisadora no grupo. Nesse encontro, teve um “Chá de Fralda” de uma das participantes do grupo, o quarto filho, a mãe com vinte anos de idade. Ficamos sabendo da confraternização um encontro antes, da qual, rapidamente, participamos. Cada uma levou um presentinho para o bebê e um prato de salgadinhos ou doce para confraternizar. Identificamos a preocupação das mulheres com a chegada de mais um bebê para essa jovem mãe. Ela tem poucas condições financeiras. E o grupo, da forma que pôde, contribuiu. Nessa tarde, ficamos em torno do chá de fralda, levamos câmera fotográfica e foram as primeiras fotos tiradas do grupo²².

No final, quando muitas das mulheres já tinham ido embora, uma delas desabafou suas angústias para as que ainda estavam ali. Iniciou falando da sua preocupação com sua obesidade e não conseguia emagrecer. Para confortá-la, falaram de várias dietas e maneiras de emagrecer. Ela, porém, disse que era muito nervosa, se preocupava com os pais que moram longe dela e por isso não tinha como ajudá-los. O pai era doente. Ela ficava toda noite pensando, se preocupava, não conseguia dormir direito e acabava comendo demais. Essa situação vivenciada pode ser relacionada com o que a autora Heleieth I. Saffioti refere a respeito da mulher.

Dado sua socialização, as mulheres tendem a ser muito provedoras no campo afetivo. Isto não significa deixar de lado tarefas de ordem material. Prover afetivamente envolve também o cuidar material. Trata-se de tarefas, muitas vezes penosas, que a mulher desenvolve para agradar, uma vez que lhe ensinaram a tentar agradar sempre. O cuidar feminino, isto é, realizar com carinho uma série de funções que beneficiam o companheiro e/ou filhos parece complementar o papel de provedor das necessidades efetivamente materiais da família desempenhado pelo homem (SAFFIOTI 1995 p.86).

²¹ Amiga X é uma brincadeira realizada em grupo com troca de presentes. O valor monetário de cada presente é acordado pelo grupo. São colocados os nomes das participantes separados em papelotes e dobrados para que não se possa ver o nome da pessoa. Os papelotes devem ser misturados. Cada participante pega um papelote, sem ver o nome da participante antes de desdobrar. Se pegar seu próprio nome, tem que trocar de papelote. Entrega para cada uma um papel. O grupo decide o dia para receber a amiga X. No dia marcado, é sorteado quem começa a brincadeira. Para entregar o presente à amiga X, antes descreve as características da pessoa amiga (faz uma descrição física ou psicológica, sem dizer o nome), o nome da pessoa é dito quando alguém do grupo adivinhar, senão, se vai dando pistas para o grupo ir pensando. Depois de conhecido a primeira amiga, essa dará continuidade à brincadeira, sucessivamente, até que todas sejam encontradas e ganhem seus presentes.

²² As imagens foram realizadas a partir do consentimento da gestante e de todo o grupo. Inclusive a gestante fez “pose” para as fotos. Combinei com elas que faria uma cópia das fotos em CD e levá-la-ia no próximo encontro.

O grupo se mostrou solidário querendo contribuir para solucionar os problemas da amiga. Da forma que souberam, tentaram achar uma solução ou pelo menos a amenização das angústias da mulher.

No dia 11 dezembro de 2007, participamos de mais uma reunião. No dia seguinte, seria o encerramento geral do ano no parque de exposições de Santo Ângelo, com a participação de todos os clubes de mães que desejassem participar. Na noite anterior ao dia onze de dezembro havia chovido muito e, quando chove, o grupo não se reúne. Na terça-feira, amanheceu o tempo um tanto escuro, mas no decorrer do dia abriu sol. No horário de sempre, fomos para o encontro conscientes do lamaçal que tínhamos na estrada de chão. Era o dia do encerramento e tínhamos feito “*amiga X*”. Cada uma que podia levou um prato com alimentos, e o clube de mães comprou refrigerante e cerveja para comemorar o encerramento do ano. Na fotografia a seguir, vemos um dos momentos da entrega de presentes na cozinha do CTG.



Fonte: Karini Lunardi, dia 11. dez.2007. Figura 04: Encerramento do ano de 2007

Após a confraternização e abertura dos presentes, houve um momento de agradecer a Deus pelo ano que passou, pelas conquistas, pela saúde. O agradecimento de uma das mulheres que nos deixou surpresa: agradeceram a Deus pela nossa presença junto delas. Ao final, rezamos a oração do pai nosso.

Era também o dia de escolher a nova diretoria do clube. Então, por meio do voto secreto, elegeram a presidente, a tesoureira e a secretária. Cada uma ia até o local da votação e votava em uma das mulheres do grupo a mais votada seria a presidente, a segunda a tesoureira e a terceira a secretária.

No período de férias do grupo, ou seja, no dia 23 de janeiro de 2008 tivemos um encontro com o objetivo da posse da nova diretoria do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Inicialmente, estava eleita para presidente do clube uma mulher que, por necessidades

econômicas, foi morar na cidade. Dessa forma, quem assumiu a diretoria do grupo foi a vice-presidente escolhida pela presidente eleita. A escolha da vice, tesoureira e secretária ocorreram pelas titulares eleitas, isto é, cada cargo eleito tem o direito de escolher quem será sua vice. Ainda foram tratados pontos que o grupo entendeu como importante para serem trabalhados durante o ano de 2008. Entre os temas, surgiu o desejo de elas pedirem curso à Emater/Ascar sobre leite e seus derivados, mandioca, soja e seus derivados, para, dessa forma, poderem utilizá-los melhor. Foi programada a aquisição de uma máquina de costura para o grupo. Para tanto, foi realizada uma ação entre amigos, com entrega de prêmios. Além disso, foi pensado em um almoço italiano para o segundo semestre do ano, com vendas de cartão, para auxiliar nas despesas e necessidades do grupo. Foi decidido que a mensalidade anual continuará dez reais. E o presente dado às aniversariantes, a cada três meses, ocorreria apenas no final de ano, com um presente para cada uma.

A partir de uma reunião com a funcionária da Emater/Ascar, falamos ao *Clube de Mães Mulher Gaúcha* sobre a proposta de realizar uma atividade no mês da mulher, em março. Seria uma programação como ocorre em todos os anos. Havia o desejo de que esse grupo tivesse uma participação especial no evento. A sugestão era que pensássemos em um tema relevante, direcionado às vivências das mulheres, e que fosse realizado no mês de março de 2008. Essa programação foi incluída no fôlder que a Emater/Ascar organizou e divulgou.

O clube de mães, diante dessa proposta, ficou bem interessado e juntas resolvemos discutir o seguinte tema: O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* discute: *Êxodo Rural - necessidade ou opção?* Esse tema surgiu a partir da realidade vivida por elas, pois mais uma componente do grupo teve que ir morar na cidade com sua família por estar vivendo sérias dificuldades financeiras. Essa discussão tem influenciado diretamente a comunidade porque muitas famílias, todos os anos, estão deixando suas propriedades e indo em busca de uma vida melhor na cidade. Ficou decidido que retornaríamos às atividades no dia 12.3.2008, numa quarta-feira à tarde, e a discussão do tema seria na próxima semana, no dia 19.3.2008, quando teríamos a visita dos clubes do Rincão do Sossego e do Comandaí, localidades próximas que possuem clube de mães e que iriam se juntar a nós para esse momento de reflexão e questionamento sobre o tema escolhido. Tivemos nesse dia a presença, também, da funcionária da Emater/Ascar. Inicialmente, a atividade proposta foi a de uma oficina de recorte, colagem e escrita, em pequenos grupos, e depois abrir ao grande grupo, para discussão do que produziram.

Quando o grupo encerrou as atividades, algumas das mulheres da mesma família da presidenta do clube nos convidaram a irmos até a casa que foi abandonada para buscarmos água para levar para a cidade, pois lá a família havia estranhado muito o gosto de cloro que há na água. Essa antiga residência fica localizada próximo ao CTG. A casa já estava com um aspecto de abandono. Os animais pareciam estar sem referência. Uma das irmãs da presidenta, também participante do grupo, morava perto da antiga casa e ela quem ficou cuidando da casa da irmã e dos animais. Porém era perceptível, pelo aspecto do pátio da casa, das folhas secas caídas no chão, da poeira nas calçadas, que ninguém mais morava ali. Observamos que, ao retornarem à antiga casa, vários sentimentos foram reavivados. Percebemos o quanto ela ficou abalada com a situação. Acompanhamos um pouco da tristeza dela ao ver a casa vazia, os animais sozinhos, as flores e folhagens sem cuidados, enfim, coisas deixadas que não havia como levar para a cidade, e isso precisava de um tempo para ser resolvido. Esse momento foi tenso. A presidenta não chorou, conteve a tristeza que sentia, mas não era possível escondê-la, pois estava estampada no rosto. Depois da visita a casa, fomos até a casa da irmã, onde ficamos por mais um tempo.

No encontro do dia 12 de março de 2008, ocorreu mais uma reunião. As estradas de acesso haviam sido patroladas e, como fazia dias que não chovia²³, a terra vermelha tomava conta de toda ela. Quando ao CTG, algumas mulheres já estavam reunidas, tomando chimarrão e conversando. Por volta das 14h20min, iniciamos a reunião, discutindo a organização do próximo encontro. Teríamos convidadas para participarem da atividade na próxima semana. O objetivo era a discussão do êxodo rural, tema escolhido pelo clube de mães. Elas estavam bem motivadas com a proposta da Emater/Ascar em participar da programação do Dia Internacional da Mulher. Nesse dia, elas me pediram ajuda para organizar o próximo encontro. Discutimos o que elas pensavam em fazer, como expor a questão escolhida por elas. Dessa forma, acabamos nos envolvendo e, juntas, decidimos que a presidente compraria papel pardo para fazer painéis, e cada uma traria o que tivesse de material gráfico, revistas e jornais. Esse encontro foi o segundo do ano. Geralmente as mulheres ficam até as 17 horas da tarde. Nesse dia, ficaram até por volta das 16 horas e foram para casa.

²³ A falta de chuva que ocorreu na região prejudicou a safra de soja porque reduziu a produção do grão.

No dia 19 de março de 2008, fomos ao clube de mães, em companhia da funcionária da Emater/Ascar, no carro da instituição²⁴. Era a reunião da comemorativa ao Dia Internacional da Mulher. Na ocasião, discutimos a questão do êxodo rural, tema escolhido pelo clube de mães, problematizado e apresentado por elas. O tema definido pelo *Clube de Mães Mulher Gaúcha* ficou assim definido: *O clube de mães Mulher Gaúcha discute: êxodo rural, necessidade ou opção?* O tema sugerido pelo clube de mães tem sido muito discutido pela Emater/Ascar, inclusive encontramos descrito no Plano Estratégico Regional Santa Rosa em um dos seus itens de avaliação:

Continua o êxodo rural dos jovens que vão buscar melhores oportunidades de empregos nas cidades; de agricultores ativos que saem para outras regiões fora do estado a fim de ampliar ou melhorar seus negócios, e dos aposentados que vão morar nas sedes das cidades em busca, principalmente, de mais atendimento médico e de remédios (PLANO ESTRATÉGICO REGIONAL EMATER/ ASCAR 2008-2011 p.15).

No plano estratégico regional, há uma tabela que representa os índices da população encontrados na região de Santa Rosa, da qual Santo Ângelo também faz parte. logo a seguir temos a visualização.

TABELA 1

Demonstração da população na zona rural Região de Santa Rosa

	1970	2000	2007
População no meio rural (%)	66	37	35
Habitantes por km ²	26	27	26
Jovens de 15 a 24 anos (%)	32	17	16
Idosos de 50 anos ou mais (%)	10	21	25
População total	444.109	476.565	449.478

Fonte: Plano Estratégico Regional 2008-2011, p.03 (grifos nossos na tabela)

A população da Região Santa Rosa, segundo IBGE 2007, é de 449.478 habitantes, 35% no meio rural e 25% do total, com mais de 50 anos de idade. A densidade demográfica média da região é de 26 habitantes por km². Santa Rosa é o município com maior densidade demográfica (131 hab/km²), tendo a seguir Santo Ângelo com 108 hab/km². Os demais municípios têm densidade inferior a 30 hab/km². Santo Ângelo é o município mais populoso, com 73.800 habitantes, sendo seguido por

²⁴ Fomos no carro da Emater/Ascar por não termos mais carro próprio. Em 2007, foi encaminhada ao CNPQ a solicitação de uma bolsa de auxílio aos mestrandos do MINTER.

Santa Rosa com 64.113 habitantes (PLANO ESTRATÉGICO REGIONAL EMATER/ASCAR, 2008-2011, p.03).²⁵

Como o tema é relevante para o *Clube de Mães Mulher Gaúcha* e para Emater/Ascar, tivemos a participação, nesse encontro, além das integrantes do clube, da funcionária da Emater/Ascar, do escritório de Santo Ângelo, e dos assistentes técnicos regionais.

Inicialmente, a funcionária da Emater/ Ascar fez a apresentação do clube de mães aos seus colegas e vice-versa. Além disso, falou do convite que havia feito às comunidades da redondeza para participarem da discussão e que, por algum motivo, não compareceram. Logo após, pediu para falarmos aos colegas dela sobre a pesquisa que estávamos realizando com o grupo. Brevemente, apresentamos a proposta da pesquisa na zona rural, como foi que chegamos ao *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, quando foram iniciadas as atividades e qual era o nosso objetivo na pesquisa.

Em seguida, demos início ao trabalho com a prática de uma oficina de discussão. Utilizamos papel pardo, recortes de revistas, jornais, colas, tesouras, canetinhas. Começamos a atividade dividindo o grupo em três subgrupos e, logo após, recordamos o tema da discussão. A atividade consistia em criar uma forma de cada subgrupo manifestar sua posição a respeito do tema êxodo rural a partir do auxílio daqueles materiais. Elas deveriam dar espaço à imaginação, representar o tema escolhido, somado as suas vivências, e, depois, expressar em desenho, escrita ou da forma que, cada grupo achasse melhor, suas opiniões. Na foto, podemos ver os grupos reunidos confeccionando os painéis.



Fonte: Karini Lunard, i dia 19.3.2008. Figura 05 - Confeção do painel

Depois que cada grupo encerrou seu trabalho, elas realizaram a socialização para o grande grupo e para os técnicos da Emater/Ascar. Todas elas se envolveram na atividade,

²⁵ Emater/RS- Ascar. Plano estratégico regional Santa Rosa, abrangência 45 municípios, período 2008-2011.

tanto ao confeccionar o painel como na exposição ao grupo maior. Podemos ver uma das apresentações do grupo na fotografia a seguir.



Fonte: Karini Lunardi, 19.3.2008. Figura 06: Socialização do grupo

A tarde foi de intensa discussão sobre o tema. Cada vez que os subgrupos apresentavam suas perspectivas sobre o êxodo rural, o grande grupo também contribuía, opinando ou auxiliando umas às outras em palavras que, às vezes, faltava para expressarem suas inquietações a respeito do tema. Como a discussão era em comemoração ao Dia da Mulher, elas relacionaram suas experiências de mulher rural ao tema do êxodo rural. Nos cartazes, elas apresentaram falta de escolas na zona rural,²⁶ as que existem não possuem um direcionamento pedagógico que auxilie na compreensão e aperfeiçoamento das questões rurais, necessidade de criação de escolas agrícolas em nossa região, preço dos produtos agrícolas defasados, intoxicação dos agricultores com os venenos, monocultura, preço dos insumos, mulher rural não possui uma renda própria, entre outras questões.

Em relação à renda da mulher, elas expuseram sobre o trabalho com as vacas de leite, realizado, geralmente, por elas. Entretanto é com essa renda produzida por elas que a família rural se mantém mensalmente, sendo impossível sobrar alguma coisa desse dinheiro. Esse trabalho realizado pelas mulheres também está citado no plano estratégico regional que refere:

O público feminino e juvenil, não detém a posse dos recursos financeiros oriundos da produção - sistema patriarcal, e, quando existe uma atividade extra e alternativa de renda, a mesma se destina à manutenção familiar. A mulher rural executa dupla jornada de trabalho e tem aspirações e ilusão quanto ao conforto urbano (PLANO ESTRATÉGICO REGIONAL EMATER/ASCAR, 2008-2011, p.13).

O dinheiro das safras de grãos, recebido duas ou três vezes ao ano, acaba não sendo suficiente para a manutenção da família. Sendo assim, o trabalho diário da mulher com as

²⁶ Ao lado do CTG existe uma escola municipal desativada há mais de dez anos.

vacas de leite, com os artesanatos e hortigranjeiros é que mantém as famílias nos períodos de entressafra. Segundo a constatação delas, são essas dificuldades que levam as famílias abandonarem o campo e irem em busca de uma vida melhor na cidade. Finalizaram a apresentação questionando sobre a real possibilidade de mudança no meio rural e que aquele momento também tinha servido como um “desabafo” das angústias vividas por elas e por suas famílias.

Depois de três horas de discussão sobre o tema, a presidente do clube de mães encerrou o encontro, agradecendo a participação de todas, em especial aos técnicos da Emater/Ascar, e convidou todos para saborearem o lanche que haviam levado.

Portanto, durante o período de outubro de 2007 a março de 2008, participamos em oito reuniões do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Continuamos a participação nas reuniões após março de 2008 até dezembro de 2008. A participação da pesquisadora ocorreu de maneira intercalada, geralmente uma vez por mês, às vezes duas, perfazendo uma participação de mais doze encontros, totalizando vinte reuniões. Desses doze encontros após março de 2008, em quatro foram utilizados o uso do gravador digital e nos outros oito a observação da pesquisadora, com anotações dos dados colhidos e a pesquisa em documentos do clube.

1.3 As entrevistas, o uso do gravador digital e as aprendizagens

A pesquisa realizada no clube de mães foi um processo de intensa participação e vinculação interpessoal. Nessa dimensão vincular, entre pesquisadas e pesquisadora, é que foi possível se estabelecer um diálogo que reverberasse as condições vivenciadas no clube de mães, bem como as experiências delas nas mais diversas posições que a mulher rural está colocada.

Para realizar a pesquisa, foi necessário que, além de nós algumas das mulheres do grupo aprendessem a usar o gravador digital. Convidamos o grupo a aprender usar o gravador. Deixamos para que elas manifestassem interesse. Duas delas se dispuseram e aprenderam a gravar os dados. Foram interessantes os momentos em que explicávamos o procedimento, a atenção, o desejo de saber como fazer para colaborar na pesquisa. Foram poucos minutos de explicação e elas já sabiam como gravar e guardar os dados. O interesse delas em colaborar na

pesquisa facilitou o nosso trabalho, já que queríamos gravá-las sozinhas, somente o clube de mães. Sendo assim, precisávamos da colaboração delas.

Nessas condições, foi utilizado no clube de mães o gravador digital como um dos instrumentos de pesquisa para auxiliar na contextualização e sistematização das informações. Esse aparelho facilitou o processo de pesquisa porque ofereceu a possibilidade de analisar as falas das mulheres do clube de mães, de gravá-las e ouvi-las em outro local, e de nos ouvir como pesquisadora. Realizou-se, assim, um distanciamento do vivido no momento da reunião e a avaliação que fizemos a posteriori. Muitas das falas das mulheres do clube e das nossas tiveram uma nova “roupagem” quando ouvidas numa dimensão diferente da ocorrida durante o envolvimento das pesquisadas e da pesquisadora.

Na pesquisa realizada no clube de mães, utilizamos a metodologia proposta por Wivian Weller(2006), professora e pesquisadora na Universidade de Brasília. A autora propõe uma nova sistematização ao trabalhar com a transcrição das gravações. As gravações de grupo, segundo ela, possuem uma dinâmica diferente, utiliza Mangold, (1960) Bonhsack (1999). Para auxiliar nessa construção teórica, diz:

[...] a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua [...] Dessa forma as opiniões de grupo cristalizam-se como totalidade das posições verbais e não verbais (WELLER *apud* WERNER 1960 p.49)

A partir das gravações realizadas, tivemos percepções diferentes entre o que vivenciamos no grupo e depois ouvindo as gravações em casa. Quando a pesquisa é inserida num processo transferencial²⁷ grupal, se tem um parâmetro de observação que remete à dinâmica e ao funcionamento do grupo, no caso pesquisado, o clube de mães. Presencialmente, evidenciamos a forma que elas conduziam os encontros, relatando seu dia a dia, a interferência das crianças nas conversas, os gestos e comunicações não verbais produzido naqueles momentos. Com o distanciamento entre o que se produziu no momento das discussões em grupo e a nossa escuta no aparelho digital, identificamos questões do grupo e nossas, como pesquisadora. Observando a forma como o grupo *clube de mães* se relacionava, entendemos que poderíamos nos utilizar dos grupos de discussão.

²⁷ LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001. A transferência é um termo da psicanálise criado por Freud. Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica.

Segundo Weller (2006), os grupos de discussão tiveram início nos anos 50 na Escola de Frankfurt. A autora salienta que:

[...] foi somente na década de 1970 que esse procedimento recebeu um tratamento ou pano de fundo teórico-metodológico – ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia- , caracterizando-se, dessa forma, como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões. Segundo Bohnsack (1999), para que os grupos de discussão adquiram a propriedade e método, é necessário que os processos interativos, discursivos e coletivos que estão por detrás das opiniões, das representações e dos significados elaborados pelos sujeitos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico ou, em outras palavras, quando interpretados com base em categorias metatóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica (WELLER, 2006 p.245).

Ao escutar as gravações, percebemos momentos em que procurávamos organizar o grupo da nossa forma, impossibilitando, assim, uma transversalidade das falas e das associações²⁸ do grupo. Citamos esse momento gravado, transcrito e analisado por nós: 1 min 21 seg. até 3 min 5 seg. *Então vocês ficam a vontade quem sabe alguém quiser começa e depois as outras vão falando, não precisa ser ordem quem sabe levanta a mão e daí a outra fala.*

Embora tenhamos em alguns momentos interferido na condução da discussão, foi analisado o contexto das entrevistadas, bem como suas experiências, como cita Weller:

[...] o contexto existencial compartilhado coletivamente por esses grupos, ou seja, às experiências biográfico-individuais e biográfico-coletivas, que [por sua vez] estão relacionadas às experiências comuns como membros de um meio social e de uma mesma geração, às experiências como homens ou mulheres, entre outras, e que em um grupo de discussão são articuladas por meio de um ‘modelo coletivo de orientação (WELLER 2006 *apud* BOHNSACK; SCHÄFFER, 2001, p. 328-329- tradução nossa).

No momento da transcrição da gravação, conseguimos identificar e analisar as nossas questões históricas envolvidas na pesquisa, ou seja, é muito difícil desconstruir ou reconstruir internamente as próprias aprendizagens. Mesmo permeada pelo desejo de ouvirmos o grupo em sua singularidade, não deixamos de manifestar a posição de organizadora (quem sabe de professora?). Retornavam em mim aprendizagens de uma educação bancária e androcêntrica.

Na introdução da gravação do encontro, grupo de discussão, **grupo e pesquisadora**, falamos sobre os caminhos que poderia seguir a discussão, embora propusemos a elas que

²⁸ LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Associação: termo emprestado do associacionismo, que designa qualquer ligação entre dois ou mais elementos psíquicos, cuja série constitui uma cadeia associativa.

ficassem a vontade para falar, fiz um certo enquadramento daquilo que elas compartilharam. Dissemos: *que quando a conversa tomar rumos diferentes do que desejo pesquisar, eu retomarei ao assunto que me interessa*. Essa questão somente foi possível perceber depois de gravado, no momento da transcrição. Na hora da gravação, isso se deu de forma espontânea. Quando fizemos esse movimento com o grupo, limitamos, de certa forma, as possíveis produções que poderiam vir delas. Na execução da nossa proposta, as enquadrámos em um pensamento de sala **de aula formal**, o quanto não é fácil sair desse enquadramento que estamos inseridos. Fomos educada para respeitar a vez de cada uma falar. Como se falar junto seria uma desconsideração ao outro. Percebemos que a organização nem sempre deve ou precisa ser linear. A questão é poder modificar também em nós, como educadoras e pesquisadoras, a des/ construção de conceitos historicamente construídos e internalizados.

Nesse processo de aprendizagem-pesquisa, aprendemos que, quando as escutávamos e quando nos escutavam, elaboramos uma tentativa de prosseguir na pesquisa analisando o que não deu certo, mas principalmente as possíveis falhas nossas. Essas falhas não foram intencionais, mas auxiliaram a pensar em uma nova perspectiva de educação e, conseqüentemente, de aprendizagem.

Como salienta Fischer, “o que determina a escolha de uma metodologia de pesquisa são os pressupostos que a sustentam aliados à especificidade do problema a ser investigado” (2004, p. 534). Assim, é necessário conhecer claramente os instrumentos que serão utilizados no estudo para que possamos alcançar os objetivos propostos.

A pesquisa teve como parâmetro seguido: a história do grupo e as experiências contadas pelas participantes. Utilizamos a análise de documentos, a observação da pesquisadora, as gravações posteriormente transcritas e as anotações realizadas pela pesquisadora. Buscamos construir um apanhado histórico de dez anos do grupo, enquadrando períodos importantes na construção da pesquisa.

A partir da contextualização realizada no projeto de pesquisa e a aproximação com o clube de mães, pretendemos continuar com a observação participante no local e o vínculo com a Emater/Ascar. Para buscarmos responder ao problema de pesquisa e aos objetivos, utilizamos a gravação em áudio com aparelho digital. Essa gravação aconteceu no clube de mães em três situações diferentes: primeira situação, somente o clube de mães sem visitas de

peças de fora; segunda situação, em curso com a Emater/Ascar; e a terceira situação, o grupo e nós, como pesquisadora.

Com essas situações distintas de registro, a observação participante, a pesquisa documental, as fotografias para ilustrarem alguns encontros e a história oral temática, tivemos instrumentos suficientes para obtenção de dados para serem categorizados e analisados.

1.4 O contexto e o desenvolvimento local

A região de Santo Ângelo possui uma forte subsistência agrícola. Constituída por pequenos agricultores e agricultoras, sobrevivendo basicamente do cultivo da soja, do trigo e do milho. A produção leiteira também é um forte meio de sobrevivência dessa comunidade rural. Podemos constatar a importância da atividade leiteira no RS e em nossa região a partir dos dados colhidos:

No que se refere à atividade pecuária, destaca-se a produção leiteira, na qual o Rio Grande do Sul ocupa o terceiro lugar, com 10,6% na produção nacional. A Fronteira Noroeste responde por 9,4 % do leite produzido no Estado, possuindo 32 mil produtores rurais, e a produção média é de 760 mil litros. [...] No que tange à integração do agronegócio da atividade leiteira, os dados apontados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, 2006) são alentadores, pois em 15 anos a produção nacional anual de leite passou de 11,1 bilhões de litros para 25,7 bilhões. Isso representa um crescimento de 131% entre os anos de 1980 e 2006, transformando o país, de tradicional importador, em exportador de lácteos. Essas informações são corroboradas pelo Atlas Econômico do Rio Grande do Sul (2006), que remete a verificar que o Rio Grande do Sul é o terceiro produtor nacional de leite, com 10,6 % da produção nacional, ou seja, apresenta uma produção de 2,2 bilhões de litros. E, entre as regiões com maior produção estão o Noroeste Colonial, com 11,3 % ; Produção, com 11%; Fronteira Noroeste, com 9,4, e Serra, com 8,1% do leite produzido no Estado (EVANGELISTA e RAMBO *apud* DALLABRIDA e BUTTENBENDER, 2007, p. 194).

Esses dados permitem reforçar a importância da atividade agropecuária leiteira no Rio Grande do Sul. Ainda é importante salientar que no distrito de Comandá essa atividade é basicamente exercida pelas mulheres, que, ao trabalharem com a atividade leiteira, envolvem-se boa parte do dia, ordenhando as vacas, alimentando-as, adequando as vacinas e as medicações necessárias para os animais manterem um bom nível de produção de leite. Os filhos e esposos, quando não estão na lavoura, auxiliam-nas no trato dos animais. Além dessa atividade, que basicamente mantém as famílias rurais, as mulheres realizam todas as tarefas domésticas, algumas delas ainda trabalham na cidade fazendo faxina.

Para contextualizar nossa região, é importante retomar um pouco da história e do porquê de as famílias organizarem-se em torno da agricultura. Rotta e Dallabrida (2007), pesquisando sobre o desenvolvimento regional e as histórias das reduções jesuítas, identificaram o século 17 (entre 1626 e 1640) como primeira tentativa de se estabelecer em as 18 reduções neste território. Nesse primeiro momento, as reduções não resistiram aos ataques dos bandeirantes paulistas, que saqueavam o território.

A partir de 1682 os jesuítas espanhóis retomaram a experiência reducional no território riograndense dando início à formação dos Sete Povos das Missões, consolidada em 1706, com a fundação do último deles, Santo Ângelo Custódio. Essa nova experiência inseria-se no conjunto dos Trinta Povos Guaranis (Lugon, 1977). A experiência missioneira que se desenvolveu na região gerou um modelo de organização socioeconômica que se diferenciava em muito daquele gestado pela ocupação portuguesa no restante do território gaúcho com base nas estâncias (Schallenberger; Hartmann, 1981; Zarth, 1997) (ROTTA e DALLABRIDA, 2007, p.29)

Os autores ainda reforçam que “o modelo de sociedade trazido pelos novos colonizadores da região assentava-se na organização de pequenas comunidades, geralmente agrupadas pela descendência étnica e/ou opção religiosa [...]”(ROTTA e DALLABRIDA 2007 p.36).Constituíram, assim, as comunidades locais.

Em Comandaí, local da pesquisa, percebe-se a forte influência da imigração italiana e alemã. Trazem essa origem na forma de falar, com algumas palavras pronunciadas na língua dos antepassados, nos costumes típicos, algumas receitas da culinária, entrelaçadas com os costumes locais. Com a troca de conhecimento que há no clube de mães, muitas vezes se lembra o processo de cooperativa, onde se trabalha em prol do benefício de todas as associadas, procurando várias formas de sustentar, de dar continuidade aos encontros nos clubes de mães.

Mesmo com toda a dedicação das mulheres em dar continuidade aos encontros e, conseqüentemente, ao clube de mães, existia uma grande preocupação delas em relação ao êxodo rural, discutida, atualmente, em várias regiões do Brasil. Esse abandono das terras, a busca de uma vida melhor na cidade, possui referência de início em nossa região desde 1950, período tido como período áureo do “ciclo suíno”²⁹.

²⁹ ROTTA, Edegar. **A construção do desenvolvimento: análise de um “modelo” de integração entre regional e global**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

No distrito de Comandaí, durante o ano em que participamos das reuniões, foi possível identificar a forte diminuição do quadro de associadas do clube. No início da pesquisa, o clube de mães contava com aproximadamente trinta associadas. Atualmente, encontra-se com dezessete, perfazendo um percentual de quase 50% desde o início da nossa participação em outubro de 2007 até o final de 2008. Podemos afirmar que quase a totalidade dos afastamentos das mulheres foi em decorrência das dificuldades financeiras vividas na lavoura e do baixo preço de comercialização do leite e dos produtos agrícolas. Andrioli *apud* Dallabrida e Büttenbender, 2007, menciona que as dificuldades encontradas na agricultura estão ligadas ao aumento das pragas nas lavouras, aumento dos insumos, endividamentos dos agricultores e agricultoras com créditos bancários, com acúmulo de dívidas quase impagáveis. Salienta ainda:

[...] as condições climáticas, como secas, agravam a situação e mostram que a monocultura representa mais risco e tende a inviabilizar a atividade dos agricultores. Muitos deles que não conseguiram se manter na atividade agrícola e foram obrigados a ceder suas terras em troca de dívidas aos bancos, procuram emprego na cidade, como esperança de construção de uma nova perspectiva de vida. De acordo com o IBGE, 13.497 pessoas abandonaram a atividade agrícola nesta região entre 1996 e 2000. Há, no entanto, ainda 87.367 pessoas que se ocupam com a agricultura, o que representa 38,14% da população regional (IBGE, 2000). A soja colhida na região representa 10% da produção gaúcha e continua constituindo a principal atividade produtiva da maioria dos agricultores (ANDRIOLI *apud* DALLABRIDA e BÜTTENBENDER, 2007, p.261).

O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* tem sido uma das fontes de energia para as mulheres pensarem em novas perspectivas para dar encaminhamento aos assuntos ligados as suas vidas. A situação financeira que essas mulheres vivenciam, com suas famílias, tem sido um forte problema. Além da questão financeira, os encontros semanais fortalecem a capacidade de interação junto da comunidade. São elas, na maioria das vezes, o acesso às famílias, são as porta-vozes da programação e divulgação do que irá acontecer e como irão acontecer as atividades na comunidade. Mesmo as atividades do CTG e as da religião católica são discutidas e marcadas, muitas vezes, a partir dos encontros no clube. Sendo assim, as reuniões possuem uma forte importância na vida das famílias, servem para acolher as dificuldades das famílias e também para as comemorações.

No próximo capítulo, serão contextualizadas as pedagogias implicadas na pesquisa, bem como o referencial teórico que oportunizou a efetivação das aprendizagens no capítulo.

2 O MODO DE PESQUISAR E AS PEDAGOGIAS IMPLICADAS NA PESQUISA

Ao realizar o processo de pesquisa, percebemos as várias pedagogias implicadas nesse movimento, principalmente as vivências e as oscilações da investigação. Estar a campo, próximo das pesquisadas, foi um momento muito importante. Situação necessária para responder, ou mesmo analisar os encaminhamentos possíveis em relação aos objetivos da pesquisa. Neste capítulo serão abordados elementos de estudo que transformaram o modo de realização da pesquisa.

Embora estivesse claro o objetivo de pesquisar mulheres de zona rural, quando fazíamos o deslocamento para as reuniões, muitas vezes nos perguntávamos o que fazia com que saíssemos da cidade e fôssemos ao interior de Santo Ângelo encontrar-nos com aquelas mulheres? Acreditamos que, por meio dessa reflexão, percebemos uma pedagogia importante: acreditar que o outro possa nos ajudar a pensar o diferente, a possibilidade de encontrar outros caminhos possíveis, supostamente com menos sofrimento, e que possa contribuir nessa empreitada. Paulo Freire na Pedagogia da Esperança estabelece, justamente, que acreditar em algo dá indícios de possibilidades, mas ainda não oferece uma marca capaz de por si só se sustentar. Segundo ele, é a *esperança que nos encaminha a começar*.

A Pedagogia da Esperança auxilia no enfrentamento das "situações-limites", ou seja, nas dificuldades que necessitam ser vencidas ao longo de nossas vidas. Na concepção de Paulo Freire, as pessoas têm várias atitudes em frente dessas situações-limites: "ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor; ou como algo que não querem transpor; ou ainda como algo que sabem que existe e precisa ser rompido e então se empenham na sua superação" (1992, p. 205). Aproximando-se desse pensamento de Freire, Lacan (2008) em seus discursos escrevia que sair de uma posição discursiva e construir um reposicionamento é algo a ser trabalhado diariamente, o que necessita coragem e esperança. Essa tarefa é árdua e constante, porém extritamente necessária, onde se busca um novo direcionamento da forma de pensar e de agir na vida. Desejar sair da queixa e encontrar uma outra forma para organizar suas vidas que não mais a repetição. Limitar ou delimitar o que

um grupo objetiva não é nada fácil, porque é necessário se deparar com o incômodo da posição que se encontra. Somente a partir desse “dar-se conta” poderá se “abrir a porta” para a esperança surgir. Cria-se a necessidade de acreditar que é possível construir algo diferente para si e para a comunidade onde se está inserido.

Havia, como pesquisadora iniciante que somos, a esperança de poder realizar uma investigação que, de alguma forma, proporcionasse àquelas mulheres momentos de se ouvirem e de transformarem, por meio da mediação da gravação/transcrição, em escrita a fala que, de alguma forma, emergia, cuja poderia ter outro significado do que até então vinha tendo. Ir ao encontro das histórias de um grupo é uma tarefa que exige da pesquisadora e do pesquisador muito cuidado e foco ao que se deseja pesquisar. Muitas vezes o envolvimento com as histórias pessoais dificultava a observação da investigação. Houve um momento em que as mulheres estavam bem deprimidas, com vários problemas pessoais e financeiros, e o grupo demandou que fosse realizada uma palestra sobre depressão. Elas disseram: “*já que você é psicóloga, poderia nos ajudar*”. Percebemos o cuidado que deveria existir com aquela situação. Sabíamos que não podíamos dar uma palestra, porém sabíamos também que elas estavam precisando de ajuda. Com base no pedido delas, pensamos com a orientadora para devolver ao grupo algo que não fosse agressivo e salientar qual era o trabalho com elas. Nesse momento, dúvidas surgiram: Quais as palavras a serem usadas sem romper o vínculo construído? Qual o cuidado da pesquisadora frente a essas demandas?

Sob orientação, chegamos a um encaminhamento à demanda do grupo. E no encontro seguinte conversamos sobre o quanto estávamos gratas pela confiança depositada e que, se era realmente o desejo delas, poderíamos encontrar *outra profissional* que pudesse acolher essa necessidade de elas poderem conversar sobre tudo o que desejavam naquele momento. Sentimos na “pele” o que Paulo Freire escreve na obra *Pedagogia da Autonomia*. [...] *Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas e mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica em decisão, escolha, intervenção na realidade* [...] (FREIRE 1996, p. 77). Sair do lugar que o grupo nos coloca e endereçar a outros profissionais aqueles pedidos foi certamente um grande aprendizado, uma grande mostra das pedagogias vivenciadas pelo grupo e por nós como pesquisadora e profissional. Freire aponta nessa citação a inquietação que a pesquisa, o aprender e o conviver com outras pessoas nos provoca e que a negociação é imprescindível para dar continuidade ao trabalho sem perder o foco.

A aproximação e o afastamento nas idas, ao clube de mães e nas vindas, permitiu um tempo para pensar. Pensar e analisar o que acontecia nas reuniões quando estávamos envolvidas com as questões do clube de mães, e as reflexões realizadas quando estávamos afastadas: pesquisadora e grupo. Esse movimento de ir e vir é o movimento da pesquisa. E a necessidade de, em alguns momentos, estarmos mais próximas do objeto de estudo e, em outros, a importância do afastamento para que seja possível contextualizá-lo e, assim, marcarmos alguns aspectos importantes nesse processo de investigação.

Sinalizamos algumas considerações que Ribeiro faz sobre educação do campo:

A educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p. 176 *apud* RIBEIRO, 2008, p. 29).

Jadir Pessoa amplia um pouco mais essa temática:

E a instituição escolar ou o sistema de ensino está voltado historicamente para a sua própria reprodução, através da ação reprodutora dos agentes que ele próprio produziu em série. Atuando nessa circularidade, a escola, substituindo o direito de sangue ou os privilégios religiosos do passado, passa a ser o mecanismo fundamental de controle econômico, social e político da nova ordem — “o melhor aliado do conservadorismo social e político” (Bourdieu e Passeron, 1982, p. 206-7; Arroyo, 1988). É por ela que se controlam os significados culturalmente legitimados e socialmente aceitos (PESSOA, 1998 p 81).

No entendimento de Ribeiro (2008), a escola está dedicada às questões urbanas dominantes de uma sociedade capitalista. Na perspectiva de contrapor o que está socialmente imposto sobre as formas de educação, a pesquisa vem contribuir.

A feitura da dissertação propiciou enfrentar o desconhecido, o qual remete, principalmente, às aprendizagens sobre a teoria feminista e sobre a educação. No campo da teoria feminista, o estudo foi árduo, pois a formação na psicologia, tendo por base Sigmund Freud como principal teórico, foi marcante. Freud foi um grande estudioso, com relevantes contribuições à Psicanálise, porém, como diz o autor Zimmerman, “[...] influenciado pela cultura de sua época, ele considerava a mulher de uma forma muito desvalorizada,

eternamente sofrendo uma “(inveja do pênis) são hoje enfaticamente refutadas” (ZIMERMAN, 2005 p. 64). Diante dessa formação acadêmica e de todas as construções de vida feminina que tivemos até então, foi preciso fazemos uma mediação entre as aprendizagens obtidas e o que estávamos aprendendo. Era preciso construir uma nova possibilidade de espaço subjetivo e social da mulher que estava despertando em nós. Isso tudo sem necessariamente “des(reconhecer)” as aprendizagens, as quais, de alguma forma, encaminham nossa trajetória e possibilitaram conhecer a história de lutas e suas contribuições de grandes mulheres no mundo.

Sobre o campo da educação e suas pedagogias, percebemos que ainda sentimos uma grande dificuldade em conseguirmos estabelecer ligações e propormos reflexões mais elaboradas. Encontramo-nos em um processo de apresentação, estudo e dedicação também nesse campo teórico. A área da educação é ampla. Nossa base acadêmica foi bastante concisa, direcionada à Psicologia Escolar. Sabedora das nossas limitações e das limitações humanas, foi possível construir este trabalho de dissertação de mestrado que oportunizou, principalmente, uma formação pessoal mais abrangente.

2.1 Os modos de ouvir, observar e estar/ participar num grupo

A pesquisa foi intercalada por momentos de coleta dos dados e de escrita dos mesmos, analisando as percepções do que havia sido possível observar e descrever. As participações no clube de mães ocorriam sistematicamente, sempre nas quartas-feiras à tarde. Ouvíamos as narrativas, observávamos como o grupo interagia, mas dificilmente fazíamos alguma anotação. Em casa, descrevíamos tudo o que foi observado. Após essa sistematização dos dados colhidos, vinculavamo-los a outros trabalhos, a outras produções, aos referenciais teóricos, que contribuiriam para o entendimento e a organização da pesquisa. Mário Osório Marques faz referência a Compagnon (s/d:49-92) e enfatiza as contribuições das citações :

[...] ressaltando a potência que se faz ato no trabalho da citação, uma relação interdiscursiva que instaura na repetição a pluralidade interpretante dos sentidos intertextuais. Nova combinatório em outro campo de forças em que se expressam muitos sentidos e muitos interpretantes, coextensivos e intercomplementares, que se fazem ampliados na obra coletiva da tradição cultural em sua reprodução alargada. O fato mesmo da citação de outro(s) autor(es) alarga o horizonte intelectual meu e de meu leitor e confere a meu texto não só continuidade nesse substrato da tradição que é o símbolo, mas também a espessura dos discursos intrincados em mesma malha (MARQUES, 2003, p.113).

O ato de escrever é uma tarefa árdua, à qual em vários momentos havia resistência, pois percebíamos a incompletude entre a linguagem falada e a escrita. Percebeu-se o estranhamento entre o observado e vivenciado e a possibilidade de transformá-lo em escrita. O escrever implicava fazer escolhas constantemente sobre o que e o como escrever. Recortar aspectos e fatos e novamente contextualizar a pesquisa causa desconforto e a sensação de que nada se sabe. O escrever, na pesquisa, implica escrever, descrever e analisar o que passou pela linguagem verbal ou não verbal e transformar em algo coerente.

Transmitir a letra, o buraco, o ponto de interrogação é se deparar com as lacunas da narrativa. Cria, no presente, o passado com sua dívida e o futuro com seu eterno não-saber. Retira do futuro a possibilidade imaginária do gozo e abre-se portas para um desejar (intransitivo) com possibilidade de criação. De uma maneira que possamos transformar o mundo e não nos adequarmos a enunciados que não dizem do sujeito em questão (RIECK, 2009, p.11).

Com a impossibilidade de escrever todas as vivências da pesquisa, a pesquisadora, aprende os limites impostos pela escrita. A dissertação, nesse caso, está endereçada à academia. Sendo assim, nos faz seguir regras, normas necessárias para ser reconhecida como uma dissertação de mestrado. Escrever é respeitar uma organização criada no social e reforçada academicamente, na busca incessante de novas produções, porém sem sair das convenções estabelecidas.

Lidar com os limites da escrita acadêmica, sem deixar de expressar a criação que possibilite o reconhecimento, é uma pedagogia que vamos aprendendo no decorrer do mestrado. Vamos “tecendo” a pesquisa a partir dos vários saberes, várias informações que escolhemos, diante das mais diversas situações. Criamos para nós, e identificamos para possíveis leitoras e leitores, a nossa autoria, a nossa maneira de escrever, de apresentar a nossa *visão de mundo*, na pesquisa. A autoria é uma aquisição, uma pedagogia, que somente é possível quando compartilhada, como reafirma Rieck:

Walter Benjamim nos ensina que o saber e o conhecimento vem do compartilhamento da narrativa. Ao narrar, o narrador fala a alguém de sua experiência e o inclui na narrativa. Aquele que escuta entra nela para perdê-la e sair transformado. Tradição compartilhada que vem de uma sabedoria originada na experiência da vida. A transmissão é essa narrativa. É o que esse grupo de mulheres faz: transmite experiências que estavam condenadas a cair no vazio da história oficial (RIECK, 2009, p.11).

A mesma autora também realizou pesquisa com grupo de mulheres e concordamos com a posição da mesma sobre a necessidade das narrativas serem escutadas pela pesquisadora e serem transmitidas a uma linguagem escrita. Todo ser humano precisa falar,

falar a alguém. Precisamos ser escutados, reconhecidos pela nossa produção. Isso não quer dizer não criticar, mas sim apontar a produção, a contribuição desse trabalho.

Na presente pesquisa, tivemos vários pontos importantes. Um deles foi a autorização, o consentimento, e mais que isso, o desejo de que seus nomes estivessem escritos na pesquisa como participantes do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. A necessidade de não ficarem mais, como Paulo Freire afirmava, na *cultura do silêncio*.

Para Paulo Freire a *cultura do silêncio* é produzida pela impossibilidade de homens e mulheres dizerem sua palavra, de manifestarem-se como sujeitos de práxis e cidadãos políticos, sem condições de interferirem na realidade que os cerca, geralmente opressora e/ ou desvinculada da sua própria cultura. Ela é o resultado de ações político-culturais das classes dominantes, produzindo sujeitos que se encontram silenciados, impedidos de expressar seus pensamentos e afirmar suas verdades, enfim, negados em seu direito de agir e de serem autênticos. Eles constituem a classe dos oprimidos que não conseguem reconhecer-se como sujeitos criativos capazes de transformar aquilo que os cerca, estando sem condições de apresentar novas idéias ou de manifestar práticas culturais diferentes daquelas as quais estão submetidos (OSOWSKI, 2008, p. 110).

A forma com que a pesquisa foi vivenciada no *Clube de Mães Mulher Gaúcha* foi a de elas assumirem um lugar, de marcar um espaço, de querer a pesquisa e de fazer parte dela. Pensamos que esse movimento das mulheres se originou a partir da pesquisa. O fazer a pesquisa no clube de mães foi uma intervenção como pesquisadora, porém o próprio processo investigatório, através das reuniões, possibilitou um espaço de fala, um espaço, como cita Lacan (2008), de *inscrição* na sociedade em que vivemos.

[...] testemunha não é só aquele que viu com os próprios olhos [...] mas também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente esta retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (REIS, 2009 p.30).

A pesquisa produziu vários sentimentos em relação aos assuntos relatados pelas mulheres. O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* foi acompanhado por mais de um ano. Esse período foi importante para perceber-se o andamento do clube e das mulheres envolvidas nele. Fomos em vários momentos, como afirma Reis (2009), *testemunha* das narrações dolorosas das vidas daquelas mulheres. Percebemos o clube de mães muito acolhedor, realizando diversas atividades. As mulheres muito ativas e pensantes, desejando contribuir para a pesquisa e sempre dispostas a aprender e a ensinar. Todo o envolvimento, enquanto pesquisadora com as mulheres do clube de mães, contribuiu muito para a pesquisa,

entretanto, também, foi um ponto complexo ao dificultar o distanciamento para escrever e analisar o que havia sido colhido durante todo esse tempo de participação assídua.

Entre os pontos observados, alguns contribuíram para o reconhecimento e a valorização da mulher rural, principalmente em nossa região. As mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* participam das discussões familiares e da comunidade. A partir das reuniões semanais, conseguem manter o vínculo das associadas no clube, debatem as questões locais e sempre buscam aprender um artesanato ou uma nova receita. Com a nossa aproximação, sentimos dificuldade de escrever e de analisar os momentos em que estávamos com elas.

As descrições sobre o que acontecia no grupo e os sentimentos lá vivenciados só foram possíveis de ser transformados em palavras e em escrita quando estávamos em casa, distante, fisicamente, do clube de mães. A demanda delas para que alguém indicasse caminhos e trouxesse conteúdos segue existindo e é muito grande, o que nos fez, em vários momentos, parar até percebê-los e, de alguma forma, sairmos do endereçamento que elas nos davam.

Nas idas ao clube de mães e nas vindas, nos perguntávamos qual o lugar que o grupo procurava colocar à pesquisadora. Nos primeiros momentos pensávamos que era o de psicóloga³⁰. Hoje, após concluirmos as idas ao campo e estarmos afastada do clube de mães, pensamos que talvez fosse o de professora. Modelo de professora que a maioria de nós teve em algum momento escolar, aquela que traz conteúdos prontos, cronogramas preenchidos e tudo o que pode levar o aluno a não pensar, a ficar em um estado de acomodamento cognitivo de pensamento e a ter certezas. Essas questões, em alguns momentos, foram contraditórias porque, à medida que não era trazido algo pronto, elaborado, elas discutiam a vida delas na roda de chimarrão. Durante essa roda de chimarrão, observamos que, ao contrário do modo tradicional de uma pessoa encher o mate para as demais, no clube de mães elas recebiam o chimarrão servido e a térmica, e desse modo, cada uma servia a companheira e era servida por ela. Assim como o chimarrão, as conversas não tinham uma linearidade, uma ordem cronológica. A ordem elas criavam à medida que percebiam a necessidade. Essa capacidade de o grupo transgredir e de criar outras organizações ou sistematizações são interessantes e davam continuidade ao andamento do clube de mães.

³⁰ Formação e profissão da pesquisadora/mestranda.

Porém essa capacidade de transgredir, de criar e de recriar tem limites. Pois quando chegava uma situação em que se necessitava e se necessita sair daquele ponto, encaminhar perspectivas de novas rendas para a comunidade ou para o clube, o grupo se assustava e não conseguia estabelecer uma nova perspectiva de vida, senão a que até então conheciam: ir embora para a cidade. O desconhecido gera interesse, mas também muita angústia. E por isso não conseguiam dar continuidade a algo que fosse muito inovador.

O clube de mães propiciou várias escutas. A primeira, somente o grupo de mulheres do clube de mães; e a segunda, elas com a funcionária da Emater/Ascar; e a terceira elas com nossa presença. Percebemos nas gravações que discutiam veementemente as necessidades do clube de mães e mesmo as da comunidade. Não mediram as palavras para colocar o que pensavam sobre o assunto. As falas saíam espontaneamente, irritadas, calmas, apaziguadoras. Era o grupo podendo se colocar das mais diversas formas. Em um determinado momento de gravação, uma delas lembra que se estava gravando, ficam constrangidas com o que haviam falado e se preocupam com o que eu iríamos pensar delas³¹.

10min28seg	Isso aqui é chato
10min29seg	tá loco::o
10min30seg	por isso eu
10min31seg	disse avisem antes
10min32seg	da conversa
10min33seg	é uma vergonha::nha –
<i>Observação da pesquisadora, som de um galo cantando ao fundo da gravação</i>	
10min34seg	agora
10min35seg	tá tudo
10min35seg	aqui
10min36seg	Dolores @@@ @
10min37seg	gravo @ahaí::@ @hehehe@
10min38seg	mas é verdade ()

³¹ Para fazer as transcrições, optamos pela utilização de códigos utilizador por Wivian WELLER (2006), um modelo criado pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack (2007) e seu orientador Fritz Schütze. Esse método de transcrição implica a aplicação de códigos no momento da transcrição. Escutar e transcrever aquilo que é ouvido e buscar registrar o mais próximo possível o momento do que é falado. Percebemos situações interessantes para transcrever e analisar, como: falas, silêncios, barulhos, os quais só foram possíveis de transcrição devido ao método utilizado por meio de legendas que apresentamos no anexo b ao final da dissertação.

Logo depois retomaram o assunto e prosseguiram a discussão. O que elas entenderam como vergonhoso analisamos como positivo e importante porque ficou evidenciado que elas possuem objetivos a serem discutidos quando se encontram, são críticas de umas com as outras, estabelecem limites e possibilidades quanto à organização das atividades no clube e na comunidade. Elas se autocriticam, apontam para suas dificuldades e buscam resolver os conflitos. Observamos que os assuntos que seriam tratados por elas não eram previamente sistematizados para serem apresentados ao grupo, evidenciando, dessa forma, um diferencial. O registro acontecia a posteriori, quando escreviam a Ata e assinavam no final da reunião.

Um modo importante de ouvir e observar o grupo foi optado pelo método de transcrição de gravação utilizado por Wivian Weller.

Werner Mangold analisou em sua tese de doutorado as pesquisas empíricas realizadas pela Escola de Frankfurt e os procedimentos metodológicos empregados. Foi um dos primeiros pesquisadores a criticar a forma como os depoimentos coletados em entrevistas grupais eram analisados e a dar um novo sentido aos grupos de discussão, transformando o método em um instrumento de exploração das opiniões coletivas e não apenas individuais (MANGOLD *apud* WELLER, 2006, p.245).

A possibilidade de transcrever e analisar os dados coletados na perspectiva apontada por Weller influenciou a escuta em relação ao grupo e também as intervenções como pesquisadora. A autora propõe:

[...] as opiniões trazidas pelo grupo não podem ser vistas como tentativa de ordenação ou como resultado de uma influência mútua no momento da entrevista. Essas posições refletem acima de tudo as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence (WELLER, 2006, p.245).

No dia em que ocorreu o grupo de discussão, pela pouca experiência e mais ainda pelo método utilizado por Weller, tentávamos ordenar a condução das discussões, influenciando em alguns momentos o tumulto do grupo, as conversas cruzadas e a própria preocupação de que não seria possível entender depois todo aquele diálogo produzido por elas. Destacamos as colocações daquele dia:

01m07seg: quando a conversa tomar rumo diferente do que desejo pesquisar eu retomarei ao assunto que me interessa. Adiante, novamente: 1 m 21seg. até 3 min 05seg. Então vocês ficam a vontade, quem sabe alguém quer começa e depois as

outras vão falando, não precisa ser em ordem, quem sabe levanta a mão e daí a outra fala. Digo que não precisa ser em ordem, entretanto, “sugiro” que levante a mão.

Embora não seja nada fácil apontar essas falhas, entendemos que é de suma importância, porque também devem ser analisadas como material de pesquisa. Poderíamos não as escrever, mas estaríamos sendo contraditórias no modo de pesquisar. O objetivo é possibilitar espaço para a mulher poder se colocar, mas como sair desse envolvimento subjetivo e social em que todas nós mulheres estamos imersas, algumas mais, outras menos? Poder escrever sobre essas questões, reafirma o quanto a mulher precisa lutar contra a forma disciplinadora em que foi educada e ser capaz de se colocar, mesmo que com falhas, pois é humana e sujeita a falhas.

A tentativa de organização diante do grupo não logrou êxito. Elas foram capazes de criar a sua forma de serem entendidas, sem perderem a autonomia do grupo. De alguma maneira, elas perceberam que não as entendíamos e se (re) posicionaram para que fosse possível uma interlocução. Foi interessante a mediação do grupo. Não acataram nosso pedido, mas foram flexíveis e encontraram uma maneira que pudéssemos entendê-las.

2.2 As possibilidades de enxergar o material em seus diferentes estágios

Ao realizar o processo de investigação, deparamo-nos com alguns momentos diferentes de percepção em relação ao clube de mães e ao material coletado na pesquisa. Esses momentos podem ser indicados da seguinte forma: na nossa participação no grupo, com ou sem a presença da funcionária da Emater/ Ascar; afastada do grupo; na hora da transcrição, no momento de descrever e de analisar os dados obtidos, e nas orientações, e nas aulas do mestrado quando era possível associar os dados obtidos à pesquisa.

Ao participar das reuniões, não era possível escutar e perceber muito do que falavam. As mulheres, geralmente, falavam em vários assuntos, consecutivamente, e formavam pequenos grupos de “bate-papo” que, nem sempre, compartilhavam com o grande grupo. Em vista disso, ouvia umas e não outras, porque é justamente essa a dinâmica de um grupo, quando não se exige uma sistematização de condução em reunião. Essa peculiaridade designa, justamente, a importância de fazer circular vários assuntos conforme a necessidade ou escolha das envolvidas. Essa liberdade apareceu nesse clube de mães. Entretanto, quando

ocorria a visita da funcionária da Emater/Ascar ou de outras pessoas, essa configuração mudava, pois propiciava espaço de fala ao visitante.

Ao transcrever as gravações, foi necessário escutar várias vezes: a fala de cada uma delas e do grupo, os sons emitidos e os barulhos ao redor do clube de mães. Essa escuta apurada somente foi possível quando havia um distanciamento do local de pesquisa. Com muita atenção, fomos percebendo a forma de comunicação estabelecida quando estávamos juntas, quando estavam sozinhas e quando a funcionária da Emater/ Ascar participava das reuniões. Posteriormente, todas as gravações eram ouvidas e transcritas. Era só no momento de afastamento, de reflexão e de estudo que havia possibilidade de organizar o que havia ocorrido nas reuniões. O afastamento gerava uma lembrança e análise sistematizada. Dava direcionamento do material obtido, tanto gravado quanto resgatado, pela memória, quando em casa.

Sob orientação, as dúvidas eram discutidas, os dados levantados eram analisados e direcionados conforme a necessidade. Dessa forma, trabalhávamos na continuidade da pesquisa. No exercício com a orientadora, acontecia um “olhar e escuta” como terceiro, não tomado pelo objeto de pesquisa, com um percurso diferente da pesquisadora/orientadora.

Em relação à transcrição das gravações, salientamos a maneira como as intervenções aconteciam nas conversas, nos questionamentos realizados. A dificuldade da mestrandia em sair de um enquadramento para uma não rigidez permitiu que as mulheres do clube de mães fossem levando suas associações e suas produções àquilo que julgavam interessante compartilhar. A escuta estava direcionada aos objetivos de pesquisa. E por isso não conseguimos realizar um deslizamento e circularmos por outras possibilidades de análise sobre o que elas traziam. Ocorria que a nossa necessidade era *dizer a elas o que fazer* e como fazer, e só depois dessas intervenções observadas, através da escuta das gravações, é que nos permitimos ouvir de outras formas. Quando envolvida com o grupo, não era percebida a dimensão e a influência desse tipo de interferência.

Podemos chamar essas intervenções de *atos falhos*, os quais entendemos como necessário de serem pontuados, porque é na possibilidade de apontá-los que conseguiremos nos *re-inventar*. Quando nos analisamos, falamos também de uma geração que viveu um enquadramento o da educação que ocorre conosco e nos formatou. Justamente o esforço de se ouvir criticamente é que poderá ser capaz de nos fazer pensar/fazer diferente.

No decorrer desses encontros com gravação, principalmente a realizada como *grupo de discussão*, fomos aprendendo a lidar com a dinâmica de perguntar, gravar e permitir ao grupo se posicionar. Na verdade, já nesse momento, estávamos preocupada com a transcrição e isso gerava uma certa intransigência. Não conseguíamos visualizar como seria a transcrição daquela mistura de conversa, daquela falação toda. Então as ansiedades também apontavam para dar conta das exigências acadêmicas. A inexperiência em pesquisa, o desejo de querer mostrar para quem lê o que o *Clube de Mães Mulher Gaúcha* vive, pensa e faz gerava essa certa intolerância com o andamento das conversas.

Todo esse contexto de pesquisa ligado às pedagogias e às mulheres nos fez refletir sobre os saberes vivenciados em um processo de pesquisa, o quanto aprendemos quando estamos integradas em um ambiente que possibilita refletir sobre nossas *leituras de mundo* e atuações em nossa vida particular, profissional e acadêmica. Referente às pesquisas e as ações que se perdem no decorrer do percurso ou ficam apenas nas discussões, Paulo Freire tece a seguinte consideração:

É bem verdade que a descoberta da possibilidade de mudar não é ainda mudar. Indiscutivelmente porém saber que, mesmo difícil, mudar é possível é algo superior ao imobilismo fatalista em que mudar é impensável ou em que mudar é pecado contra Deus. É sabendo que, mesmo difícil mudar é possível, que o oprimido nutre sua esperança.

A construção da idéia do amanhã, não como algo pré-dado mas como algo a ser feito, o leva à assunção de sua historicidade sem a qual a luta é impossível. É por isso que lutar é uma categoria existencial e histórica, algo mais do que puro engalfinhamento (FREIRE, 2000, p.99).

A mudança exige de cada uma, e de cada um, uma luta contínua e persistente em sair do lugar de opressão e posicionar-se como capaz de intervir e decidir o que deseja para sua vida. Essa tarefa é árdua a qualquer ser humano. Por isso precisamos respeitar ao momento de cada um e de cada uma. As ações que citadas anteriormente e que o clube de mães não conseguiu ou não consegue realizar pelas mais diversas situações também remetem ao limite do humano e de cada momento histórico em que vive. Contudo não impede que, quando autorizados, com respeito e cuidado ao outro, de alguma forma, venhamos a intervir nesse processo.

2.3 As aprendizagens por meio das leituras dos estudos feministas

Antes de escrever sobre as aprendizagens das leituras do campo dos estudos feministas, gostaríamos de compartilhar com os leitores os sentimentos de revolta, inquietação, indignação e dor diante das leituras realizadas. A dor a que nos referimos aqui é a identificação de uma mulher lendo a dor de outras mulheres, como Frida Kahlo. Deifelt cita: “La experiencia artística interconecta el ser interno Y externo, así como al individuo y su medio ambiente. El arte de Frida integra estas dimensiones múltiples que afirman la integridad de un todo, incluso si este todo está herido por el dolor” (DEIFELT, 2008, p. 38). Os estudos das teorias feministas retratam as dores vividas por muitas mulheres, como Frida, e esta, magnificamente, conseguiu transformá-las em arte. Ela emoldura em quadros os seus fantasmas para que estes, aprisionados, não a impossibilitem de lutar por uma vida digna.

“A liberdade era um traço característico da obra de Frida” (TEIXEIRA, 2008, p. 51). Eis aí um dos grandes aprendizados deixados por ela, que possamos encontrar em cada uma e em cada um, à sua maneira, a “chave” para a liberdade. “Não é necessário que sejamos pintoras e pintores para conseguir retratar o que vivemos e criar saltos de reelaboração e ampliação” (EGGERT, 2008, p.81). Essa afirmação diz respeito à liberdade de expressão, de manifestar o que pensamos e o que sentimos em uma dimensão de reciprocidade e respeito com o outro.

As aprendizagens das leituras do campo dos estudos feministas e as vivências com as mulheres em nossa vida não se apresentaram apenas como conceitos teóricos. Afirmamos isso, pois a partir dessa óptica aprendemos uma nova perspectiva ao ler e escutar as histórias escritas “contadas” pelas mulheres. Procuramos neste trabalho expressar na forma escrita alguns pontos possíveis que significaram o atravessamento dessa teoria na pesquisa, principalmente na vida. Entre as questões impactantes dessas leituras sobre a teoria feminista, a leitura de Pateman (1995) escreve sobre o lugar da mulher e compara as mulheres donas de casa com os escravos, afirmando que, além do corpo estar aprisionado à família, aos trabalhos de casa, existe a submissão psíquica da mulher. A autora nos faz pensar quando afirma:

[...] diferença importante entre esposas e os outros trabalhadores. Apenas *as mulheres* se tornam donas-de-casa e prestam “serviços domésticos”, apesar de todos os senhores requerem os “serviços” de seus subordinados. Conforme Genovese deixa claro, muitos senhores de escravos não queriam ser simplesmente senhores, mas bons senhores, e a idéia predominante de um bom senhor era a de que ele protegia seus escravos e cumpria algumas responsabilidades em relação a

eles. A expectativa era que escravos demonstrassem gratidão e retribuíssem com lealdade no trabalho [...]. E “lealdade no trabalho” é exatamente o que o senhor quer, inclusive os maridos. [...]. O conteúdo específico da “lealdade no trabalho” exigido por um marido, entretanto, é determinado não só pelo contrato de casamento, mas pela “base natural” que dá origem ao contrato sexual e à divisão sexual do trabalho. A prestação do “trabalho doméstico” faz parte do significado patriarcal da feminilidade, do que é ser mulher (PATEMAN,1993, p188).

Seguindo a ideia de aprisionamento físico e psíquico, temos a contribuição de Eggert – “há uma pedagogia instalada nesse ato de invisibilizar as rotinas dos modos de aprender a ser mulher e a ser homem, de maneira que os pequenos golpes são grandes e fatais contra a dignidade humana” (EGGERT, 2008, p.80).

As mulheres rurais, representadas nesta pesquisa pelo *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, mencionam a impossibilidade de ter uma renda somente para elas. Tudo o que recebem por meio do trabalho na agricultura, com gado leiteiro e com outras atividades desenvolvidas, auxilia as despesas mensais da casa. A situação financeira “melhora” na aposentadoria. Passam a ter uma renda fixa, a maioria das vezes, um salário mínimo. Na fala de uma das mulheres, filha de uma aposentada, temos o seguinte conteúdo:

16min40seg a 17min40seg - *aposenta daí já é um dinherinho extra claro daí ela já procura compra uma coisinha pra ela né investi mais nela mas antes disso é @complicado@ eu sei pela mãe né quanta coisa ela já comprô pra ela que antes nunca podia compra até mesmo dentro de casa melhora a .cozinha enfim uma porção de coisa que daí tu vai economizando daí tu sabe que ganhando aquele dinherinho todo mês e daí tu vai lá e faz uma compra que antes nunca podia (). A mulher especificamente não tem assim uma ganho pra ela né?*

Nessa etapa da vida, vida de aposentada, ela pode “fazer escolhas”, comprar coisas para ela, ou facilitar o trabalho doméstico. Importante lembrar que a aposentadoria não acontece quando jovens. Portanto aposentadoria também remete a uma saúde deficitária. Que escolhas possíveis podem ser feitas?

[...] A possibilidade de ganhar dinheiro e dele dispor coloca a mulher em condições de transgredir interdições ancestrais. Ora, quase todos os interditos situam-se na área da independência, do uso da liberdade. Como o dinheiro constitui talvez o maior facilitador de condutas transgressoras e grande parte

das proibições representam o controle que os homens exercem sobre a sexualidade feminina (Tabet, 1985) não somente as mulheres associam-no com sexo como, de fato, existe este nexos. “Por isso, a manutenção da dependência (neste caso econômica) diminuiria a tensão provocada pelo conflito frente a liberdade vivida como transgressora [...] (SAFFIOTI, 1995, p.92).

Com idade avançada e problemas físicos em decorrência, ou mesmo do trabalho rigoroso realizado quando jovem, elas conseguem “certa autonomia”, principalmente financeira, até porque, dificilmente, serão olhadas como quando jovens. Com marcas de uma vida estampada no rosto, no corpo e com a história de uma educação regradada pela moral, seguem suas vidas sem muitas expectativas e sonhos, muitas se preparando para a morte, que, eventualmente, de alguma forma, tenha ocorrido para algumas delas. Possuem um corpo marcado pela existência. Nem sempre esse fato é tão trágico. Algumas mulheres conseguem encontrar respaldo familiar para trilhar uma história diferente.

Nesse sentido, podemos perguntar o que significa uma luta contínua para tentar sair desses enquadres, construídos historicamente, para ser mulher? Escrevemos, analisamos, mas sempre ficam muitas questões. Algumas mulheres, como Frida, conseguem transformar em arte a dureza dessa posição, sempre numa tentativa de nos retratar na sociedade de outra forma, “[...] modo de as mulheres se dizerem/ensinarem “eu sou eu mesma”, numa pedagogia da autonomia, produzida por Paulo Freire (1996)” (EGGERT, 2008 p.79).

Nessa constituição do ser e do estar mulher, uma das mulheres do clube de mães, com idade aproximada de sessenta anos, mãe, avó, esposa e dona de casa, ensina às mais novas o seguinte:

49min07seg

uma coisa importante é que a mulher é responsável pela alimentação de toda família () quanto mais vitaminas a família comer a mulher é responsável também pela alimentação pelo marido **como que é se prende o marido também pela @boca@ ()**

Quando escutamos essa fala na reunião do clube de mães, na escuta da gravação e na transcrição, analisamos as entrelinhas em que ela diz: *a mulher é responsável pela alimentação de toda a família () quanto mais vitaminas a família comer...* As mulheres se enxergam nesta responsabilidade: suprir as necessidades familiares. Aqui estão mencionadas como alimento. Mas podem ir além, não só representar a nutrição física, mas até mesmo,

inconscientemente, a emocional. Lembramo-nos de um ditado popular - *A mulher é o esteio da casa*. Tarefa dura esta, suportar, conter e resistir a tudo e a todos. E, em vista disso, muitas vezes alimentar os familiares, mesmo que isso implique privação pessoal, abrir mão de uma alimentação não somente física, mas negar a condição de ser humano, possui um alto grau de exigência consigo mesma.

Como posso “ser eu mesma” com tantas marcas de uma sociedade patriarcal e com uma educação androcêntrica? Eggert (2008) nos auxilia afirmando que uma das possibilidades é: “[...] A experiência com as diferentes formas de expressão pode servir de denúncia e anúncio, para outros exemplos e modelos de convívio, mais dignos. Esse exercício, no sentido de dar visibilidade à depreciação [...]” (p.79) dessa constituição social do feminino.

Durante a tarefa de ser pesquisadora, julgamos necessário escutar o “entre” nas falas das mulheres que denuncia ou mesmo anuncia *esse lugar de ser mulher*. Exemplo disso é este recorte da transcrição da gravação de uma das mulheres do clube de mães:

9min46seg	Sempre que é pra gente fala a gente fica nervosa não sei por quê?
10min01seg	@(15)

A fala dessa mulher do clube de mães e o silêncio do grupo exemplificam o lugar da mulher nos espaços públicos e privados. Um espaço de fala ou mesmo de escrita ficam silenciados, ficam em questão. Que silêncio é esse? Kehl marca algumas possibilidades.

A domesticação das mulheres é responsável pela criação do mito do mistério feminino: de alguma forma os homens pressentem a magnitude das forças que a educação recalçou nas mulheres em nome da redução da complexidade dos papéis que uma esposa/ mãe tem de representar [...] (KEHL 1998, p. 85).

Na fala citada anteriormente, o silêncio transcrito, no sinal entre parênteses, o número indica o tempo em segundos em que ocorreu o silêncio. Quem sabe esse silêncio pode ser atribuído a um dos aspectos da domesticação da mulher. No grupo, uma delas se questiona: Por quê? Por que ficamos nervosas? Seria que, ao falarmos principalmente em público, transgredimos o instituído, o socialmente instituído. Cabe salientar que essa forma de transcrição de WELLER (2006) proporciona transcrever o silêncio, o que não é transformado em fala, mas que contém uma mensagem.

2.4 FREIRE, suas pedagogias e nossas aprendizagens

A palavra pedagogia faz lembrar algo situado em um enquadre de sala de aula, em um local designado formalmente para aprender. Quando essas aprendizagens ocorrem fora dos espaços formais, é perceptível a dificuldade que temos em poder descrevê-las e mesmo em analisá-las. Observamos um pouco dessa situação ao tentarmos identificar e narrar as pedagogias vivenciadas no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Aprendizagens que ocorrem em um espaço onde, na maioria das vezes, não há uma visibilização dos trabalhos ou dos temas que emergem com base na experiência das mulheres pesquisadas.

A aprendizagem contorna e recorta os momentos dos encontros das mulheres como uma organização específica delas. É o chimarrão passando de mão em mão, da mesma forma que o bordado, as pinturas, o crochê, os trabalhos em fita e, principalmente, a discussão sobre o que acontece em suas vidas, na comunidade e na sociedade em geral. A escuta de quem pesquisa essas pedagogias, da mesma forma como nos locais formais, precisa ser minuciosa.

Existe uma organização específica daquele grupo. Identificar tudo o que grupo produzia. Na concepção freiriana, relida por Streck, temos:

O significado de pedagogia é mais bem compreendido no contexto de práxis, no qual Freire tensiona dialeticamente a ação reflexão. A pedagogia se situa no âmbito dessa tensão, em que a prática e a teoria estão em permanente diálogo. Nesse sentido, pedagogia refere-se a práticas educativas concretas realizadas por educadores e educadoras, profissionais ou não. Vem a ser o próprio ato de conhecer, no qual o educador e a educadora têm um papel testemunhal no sentido refazer diante dos educandos e com eles o seu próprio processo de aprender e conhecer. [...] pedagogia refere-se a um conjunto de saberes, sempre vinculados à prática. [...] (STRECK, 2008, p. 312).

Paulo Freire apresenta uma relação de pedagogias, as nomeia e as caracteriza nos títulos de suas obras. Relata a importância do reconhecimento do professor diante da produção do aluno. É possível encontrar em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996, p.43) a situação vivenciada por ele mesmo quando um professor reconhece o seu trabalho. Esse reconhecimento humano, do qual todos nós precisamos, é importante para a nossa constituição psíquica. Freire também afirma que para que seja possível a construção da autonomia é necessário também o direcionamento do professor ao aluno, apostando nele, antes mesmo que ele possa apostar em si como sujeito capaz. O olhar do “mestre” incentiva ou reprime a produção do conhecimento para o aluno. Somos capazes de fazer grandes produções quando temos “o olhar” do “mestre” que reconhece e aponta um futuro promissor,

nomeia o que ainda não está nomeado ou que ainda não tem endereçamento, ou seja, a professora e o professor sensíveis o suficiente para dizerem ao aluno que ele pode fazer a “lição”, que é ele capaz porque está ali para assegurar isso.

No momento em que o professor nomeia algo realizado pelo aluno, dizendo palavras possíveis para contribuir na produção do aluno, este irá sentir a segurança necessária para deslizar pela criatividade e construir a própria autonomia. A busca da autonomia é uma tarefa constante e somente acontece com o outro e para o outro quando somos reconhecidos como capazes.

Autonomia é compromisso ético que estabelece exigências para educando e educador: dedicação e zelo pela vida acadêmica, a disposição de sempre buscar amadurecer e qualificar seus conhecimentos! A autonomia presuppõe uma concepção emancipatória de educação. [...] O sujeito aprende quando passa da heteronomia para a autonomia, isto é, quando se emancipa a si mesmo. O ato de ensinar propicia aos educandos essa construção, ao articular “a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (PAULY, 2008, p. 314).

A construção da autonomia é uma proposta de ser um sujeito pensante, questionador, que se indigna e ou se entusiasma com as produções humanas. É esse ser, em constante transformação, como Freire mesmo se considerava, que se encaminha para a autonomia. Quando Freire menciona a autonomia, enfatiza: *A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros* (FREIRE, 1996, p.41). Quando buscamos nosso espaço de atuação, não é no sentido de tirar o lugar do outro, mas sim de construir o nosso. A obra de Freire, *Pedagogia da Esperança*, como apontada por Pauly, “[...] é uma espécie de “arqueologia”(p.31), de *Pedagogia do Oprimido*. O reencontro da opressão com esperança mostra como essas experiências humanas contraditórias se entrelaçam dialeticamente (PAULY, 2008, p.315).

Na *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire reconhece sua primeira esposa, Elza, como sua primeira leitora, uma mulher crítica, a qual agradece a possibilidade de ouvi-la e lê-la. “Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa ‘gentetude’” (FREIRE, 1992, p.64). Afirma que foi possível sua *re-criação* pela experiência que teve com Elza. Mais adiante, na mesma obra, também reconhece outras mulheres que lhe escreveram no fim da década de 1970. Elas fizeram críticas às suas obras dizendo o quanto Paulo Freire era contraditório, pois

“fazia duras críticas às estruturas opressoras e usava, uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres” (FREIRE,1992, p.66). Embora, como diz Eggert (2008), ele não tenha conseguido nomear nenhuma delas, houve um reconhecimento desse diálogo ao ponto de Freire passar a usar a linguagem inclusiva.

Nesse momento da escrita freiriana, uma grande pedagogia se reafirma na necessidade humana de ser “lido, olhado, ouvido” por outro ser humano, independente da cor, sexo, idade ou de alguém a quem também reconhecemos como importante na vida. São as trocas de conhecimento e reconhecimento que propiciam a continuidade de um trabalho.

Como Paulo Freire se indignou diante de tantas injustiças sociais, também as mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* expressavam sua insatisfação, e raiva diante da situação financeira vivida na agricultura. Denunciavam que os esposos e filhos eram literalmente envenenados pelos agrotóxicos utilizados nas lavouras. Na maioria das vezes, elas e eles lutam pela sobrevivência e bem-estar físico e psíquico. As reuniões são momentos de sustentação das angústias e dos medos vivenciados na comunidade diante das mais diversas situações que não encontram saída. Quando o clube recebe visitantes, convidados, de alguma forma “gritam por socorro”, por uma vida mais digna.

[...] Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. A minha raiva minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos.[...] O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência , como tática na luta política (FREIRE, 2000, p.79).

Justamente o *direito de ser mais* está negado, em muitos momentos, àquelas mulheres e àqueles homens. Lutam pela sobrevivência e por uma vida mais digna. Essa luta ocorre, também, nas reuniões das mulheres, na capacidade de trocar experiências, de escutar sua vizinha e entender que, muitas vezes, não compartilham da mesma opinião, entretanto, é capaz de respeitar na sua subjetividade e na sua história de vida. Parafraseando Freire, o *direito de ser mais negado*, nesse caso, é quando os filhos e as filhas não podem optar por continuar os estudos, porque o acesso ao ensino superior implica despesas com transporte ou moradia, o que, para a maioria daquelas pessoas, não é possível. Direito negado é quando a

produção agrícola e a leiteira realizada por aquelas mulheres e homens não é capaz de oferecer aos filhos uma continuidade na zona rural. Em muitos momentos, elas encontram-se em uma “prisão sem grades”, onde a maior dificuldade é encontrar a “chave” da liberdade. A pergunta que ainda persiste é se essa chave existe.

Na *Pedagogia do Oprimido*, Freire afirma que (2005, p. 105) as “*situações limites*” vivenciadas por homens e mulheres não são o ponto que marca a *desesperança*, mas sim aquele momento em que realizam a leitura de mundo. Quando a *percepção crítica se* instaura, propicia a homens e mulheres mudarem sua posição e perceberem que é possível outro “caminho”. Nessa linha de raciocínio, Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Indignação*, afirma:

[...] Me parece fundamental sublinhar, no horizonte da compreensão que tenho do ser humano como *presença* no mundo, que mulhres e homens somos muito mais do que seres adaptáveis às condições objetivas em nos achamos. Na medida mesma em que nos tornamos capazes de *reconhecer* a capacidade de nos adaptar à concretude para melhor operar, nos foi possível assumir-nos (sic) como seres transformadores [...] (FREIRE, 2000, p.33).

A habilidade humana de se transformar e transformar o que está a sua volta é uma importante capacidade humana. Essa transformação deve ter como parâmetro o respeito ao outro e a si mesmo. Os limites são sinalizadores importantes, nos quais é necessário se indignar, criticar o que entendemos como injustiça, mas, para isso, não precisamos perder a humildade na frente dos outros e de nós mesmos.

2.5 A psicanálise no cruzamento desta pesquisa

A formação em Psicologia e o forte desejo na formação psicanalítica fizeram com que a escuta e a escrita não escondam a busca por uma percepção analítica construída diante desse material pesquisado.

Freud (1919) no texto O Estranho, “*heimlich ou heimilig*” que significa doméstico, familiar, vem contrapor o “*unheimlich*”, ou seja, tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas que veio à luz, “*schelling*”. A pesquisa é isso. É algo que está geralmente próximo de nós, entretanto velado. A investigação dará vida e poderá trazer à tona questões

ou algumas situações “respostas” ao que se investiga. Ou ainda outras perguntas. Durante o processo de escrita da pesquisa de mestrado muitas vezes houve este questionamento: O que nos implica, subjetivamente, quando optamos por esse ou aquele assunto de pesquisa?

Enquanto narrativas de resgate de parte da história das mulheres foram realizadas, também resgatamos as nossas e de muitas a nossa volta. Podemos comparar esse resgate a uma “ luz” tão forte que ofuscou, em alguns momentos, a possibilidade de escrever e inscrever uma pesquisa sobre as mulheres. Embora tenhamos diferenciado o que era nosso processo subjetivo e o que era objeto de pesquisa, muitas dessas marcas teimam em não se tornarem cicatrizadas, porque ainda são feridas que nos acompanham desde antes da concepção, mas que somente agora foi possível nomeá-las e, de certa forma, reelaborá-las.

Nesse sentido, entendemos que estávamos pesquisando antes mesmo de iniciar o mestrado, e as perguntas/respostas culminaram com esta dissertação. A busca pessoal foi importante para dar sentido à pesquisa acadêmica. “*Quem pesquisa se pesquisa*”. Eggert (2003) sabe o tamanho do significado dessas palavras na construção de vida e na pesquisa acadêmica que realizamos. Compartilhamos em vários momentos, algo ou alguém e a adoção, no sentido de acolher, tomar para si, o que possibilitou dar significado e entendimento ao tema de pesquisa.

Freud, em seu texto, *Estranho*, relata os significados das palavras “*heimlich e unheimlich*”. Essas duas palavras possuem significados contraditórios, entretanto apontam ao familiar e ao agradável, mas não ao impossível de ser identificado, ao oculto ao olhar. Esse ocultamento, em nossa pesquisa, veio na escuta diferenciada que realizamos em relação àquelas mulheres daquele clube de mães, isto é, uma escuta de ser mulher em suas diferentes formas e especificidades. A escuta em alguns momentos foi marcada pela dor.

Na investigação, tornou-se possível perceber a contribuição daquelas mulheres para uma reconstrução do corpo e da mente feminina. Uma possibilidade de pensar e de ser diferente. Na escuta, identificamos algumas marcas que aqui descrevemos, marcas que foram registradas na construção da identidade feminina. Identidade gerada em uma sociedade, muitas vezes, moralista e preconceituosa, que, durante muitos anos, enquadrou a mulher em um molde, e ainda para algumas de nós molda, de maneira que lutamos para nos livrar dele. Nesse molde, o corpo das mulheres quem sabe não morria encaixado, domesticado, estigmatizado; morria subjetivamente a capacidade de escolher de lutar por um lugar digno.

O termo apontado por Freud como o “familiar” (*heimlich*) deveria permanecer silenciado, (schelling”), e numa releitura de hoje ainda emerge nas narrativas das mulheres do clube de mães como: a renda do trabalho delas tida como familiar e pouco reconhecida por elas e pela família; a produção e manutenção da família realizadas basicamente pelas mulheres são invisibilizadas. Além das questões financeiras evidenciadas nos relatos das mulheres, há uma enorme preocupação em relação ao êxodo rural. Elas apontam possíveis sugestões ou indicações de soluções, mas se deparam com o “molde” e sentem um tremendo medo, estranhamento em sair daquela “ocupação” de dona de casa servil para uma posição atuante e reconhecida. Sabemos que tudo isso tem um preço. Mas não querer ver e permanecer no mesmo lugar também tem e, quem sabe, até mais elevado. Esses são alguns exemplos que surgiram no decorrer das conversas com o grupo.

O estranho é tratado por Freud como algo familiar que retorna, geralmente, em forma de angústia. As inquietações ou questionamentos existentes nos seres humanos existem porque algo latente há e requer respostas ou elaborações.

O objetivo da pesquisa não foi intervir para mudar, para propor uma nova perspectiva de vida a elas. Se assim fosse, necessitaria avaliar as demandas do clube de mães e, conseqüentemente, verificar o desejo de realizarem e sustentarem essas mudanças em suas vidas pessoais e em grupo. A pesquisa mobilizou vários sentimentos no clube de mães e em nós como pesquisadora devido à proximidade física e ao tempo de acompanhamento dessas mulheres. A investigação realizada neste trabalho pôde oferecer algumas pistas sobre os assuntos que emergiram e, quem sabe, no decorrer do processo essas pistas poderão ser significativas.

Nesse sentido, a participação no *Clube de Mães Mulher Gaúcha* ofereceu subsídios para articular a pesquisa das pedagogias que circulavam no clube de mães e que as mantiam reunidas, perfazendo dezoito anos de história. A pesquisa foi visibilizando espaços de fala, reflexão, que antes da pesquisa, ao que parece, não eram nomeados e, portanto, parecia que não existiam. Foi possível perceber e distinguir, a partir da pesquisa, essa configuração. Ou seja, elas começaram a observar e se escutar de outra forma, como grupo produtor de conhecimento, capaz de realizar vários debates sobre o lugar delas na agricultura familiar, a importância da mulher na organização das atividades ligadas a família e aos recursos financeiros obtidos, mensalmente, a partir dos trabalhos realizados com o gado leiteiro.

Outros assuntos também circulavam na roda de chimarrão, ocasionando debates entusiasmados e consistentes. A maioria dos debates, quando necessitam da ação, acabam se perdendo pelo medo, pelas dificuldades que, pressupondo, podem ocorrer. O grupo antecipa as possíveis dificuldades que, supostamente, irão existir, mas que ficam somente na conversa.

Diante das inquietações do clube de mães, ouvimos queixas quase em todas as reuniões. Essas lamentações aliviam a angústia, mas precisam ser marcadas ou, de alguma forma, reformuladas para poderem encontrar uma nova possibilidade. A lamentação sem ação não traz outros resultados e por isso precisa de intervenção.

Sobre a necessidade de alguém pontuar algumas questões centrais em relação ao clube de mães, descrevemos o seminário que tivemos na URI, no mês de dezembro de 2008, que possibilitou a oferta ao grupo de um almoço-conversa na casa da mestranda, com a participação da orientadora e da funcionária da Emater/ Ascar.

O seminário foi uma atividade do Minter, ocasião em que todos os mestrandos apresentaram o momento atual das suas pesquisas. A grande maioria das mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* esteve presente nesse evento, pronunciou-se sobre o tema desenvolvido na pesquisa em que foi participante. Uma das mulheres falou em nome do grupo a respeito da pesquisa e suas implicações no clube de mães. Ela relatou sobre a importância da escolha da pesquisa estar direcionada às mulheres da zona rural e aos saberes que aquele grupo desenvolve, tornando, dessa forma, possível a valorização desse grupo para a produção de conhecimento. Em vista disso, ficou evidenciada a importância atribuída por elas à investigação e à necessidade de que outros trabalhos possam ocorrer na zona rural.

O almoço foi um momento de integração entre todas nós, incluindo a orientadora e mais uma colega do mestrado de São Leopoldo. Após o almoço, foram levantados alguns aspectos por parte da nossa orientadora sobre suas experiências e estudos vinculados a grupo de mulheres. Formou-se um momento de discussão sobre essas questões já levantadas no decorrer da pesquisa.

Nessa discussão, nossa orientadora fez uma intervenção e propôs a elas que se imaginassem saindo “desse lugar”, isto é, fazendo algo por suas vidas, imaginando a possibilidade de gerarem renda em outras atividades que oferecessem a elas um novo posicionamento em frente das situações que enfrentavam. Essa intervenção, apontando

possíveis caminhos, inquietou o grupo e elas chegaram a uma importante pergunta. “*Será que nós queremos fazer algo diferente do que estamos fazendo até o momento?*” Esse questionamento foi profundo. Elas se responsabilizaram, de alguma forma, diante da situação em que se encontravam. Ficar na lamentação ou trabalhar em busca de um reconhecimento? Deparar-se com tudo isso não é fácil, muitas das suas produções estão invisibilizadas, porque, mesmo em 2009, ainda não é fácil para muitas mulheres saírem da opressão, da subserviência e da cômoda relação de estar recebendo pequenos ganhos com essa suposta obediência.

Observamos o grupo amedrontado com o que perceberam. Esse medo e estranheza de alguém acreditar que elas são capazes de produzir reflexões e ações impactou. Tudo isso é algo que precisa ser digerido por aquelas mulheres e pela comunidade porque, de alguma forma, sabem que poderá provocar mudanças significativas em suas vidas, as quais elas poderão ou não sustentar. O estranho retorna como familiar. No fundo, sabem que são capazes, mas precisam de indicações e encaminhamentos. Os sonhos guardados foram tocados. Junto veio o medo dessa posição feminina que, no decorrer da história, foi massacrada e que ainda luta diante das dificuldades subjetivas e reais que permanecem em muitas de nós.

No terceiro e último capítulo, iremos propor uma análise do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Utilizaremos três tópicos guias para a realização da análise da pesquisa no clube de mães. O primeiro tópico refere-se ao, o uso do dinheiro sempre em função da família; o segundo, ao pensar sobre si mesmas e sobre o grupo; e o terceiro, à divisão dos trabalhos delas nas famílias. Também teremos uma reflexão sobre o feminismo, a psicanálise e pedagogia, parceiras na reflexão. Para enlaçar a finalização da dissertação, discutimos as pedagogias possíveis – a extensão, a pesquisa e o ensino no desenvolvimento local. Também teremos as considerações finais realizadas nesta investigação.

3 UMA ANÁLISE SOBRE O GRUPO PESQUISADO

3.1 Pedagogias em processo

No período em que participamos das atividades do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, foi possível perceber que existe uma relação de compromisso entre as participantes, pois percebemos que, quando uma delas não podia comparecer à reunião por um motivo ou outro, no encontro subsequente elas justificava, o seu não comparecimento. Em algumas circunstâncias, avisavam à vizinha mais próxima sobre a impossibilidade de participar do clube de mães.

O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* não possuía cronograma de atividades. Elas participavam das reuniões sistematicamente, o acordo e organização não eram formais. Existia uma programação específica quando havia convidados de fora, como, por exemplo, a funcionária da Emater/Ascar, que oferecia algum curso para o clube, ou quando o clube de mães solicitava cursos. As únicas atividades que eram agendadas anteriormente, das quais o clube de mães participava, eram as festividades da comunidade.

Quem abria o CTG para receber o grupo era uma das participantes moradora ao lado do mesmo ou então a presidente do clube. Geralmente, o combinado era iniciar às 14 horas, mas às 13h30min elas chegavam. Algumas vinham sozinhas a pé, outras se reuniam ao longo do caminho formando pequenos grupos. Algumas eram parentes e se organizavam para ir em juntas. Outras, o marido levava até o clube. Convém salientar que algumas das participantes eram irmãs, noras e sogras, cunhadas, mães e filhas, comadres. Além da convivência no clube de mães como associadas, existiam os laços de família e de amizade.

Como no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, na maioria das reuniões, as atividades não eram programadas anteriormente, elas chegavam e decidiam o que iriam fazer. Era um momento de trocas de receitas e experiências, conversavam sobre o que estavam fazendo em casa, sobre as novidades de modelos de artesanato, entre outros assuntos.

Consideramos esse momento de encontro informal como muito produtivo. As experiências refletiam a vida daquela comunidade. Na arte de construir novos objetos iam enunciando um bordado novo em suas próprias vidas. A cada ponto de crochê, a cada costura,

a cada pintura iam formando a arte de viver com o que têm. Também foi no clube de mães que as discussões eram tecidas, novas cores e entonações eram apresentadas de umas às outras em momentos de partilha. O saber não como poder onipotente, mas o saber capaz de circular nas mãos e mentes habilidosas daquelas mulheres. Quando uma sabia um determinado artesanato e outra não, elas trocavam conhecimento, geralmente a que ensinava também em outro momento aprendia.

Nas reuniões, sempre havia lanche feito por elas mesmas. Era um momento em que também circulava conhecimento por meio da troca de receitas, de forma oral ou escrita, em um pedaço de papel ou em um guardanapo. As mulheres traziam bolachas, bolos, carapinhas³², rapaduras, frutas, balas caseiras, calça virada³³ e frios³⁴ em geral.

Além do lanche da tarde, toda semana tinha a equipe que preparava o chimarrão e organizava o CTG, limpando e vendo o que precisava organizar no espaço das reuniões. Para isso, elas possuíam uma escala. Quando as mulheres iam chegando, geralmente a equipe da semana já havia feito o chimarrão e organizado o local para esperar as outras. Essa organização nos faz lembrar a preparação que temos em nossas casas quando vamos receber uma visita da qual gostamos.

Na primeira quarta-feira de cada mês, havia uma reunião no centro da cidade. Participavam as presidentes dos clubes, a ACLUMASA, Emater/Ascar e a representante da Assistência Social do município. Na semana seguinte, a presidente informava ao seu grupo as informações tratadas naquela reunião. Quando a presidente não podia ir, ia uma representante da diretoria, e se ainda assim essa também não podia, outra se disponibilizava.

Em todos os encontros, era redigida a Ata e ainda circulava um caderno de presença. Na maioria das vezes, elas terminavam de elaborar a Ata em casa, e no encontro seguinte liam a mesma, em voz alta, ao grupo, e somente assinava quem tivesse participado do encontro passado e tivesse assinado o caderno de presença. Ou seja, havia uma rotina que lembrava um processo de registro e controle. Por isso esse grupo poderia ser considerado um grupo de educação não formal. Possui algumas semelhanças no campo educacional, mas não finalizava

³² Doce feito de amendoim.

³³ Calçavirada é uma massa feita em formato de gravata, pode ser doce ou salgada, e é frita em gordura.

³⁴ Frios: pastéis, esfirra, risólis, entre outros.

o processo ao ponto de ir além dos registros de planos de ações e presença para chegar ao processo avaliativo e de certificação³⁵.

Em algumas reuniões, faltava material para o trabalho com artesanato, mas isso não era impedimento para o clube de mães. Com ou sem material para as atividades manuais, elas se encontravam, porque também se reuniam para conversar. Fazendo uma comparação, poder-se-ia dizer que em uma escola, quando falta caneta, lápis, borracha, apagador, materiais imprescindíveis para se ter uma aula, fica difícil a aula. Quando uma professora ou um professor falta, fica difícil conduzir a turma, porém no clube de mães ocorria diferente. Quando alguma delas faltava ou faltava material, o saber continuava, porque todas eram detentoras de algum saber para dividir com as outras. Elas inventavam novas situações para seguir como grupo.

Observamos que existiam saberes que circulavam e enlaçavam aquelas mulheres, não somente as atividades artesanais. O artesanato é mais uma entre tantas coisas que o grupo produz.

Embora existissem no grupo diferenças de crenças religiosas, rezavam orações em comum, como a oração do pai-nosso. Faziam agradecimentos e pediam auxílio a Deus nas situações que viviam no momento. Os pedidos eram por saúde, chuva, proteção, entre outros, dependendo do contexto que estavam vivendo. Em outras ocasiões, o clube de mães funcionava como apoio para as dificuldades, “quase” uma terapia em grupo. Elas dividiam, umas com as outras, os problemas do dia a dia. Sempre havia uma no grupo que manifestava uma palavra de consolo, de auxílio para a outra.

A maioria delas não concluiu o ensino fundamental pela dificuldade de acesso às escolas da cidade ou porque precisava ajudar nas tarefas em casa. Relataram que não eram incentivadas a continuar estudando. Atualmente, na relação com as filhas, elas diziam que era diferente, queriam que elas estudassem, faziam um esforço enorme para conseguir oferecer “uma vida melhor às filhas”. Em relação aos filhos homens, elas disseram que não queriam, também, que ficassem “ali fora” se intoxicando de veneno [agrotóxicos] como os pais. Em

³⁵ O termo educação formal seria no sentido da educação bancária. Educação informal como educação problematizadora, termos esses utilizados por Paulo Freire. A prática bancária subordina o educando, sufocando o gosto pela rebeldia, reprimindo a curiosidade, desestimulando a capacidade de desafiar-se, de arriscar-se, tornando-o um sujeito passivo. [...] a educação problematizadora consiste na força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita. [...] (SARTORI in STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008 p. 151-152).

contrapartida, elas se queixavam do êxodo rural e que as pessoas da comunidade estavam deixando suas terras ou vendendo-as para ir à cidade. Ocorria uma ambivalência de sentimentos, entre ficar ou sair da comunidade.

O *Clube de Mães Mulher Gaúcha* encerrava as atividades por volta das 17 horas da quarta-feira. Elas não possuíam um horário preciso para essa finalização. Quando uma delas precisava ir para casa mais cedo, saía sem nenhum problema. Observamos que se uma delas levantava para ir embora, logo depois as outras também iam fazendo essa movimentação. Assim, não havia uma preparação específica de início e finalização das reuniões. Num primeiro momento, isso poderia ser entendido como uma desorganização, entretanto essa movimentação não ocorria de forma desorganizada, ocorria em sintonia, umas com as outras, geralmente depois de terem terminado alguma atividade ou discussão. Não ocorria ao acaso.

Esse *Clube de Mães Mulher Gaúcha* não recebe cestas de alimentos, mas isso não quer dizer que não ocorra certo assistencialismo. Os produtos recebidos no clube de mães chegam de entidades públicas em forma de doação. Observamos, por meio da pesquisa, que não eram os donativos que o clube de mães recebia das entidades públicas que as mantinham reunidas, essas doações eram colaborativas ao clube, não sustentadoras. Outra maneira de entender o termo doação era no sentido de estabelecer trocas, formas de aprender e de ensinar. Essas também ocorriam no clube e eram as “pedagogias” que circulavam, assim como as que foram sendo relatadas no decorrer do texto. Dessa forma, podemos dizer que eram essas doações que as mantinham reunidas, porque eram transformadas em pedagogias.

Há uma pedagogia, em específico, que pode ser observada nos processos identificados, narrados e doravante analisados. Para isso, utilizaremos *tópicos guia*³⁶ como uma forma de sistematizar essas observações.

3.2 Os tópicos guias para a análise

Nessa etapa, de finalização da pesquisa, foi possível identificar a estrutura deste trabalho. Percebemos a construção teórica da dissertação de pesquisa como um tripé: teoria

³⁶ Weller (2006) salienta que os tópicos guias são questões que orientaram a escolha da técnica e dos procedimentos da coleta dos dados durante o processo de pesquisa e em sua análise final dos resultados.

feminista, psicanálise e pedagogias. Foram os elementos desse tripé que guiaram a discussão dos dados colhidos na pesquisa.

Com esse entendimento de pesquisa, utilizamos três tópicos guia de discussão: *O primeiro - o uso do dinheiro sempre em função da família; o segundo - o pensar sobre si mesmas e sobre o grupo; e terceiro- a divisão dos trabalhos delas nas famílias.* Esses foram os tópicos que logo a seguir serão apresentados, trazendo as falas das mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*.

Os tópicos guias propiciarão um entendimento sobre o que foi possível acompanhar, descrever e analisar sobre o *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Esses tópicos sugerem a valorização do tempo das mulheres no clube de mães e fora dele, como também o nosso investimento, enquanto pesquisadora, de tempo, estudo e aprendizado diante desta pesquisa.

Esse tempo de pesquisar, como escreve Eggert (2003), *é também de se pesquisar*, e pode ocorrer de forma transversal, como ocorreu entre as mulheres envolvidas na pesquisa e a nós como pesquisadora. As narrativas das histórias singulares das participantes, entrelaçadas às histórias do clube de mães, da comunidade e do CTG, compuseram a escuta da pesquisa do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Os movimentos, “nesses cenários de relacionamentos entre pessoas em nome do saber, ao redor do saber, em função do saber, quase tudo o que se vive existe em nome do aprender. Afinal, é para reaprender melhor o que já se sabe, ou para aprender o que não se sabe ainda, que se está ali” (BRANDÃO, 2003, p.116). Essa citação evidencia um pouco do que o clube de mães realizou. Foram os saberes, levados e produzidos nesse grupo, que fizeram com que elas dessem continuidade às reuniões. Em outras palavras, seria: “[...] “universidade do povo” não tem matrícula, nem fornece diplomas, mas nela se encontra o alimento para a curiosidade e ensinamentos práticos para o bem viver cotidiano [...]” (STRECK, 2008, p. 86).

Esse *diploma*, construído nesse modelo de aprendizagem, como no do clube de mães, não vem escrito em um documento reconhecido por uma instituição. Ele até pode estar escrito, mas em forma de receitas trocadas que ganham vida e aperfeiçoamento quando compartilhadas e executadas em cada casa ou nas festividades da comunidade.

3.2.1 O uso do dinheiro sempre em função da família

A questão do dinheiro das mulheres do clube de mães remetido à família faz lembrar a obra teatral do autor William Shakespeare (1564- 1616) - O Mercador de Veneza.

Bassânio, um nobre veneziano que perdeu toda sua herança planeja casar-se com Pórcia, uma bela e rica herdeira. Seu amigo Antonio concorda em lhe emprestar o capital necessário para que ele viaje até Belmonte, no continente, onde vive Pórcia. Como Antonio é um mercador, toda a sua fortuna está investida numa frota de navios mercantes que navegam em águas estrangeiras. Ele então faz um empréstimo junto a Shylock, um agiota que concorda em emprestar o dinheiro, desde que Antonio empenhe uma libra de sua própria carne como garantia. Quando Bassânio chega a Belmonte, descobre que para ganhar a mão de Pórcia terá que se submeter a um teste envolvendo três arcas, deixado pelo pai da moça antes de morrer e ainda recebe a notícia que os barcos de Antonio naufragaram e ele perdeu toda sua fortuna, estando sua vida, agora, nas mãos de Shylock.³⁷

Esse trecho nos auxilia a pensar sobre a questão do dinheiro em função da família, analisado a partir da via do simbólico. Na obra teatral, a dívida é avalizada por um pedaço de carne humana. Se Antônio, um dos personagens, não conseguir pagar o empréstimo, pode ter uma libra da carne de qualquer parte do seu corpo cortada por Shylock como pagamento da dívida.

Nesse sentido, isso nos leva a pensar o quanto nós, mulheres, ainda pagamos com o corpo com a vida as dívidas que nos foram impostas e que, muitas vezes, nem são nossas. Embora existam leis de amparo a mulher, como a Lei Maria da Penha, Lei nº. 11.340/06 (2007), ainda somos vítimas de maus tratos. O quanto é possível e necessário continuar a luta por uma posição de não se aceitar a imposição do outro, mas de se colocar como sujeito, como ser humano capaz de respeitar e ser respeitado na vida privada ou social.

Para que nós mulheres possamos compartilhar do espaço privado e público, é necessário que não esqueçamos de nós mesmas. Muitas vezes nos preocupamos com os filhos, esposos, parentes em geral e até com amigas e amigos. Lembramos de todos e de todas. E não sobra tempo nem energia para investirmos no cuidado pessoal. A maioria das vezes somos vencidas pelo cansaço e pela submissão de estar sempre em função dos outros. A seguir, podemos perceber, através da fala de uma das mulheres, o que é realizado com:

³⁷ Esse resumo é possível encontrar no site: Disponível em:
<<http://ruthescobar.apetesp.org.br/espeticulos/adulto/omercadordeveneza.htm>> 05.06.2009

344 - 5min 44seg	Esse ³⁸
345 - 5min 45seg	do lei:::te
346 - 5min 46seg	a gente
347 - 5min 47seg	paga luz
348 - 5min 48seg	aí o que
349- 5min 49seg	sobrô a gente ficá um poco
350- 5min 50seg	gasta assim
351- 5min 51seg	vai pra gasolina
352- 5min 52seg	vai pra pagá duplicata
	()
377-7min27seg	@ vai pra tudo @

Nessa fala, com o dinheiro que “sobra” ela paga as dívidas. Então é possível afirmar que não sobra? Essa é uma questão, entre tantas outras, que a pesquisa levanta. Nós mulheres somos desde cedo treinadas a investir o que temos primeiro para os outros, se sobrar, quem sabe, em nós mesmas. E sobra?

Como então criar uma posição de sujeito singular que possa ser contada, ou narrada não numa posição servil? Por mais que façamos, nunca será possível dar conta de tudo que a família ou o social nos cobra, quem sabe pensar que podemos às vezes deixar na falta. Isso não quer dizer abandonar o trabalho, a família, mas, sim, que não podemos fazer tudo. Somos humanas, portanto as limitações também nos constituem, e é extremamente importante que aprendamos a lidar com elas, a sair desse lugar “resolver tudo”, a “dar conta do recado”. Quem sabe em uma nova posição seja possível também sermos vistas e ouvidas de outra maneira.

O dinheiro ganho pela mulher a partir do trabalho realizado com o gado leiteiro era destinado às necessidades dos filhos, o bem estar da família. O dinheiro da lavoura, onde o marido trabalhava, os homens trabalhavam, praticamente não fazia parte do orçamento doméstico. Assim nos conta uma das mulheres:

³⁸ Toda essas falas estão em segundos. Essa transformação fizemos diferente da transcrição de Weller (2006).

32min12seg **Maristela** corte cabelo () com dinheiro do leite eu tenho treis filho pra dá as coisa::sa () as coisa de dentro de casa tudo com o dinheiro do leite faiz 17 ano que sô casada praticamente meu marido comprô uma cozinha depois de cinco anos de casa com o dinheiro da lavora então é tudo com o dinheiro do leite tudo que tenho dentro de casa agora comprei uma tv tô pagando tudo com dinherinho de lei:::te

33min @ @ @ @ @ @ @ @ @ @ @ @ @ @ do grupo

Ainda em relação ao dinheiro, em um determinado momento da discussão sugerimos que uma das mulheres que se encontrava aposentada falasse sobre sua vida em relação à questão financeira:

18min22seg **Clementina** mudô as coisa da noite pro dia

(6)

18min28seg **Karini** Como que era antes e como é agora

18min30 seg Comprei um estante, comprei um barcãozinho, corchão @ (tava doendo as costa) @

Quando essa senhora do clube de mães relatou a compra do colchão, porque suas costas estavam doendo, lembramos dos escritos de Montero (2008):

Não costumamos prestar a devida atenção ao importante papel que a cama exerce em nossas vidas. Nascemos numa cama e morremos em outra, e metade de nossa existência transcorre sobre ela. A cama acolhe nossas enfermidades, é o ninho de nossos sonhos, o campo de batalha do amor. É nosso espaço mais íntimo, a guarida primordial do animal que carregamos dentro de nós. [...] (MONTERO, 2008, p. 147).

Propomos uma reflexão relacionando a compra do colchão por uma das mulheres do clube de mães a essa citação: o que, quem sabe, para além das dores nas costas está colocado na compra de um colchão? Montero (2008) enfatiza a dor e o amor vivido na cama ou no colchão. Essa mulher estava aposentada, mas os sonhos de ter uma vida diferente, faziam como que continuasse trabalhando, portanto não se aposentou. Retomamos

novamente a continuidade dessa fala, descrevendo o uso do seu dinheiro de aposentada e do esposo.

18min50seg	Karini Tudo com a aposentadoria
18min51seg	Clementina sim
18min52seg	só com=minha aposentadoria fora
18min53seg	a dele a dele
18min54seg	ele gasta na bocha
18min58seg	vai pro samba
18min59seg	vai pra corrida de @carro@ (todo grupo ri) ()
19min17seg	Dolores @mas compra uma ropinha bonita também né Clementina@
19min18seg	Clementina ham de vez enquanto
19min19seg	compra né

A fala dessa mulher foi marcante. Ela apontou justamente para a diferença da mulher e do homem aposentado. Ela descreveu o que fazia com o dinheiro que recebia mensalmente. Todo ele investido em prol do bem estar da família. Enquanto que o marido usava o seu para se divertir. Pelo que podemos avaliar, a sustentabilidade da casa, mesmo quando ambos estão aposentados, é da mulher. Ficou evidenciado na fala das mulheres que a responsabilidade de manter o sustento da casa era somente da mulher. Em relação a isso, também é importante pensar como ficaria se a mulher não assumisse essa situação? Na aposentadoria, as mulheres investem na casa e fazem algumas coisas que antes não eram possíveis. Uma vida ainda marcada pela imposição de uma sociedade androcêntrica.

Em contraponto a mulher aposentada, há a mulher jovem. Essa, quando é independente financeiramente, tenta romper com o lugar de submissão. Porém, em uma sociedade androcêntrica, isso dificilmente ocorre totalmente porque ainda pode continuar presa a explicar o que faz com o dinheiro que recebe do trabalho. Mesmo dona do dinheiro, ela precisa reconhecer que tem desejos e vontades diferentes dos do companheiro. Não precisamos estar a todo instante pedindo permissão do que fazer, como fazer e quando fazer com nosso dinheiro. Isso não quer dizer deixar de compartilhar as opiniões, sugestões. A

diferença está em pedir permissão ao invés de explicar, ou compartilhar aquilo que deseja fazer através de diálogo e troca.

A busca do lugar da mulher é a busca de uma posição de sujeito que possa ser contada ou narrada não numa posição servil, mas em um lugar de autoria e autonomia como Freire (1996) escrevia.

3.2.2 O pensar sobre si mesmas e sobre o grupo

O pensar sobre suas vidas particulares e sobre o clube de mães remete, metaforicamente, à possibilidade de ‘se olhar’, de ‘olhar também para o outro’ e ‘com o outro’, e, principalmente, à possibilidade de criação de um espaço de escuta de si mesmas e de escuta, também, das companheiras.

Na profissão de psicóloga, o resgate da memória afetiva é um ato de tornar a vida mais significativa. Acreditamos que passar pela experiência de narrar a própria história e escrever sobre isso faz com que, pouco a pouco, resgatemos histórias deixadas no decorrer de nossas vidas. Segundo Josso (2004), as histórias de vida constituem pessoas. Josso discorre afirmando:

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referenciais constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida (JOSSO, 2004, p. 43).

Antes de ocorrer a pesquisa no clube de mães, elas falavam de assuntos importantes e não percebiam o significado, a dimensão do que poderia levar pensar sobre aquilo que falavam. Essa constatação, percebida no acompanhamento do grupo e é evidenciada nesta fala:

47min15seg

Dolores aquele foi um debate que pra nós foi importante e a gente começô a dizê coisa que a gente não para pra pensá e a gente acaba discutindo os nossos problemas sozinhas dos nossos problemas das nossas vidas e aí você começa se dar conta da importância que

é a nossa vida né como agricultor e como mulher se não fosse a mulher tem um papel muito importante na sociedade que é como disse a Valdira é ela que faz a coisa mexê né qui envolve a família que segura porque a gente ajuda a gente participa é o todo da família da dos trabalhos das discussão da decisão tudo né vejo bem importante isso íííí

Elas estavam num lugar físico e social e não percebiam o percurso delas na comunidade, na construção da vida pessoal e do clube de mães. Foi necessária, a pesquisa para oferecer um reconhecimento do que era produzido no clube de mães para, então, também, se reconhecerem.

Esse lugar da mulher nos espaços públicos e privados é marcado na fala desta participante:

36min30 seg

Valdira se não é a mulher que segura a casa não adianta o home trabalha na lavora e trazê que a mulher dexa caí a mulher segura o esteio pro home se né ganha os troco dele paga as conta:tá eu duvido se uma mulher não ajuda em casa que os home vão na lavora não ajuda a tratá um porquinho junta uns ovos não que sabe o home vai a **pique.**

Percebemos na fala dessa mulher que ‘*a mulher segura o esteio pro home*’. Poderíamos, então, nos perguntar o que o homem segura? Qual o lugar da mulher? Ela fala sobre o trabalho do homem e sobre o dinheiro ganho pelo trabalho dele: ‘ganha os troco dele, paga as conta:tá’³⁹. Então ela afirma que o dinheiro é somente dele, não da família. Em contraponto, o dinheiro que a mulher ganha com seu trabalho é da família. Essas são questões que surgiram para não nesta análise e que nos ajudaram a pensar sobre a organização familiar desse clube de mães.

Na fala a seguir, o clube estava discutindo a administração da limpeza do CTG, pois não era apenas responsabilidade do clube de mães, já que toda comunidade, de uma forma ou

³⁹ A palavra conta está escrita a partir do método de transcrição de Weller (2006).

outra, acabava participando das atividades, seja pelas reuniões do clube de mães, seja pela igreja católica, seja até mesmo pelos eventos do Centro de Tradições Gaúchas. Percebemos que essa discussão ocorre de forma intensa.

9min23seg	Zélia teermino a aquela
9min24seg	Promoção
9min25seg	Limpeza geral
9min26seg	Maristela aquele dia
9min27seg	vim aí
9min28seg	Vamo limpá
9min29seg	os banheiro
9min30seg	Quarta passada
9min31seg	limpei os banheiro
	?() algo sobre deixar os banheiros do CTG
	limpo
9min44seg	se chega alguém
9min45seg	da cidade ()
9min48seg	Zélia eu disse pro Chico, Chico:::co::o
9min49 seg	tu vai lava a escada
9min50seg	só que eu
9min51seg	não vi ele nenhum
9min52seg	dia
9min53seg	nóis:::nóis::nóis
9min55seg	temo () por essa Comunidade
9min56 seg	()
10min00	nóis:::nóis que vivemo
10min01seg	Dolores pois é gurias
10min02 seg	aquele dia depois
10min03 seg	da festa ┘ Zélia lavava segunda
10min04 seg	eu por mim
10min05 seg	lavava mas
10min06seg	ninguém:::´em
10min07seg	Maristela vamo lava não vamo lava () bom::om

10min17seg	Eliane hoje de
10min18 seg	noite
10min19 seg	também
10min20 seg	?(que vergonha:há)
10min21seg	é
10min22seg	uma
10min23seg	vergonha
10min24 seg	como=é=que=qué=que venha
10min25 seg	gente de fora
10min26 seg	até pra
10min27 seg	Karini

Em um determinado momento dessa discussão, elas perceberam que tudo estava sendo gravado. Parece que se perderam e não sabiam como lidar com aquela situação. Na gravação, elas estavam sozinhas, falando e gravando. Na reunião, elas foram dialogando sobre os assuntos, o que costumeiramente faziam e depois lembraram da gravação. Essa situação segue uma metodologia que tem amparo na afirmação de Eggert:

O compromisso de uma metodologia de pesquisa feminista é conseguir perceber na "outra" pesquisada uma cúmplice da descoberta de nós mesmas. Somos sujeitos capazes de transformar determinada realidade/pesquisa e nos transformarmos. A pesquisa feminista identifica propositalmente a relação sujeito-sujeito como sendo o elo diferencial das demais posturas neutralizantes na pesquisa (EGGERT, 2003, p.20).

Logo em seguida o grupo retorna à discussão, porém percebemos um tom de vergonha na fala delas e desculpam-se por aquilo que haviam falado, como se essas situações não fizessem parte da configuração do grupo.

Para pensar na contribuição de uma pesquisa, sair do lugar da vergonha, da inibição, Eggert afirma, por meio da contribuição de *Maria Mies, que é preciso que as mulheres feministas integrem, deliberada e corajosamente, sua subjetividade feminina reprimida e inconsciente, sua própria experiência de opressão e discriminação, ao processo de pesquisa* (Eggert, 2003 p.20-21).

45min50seg	Dolores tem os domingos que agente se encontra né mas nem sempre quer dizer nem todas tem culto né, como a
------------	---

Karini tava falando nem todas são da religião católica né então as que participam **do clube** é o todo né então nas celebrações de culto nem todo mundo participa iiiii e por um motivo ou outro nem todo mundo pode vir né então também repassa informes recados alguma coisa assim que é importante pra nós mas geralmente os mais no geral é aqui no clube né e amizade o carinho entre as famílias entre as mulheres é que mantem o clube e eu penso assim que desde a Karini veio participa aqui do nosso clube através da Marita que repasso essa que informo que ela pudesse vir aqui eu acho que pra nós foi bastante importante isso porque muitas vezes a gente não para pensa refleti as nossas questões como aquele debate que a gente fez ali no mês Março na semana internacional da mulher é foi né Karini

A possibilidade dessas mulheres conviverem em comunidade e participarem de um clube de mães faz com que as mesmas sejam inseridas no social e se tornem referências para sustentar um saber viver, um saber fazer e um saber escutar.

Tão importante quanto reconhecer o direito à identidade é admitir a convivência de múltiplas identidades em cada um de nós. O preço do privilégio de estar em contato com as mais variadas culturas do mundo não deve ser renúncia à nossa cultura local. [...] (REIS, 2007, p.156).

A primeira impressão quando iniciamos a participação no clube de mães foi a de que todas as reuniões ocorriam em torno do artesanato. Agora, avaliando aquele primeiro momento, identificamos o artesanato como parte do encontro. Podemos dizer que a criação não estava somente no artesanato, que ganhava novas configurações, formatos e cores, mas sim, nas participantes dessa criação. Ser artesã⁴⁰, nesse contexto, aparecia como a possibilidade de poder criar algo novo, de construir naquela costura e naquela pintura, também nas trocas que surgiam entre elas, uma vida que não fosse tão só em função da

⁴⁰ O estilo do artesão empresta originalidade a seus objetos, é como que a marca pessoal, enquanto o padrão é a marca do grupo. Cada artesão escolhe um estilo, mas não deixa de ser influenciado pelo ambiente (a natureza) em que vive e pelos modos de vida própria da área cultural à que pertence. Citação a partir do site < <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/artesanato.html>> Acessado em 08 jul. 2009.

família. Quando elas estavam reunidas no clube, estavam voltadas para elas mesmas e para as suas produções. Porque senão:

17min45seg	Dolores o mais é tudo pra
17min46 seg	família
Perguntei a elas: E o artesanato que vocês fazem, vendem?	
30min32 seg	Maristela eu não faço pra vende pra fora e você Dolores faiz pra vende
30min36 seg	Eliana eu faço pras cunhada pra irmã pra mim
30min40 seg	Dolores como a gente lida muito no leite não sobra muito tempo pra faze isso né teria que te mais tempo pra se dedica uma tarde toda só pra isso mas a gente não tem só uma horinha de noi::te uma folguinha nos dia de chuva não sobra muito tempo

Realmente, elas tinham razão quanto ao tempo real delas como mulheres, estão cada vez mais sem tempo para realizar o que querem e nos questionam que tempo é esse? E é quando param para refletir, analisar o que fazem com suas vidas, começam a pensar, também, que poderiam representar outros tempos.

3.2.3 A divisão dos trabalhos delas nas famílias

Referente a esse tópico, cabe salientar que o mesmo já foi abordado em capítulos anteriores, situando a vida delas nas famílias. Dessa forma, percebemos a necessidade, nesse momento, de trazermos a fala delas mais intensamente dizendo como isso aconteceu:

12min10seg à 15min39seg **Dolores** eu quero fala outras @coisas@ .A karini coloco antes um pouquinho sobre o papel da mulher né fundamental e mais específico dentro da agricultura eu penso assim que hoje é bastante diferente como antigamente né, antigamente a mulher trabalhava bastante na roça tinha serviço triplicado da pra se dize e tudo serviço mais no braço como se diz né desde lavra de boi sei que minha vó fazia isso lavra de boi minha mãe não mas acho que a Clementina até fez isso ela se crio

não sei se a Valdira também então era, carpi planta, tudo manual hoje; em dia nesse lado a mulher tem mais ham mais assim facilidade porque não precisa acompanha tanto na roça **porque::**que ham **a agricultura é mecanizada hoje tem trator** tem colhadeira pra colhe enfim facilito bastante só que também ela se dedica a questão do leite que envolve bastante e dá bastante serviço e daí tu tem as outras atividade desde [...]

Na sequência, em um determinado momento, perguntamos sobre a vida dela, sobre os trabalhos domésticos, sobre o que ela fazia logo após o casamento:

Karini - Como era as coisa quando a senhora casou?

19min53seg

era com **verga de boi** ele ia envergando e eu ia prantando milho, tinha uma vaca tirava o leite..

21min35seg à 24min49seg

Clementina naquele tempo eu tinha que i pra roça, ia cedo fazia almoço e depois lavava loça arrumava um pouco a casa já tinha que i denovo pra roça era assim.

Diante do exposto, surge este questionamento: Atualmente, para as mulheres jovens que estão na zona rural, será que a vida delas está muito diferente da que era no tempo da dona Clementina? Eliana contou sobre o horário em que ela começa a ordenhar as vacas no inverno, no turno da tarde, sem falar da hora que elas levantam de manhã para iniciar o trabalho e por que não sobrava tempo para fazer o artesanato em casa:

31min18 seg

Eliana se não fosse o leite chegaria de tardezinha dava pra faze assim chega as 4 hora tem que começa a tira leite.

Na fala anterior, a senhora Dolores afirmou que atualmente a lavoura é mecanizada, tem trator para trabalhar na lavoura, não é mais com verga de boi, como no tempo da dona Clementina. O trabalho delas foi substituído pela máquina?

49min07seg

Célia uma coisa importante é que a mulher é responsável pela alimentação de toda família () quanto mais vitaminas a família comer a mulher é responsável também pela alimentação pelo marido **como que é se prende o marido também pela @boca@ ()**

Para analisarmos a fala da senhora Célia, temos a consideração de Eggert para nos auxiliar “[...] A maior parte do trabalho feminino não é visto como trabalho social, muito menos político, pois se refere ao chamado doméstico, como cuidado com os filhos, com o marido e com as atividades de manutenção da residência [...]” (EGGERT, 2007, p. 4). Percebemos, assim, a ‘naturalização’ e a obrigação da mulher diante dos cuidados da casa e da família.

3.3 FEMINISMO, PSICANÁLISE e PEDAGOGIA, parceiras na reflexão

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe; isso se chama pesquisar (BARTHES in BRANDÃO, 200, p. 69).

Em consonância ao título, feminismo, psicanálise e pedagogia, parceiras na reflexão, é importante contextualizar que estamos inseridas na pesquisa do *Clube de Mães Mulher Gaúcha*. Sendo assim, entendemos que a pesquisa é vida, desejo inquietante de saber sobre algo desconhecido. Mesmo querendo respostas sobre o que buscamos, não

necessariamente as teremos. Muitas vezes, ao iniciarmos um processo investigativo, não temos noção da repercussão que teremos no decorrer do processo, ou mesmo após sua finalização. As experiências vivenciadas na história de cada pesquisadora/ pesquisador vai também compondo a pesquisa. Somos consequência de uma história marcada por diversidades. E nossas atividades e escolhas demonstram, justamente, o contexto em que vivemos até o momento e como fazemos a nossa *leitura de mundo e dos autores* que irão nos auxiliar na construção do trabalho.

Feminismo, psicanálise e pedagogia podem ser parceiras? Essa questão pode ser encaminhada de várias maneiras. Escolhemos a que diz respeito a trajetórias na pesquisa, norteadas por meio da formação em Psicologia. Acreditamos que respondê-la não foi possível, apenas abrir possibilidades de reflexão diante do que foi sendo tecido no processo da investigação. .

A dimensão da pedagogia não é algo possível de situar apenas em um contexto formal. A pesquisa possibilitou afirmar as aprendizagens que ocorreram e que muitas vezes, necessitavam ser visualizadas para que pudéssemos perceber a diversidade dos saberes ocultados em espaços não formais, como no caso do *Clube de Mães Mulher Gaúcha. A Pedagogia da autonomia (1996)*, que o grupo apresentava em várias atividades, como em decisões sobre o que e como obter renda para o clube, sofre o desamparo diante do espaço de atuação. As questões eram debatidas, mas pela posição social das mulheres e das situações financeiras difíceis em que viviam, acabavam impossibilitando uma continuidade das ideias em atitudes de fato. A autonomia de fazer algo por elas mesmas era barrado no percurso. O discurso do grupo, muitas vezes repetitivo e sem endereçamento, mostrava a condição opressora do dia a dia da mulher, principalmente nesse caso, ou seja, o da mulher rural dessa comunidade. Referente a essa situação vivenciada na pesquisa, Freire afirma:

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar. E seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (FREIRE, 2005, p.117).

Fazendo uma releitura de Freire, poderíamos dizer que a investigação realizada no clube de mães teve essa contextualização, porque houve um pensar em conjunto em vários momentos do processo de investigação. Podemos dizer que foi um pensar delas do clube de mães sem o qual não teríamos esta construção investigativa. Percebemos, também, o quanto emergiram ideias que, de uma forma ou de outra, estavam implicadas nas decisões da vida daquelas mulheres.

O quanto era angustiante para o grupo e também para a pesquisadora perceber a indignação delas diante da situação que viviam, dependendo, por exemplo, dos maridos para irem à cidade. Não possuíam meios de sair do lugar, senão com a ajuda dos esposos. O único transporte era o ônibus escolar, que passava em horários inviáveis para a utilização das mulheres. Além da dificuldade de locomoção física, pelo difícil acesso, o mais aprisionador era a falta de recursos subjetivos para se locomoverem de uma posição de oprimidas e dependentes para, quem sabe, uma posição de partilha e criação “veículos” subjetivos que poderiam levá-las a outros lugares, tinham de ter independência. Sobre a dependência das mulheres em relação aos maridos, Pateman (1993, p. 37) cita:

[...] nem todos os casais se comportam da mesma maneira, como “esposas” e “maridos”, mas a história do contrato sexual elucida a *instituição* do casamento; não importa o quanto um casal evite reproduzir as relações matrimoniais patriarcais, nenhum de nós consegue escapar completamente das consequências sociais e legais do ingresso no contrato de casamento[...]

Com exceção de uma das mulheres do clube de mães, todas eram casadas, ou viviam um relacionamento com essa configuração. As mulheres do clube são dependentes do marido, ou do pai ou mesmo do irmão para terem acesso a outros lugares. Assim, eles decidem se oferecem ou não essa possibilidade de deslocamento. Isso não foi dito claramente, mas estava subentendido quando eles arrumavam formas de dizer que não podiam ou não queriam levá-las a algum lugar.

Essa avaliação vinculada à formação profissional em Psicologia e que oportunizou algumas leituras no campo da Psicanálise, por escolha pessoal, prosseguiram até porque foram necessárias diante da abordagem que utilizamos na escuta clínica. Entretanto, mesmo amparada na Psicologia e utilizando em alguns momentos a teoria psicanalítica, optamos em compartilhar um trecho do texto baseado na história de Narradores de Jave Caffé (2003), cujo

texto aborda as narrativas de um povo. São importantes, nesse caso, para avaliar os cruzamentos das teorias e as possibilidades de ler, escutar e escrever com os outros e para os outros:

Partindo-se do princípio de que tudo o que se vive, ouve ou vê, passa por um processo interno de releitura e reconstrução conforme o modo de ser e de pensar de cada um, bem como de acordo com a bagagem histórica cultural que adquirimos no decorrer da vida, podemos dizer que todo ser humano é um tradutor. Assim, ao contar uma cena que presenciamos, esta terá a nossa versão pessoal, não será mais a cena original, mas a sua tradução. Porém, sabemos que o sentido primitivo estará sempre presente em nossas traduções, pois, caso contrário, não seriam traduções e sim ficções, invenções, e perderiam o elo de ligação com o original (CAFFÉ, 2003, p. 1).

À medida que ouvíamos as mulheres do clube de mães, realizávamos alguns entendimentos sobre o grupo. Com muito cuidado e sem pretensão de realizar aprofundamentos na teoria psicanalítica, devido às nossas limitações em relação à teoria fomos levantando questões e tentando escutar e observar o clube de mães, buscando responder a essas dúvidas, levando em consideração ao nosso papel e propósito naquele local e na construção da pesquisa vinculada à área de educação.

Fato é que as vinculações teóricas foram necessárias para a realização da pesquisa. As leituras e as discussões da teoria feminista trouxeram uma experiência singular: o de pensar um reposicionamento da mulher na sociedade atual e conseqüentemente a do homem. Pateman (1993 p.144) diz que “[...] a falta de educação faz com que as mulheres pareçam menos capazes. A habilidade aparentemente maior dos homens é resultado da educação deficiente das mulheres e da artimanha social (dos homens), não da natureza”. E nas considerações de Lagarde (2005, p.201), “La mujer vive el mundo desde su cuerpo. El hombre también, pero para el hombre su vida no es su cuerpo y para la mujer la vida se despliega en torno a un ciclo de vida profundamente corporal.”

A educação androcêntrica marca a nossa vida, com peso e medida diferentes, porque temos vivências de uma história inserida em uma família, mais ou menos capaz de lidar com as diferenças humanas, sejam elas de cor, raça e gênero, entre outras. Além das vivências familiares, a nossa educação, a nossa formação pode possibilitar tecer ou não uma escuta capaz de produzir um modo diferente de se constituir. Esse peso e essa medida se

diferenciam em cada ser humano, dependem dos recursos subjetivos para lidar com essas dimensões e atribuições impostas pelo social.

Pateman (1993, p. 29) tece considerações sobre o contrato sexual e o contrato social em toda sua obra. E na citação a seguir, explica a diferença entre o homem e a mulher sobre a acerca da esfera pública e privada esta considerações são relevantes, pois levam em conta a reflexão sobre a educação androcêntrica:

[...] O patriarcado não é puramente familiar ou está localizado na esfera privada. O contrato original cria a sociedade civil patriarcal em sua totalidade. Os homens passam de um lado para outro, entre a esfera privada e pública, e o mandato da lei do direito sexual masculino rege os dois domínios. A sociedade civil é bifurcada, mas a unidade da ordem social é mantida, em grande parte, através da estrutura das relações patriarcais.[...]

Da mesma forma, Eggert escreve (2008) que as dominações masculinas nas esferas públicas e privadas continuam ocorrendo. Existem algumas mudanças, mas ainda há muitas questões que na atualidade recebem uma camuflagem e retornam impossibilitando a mulher de se apropriar do seu espaço, tanto privado como público, consumido pelo poder de uma educação e, portanto, de uma sociedade androcêntrica.

Nos estudos realizados individualmente, nas formações acadêmicas ou pessoais, vamos nos transformando e ressignificando nosso ser e nosso agir no mundo. A criação de espaços de diálogo sobre as diferenças e afinidades são oportunidades importantes para pensar e transformar um ser mulher e um ser homem marcados pela justiça de direitos e deveres. Quem sabe chegaremos à possibilidade de:

[...] Habremos aprendido a ser mujere simplemente mujeres. Ni santas, ni brujas; ni putas, ni vírgenes; ni sumisa; ni histéricas, sino mujeres, resignificando ese concepto, llenándolo o múltiples contenidos capaces de reflejar novedosas prácticas de sí que nuestra revolución nos entregó; mujeres que no necesiten más ni amos, maridos, sino nuevos compañeros dispuestos a intentar reconciliarse con ellas desde el reconocimiento imprescindible de la soledad y la necesidad imperiosa del amor. [...] (THOMAS, 2008).

Sair da submissão feminina de uma zona de acomodação em que se tem alguns privilégios e encontrar uma dimensão de relação, onde mulheres e homens possam construir um mundo em que a voz e vez não estejam vinculadas ao gênero, será uma tarefa que exigirá atitudes concretas de todos que, de uma forma ou de outra, se sintam incomodados pela impossibilidade de expressar sua posição .

3.4 Pedagogias possíveis – a extensão, a pesquisa e o ensino no desenvolvimento local

Esta pesquisa possibilitou que as mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* tivessem a experiência de *se enxergar*, de *se escutar*. A presença de uma mestranda pesquisando no clube de mães proporcionou um movimento diferente naquele local. Elas se apropriaram do trabalho de pesquisa e também se sentiram reconhecidas pela escolha daquele local e daquele clube de mães. Perceberam o reconhecimento vindo do outro. Como vemos em algumas falas “*e ta vendo também que nos não semo tão@ grossa né fuçando sempre na terra@*”. Elas se perceberam menos “grossas” ou seja, mais capazes e mais críticas. Essa valorização da mulher do campo estava em todo o tempo inerente aos nossos objetivos, inclusive na escolha das mulheres da zona rural como “objeto” da pesquisa, pois sabíamos que elas tinham muito a nos oferecer em relação às aprendizagens que buscávamos. Precisavam do reconhecimento de alguém de fora. E a pesquisa foi a possibilidade de confirmarem que eram importantes.

O reconhecimento da importância da subjetividade de quem pesquisa em todos os momentos da investigação passa a ter visibilidade. Na metodologia da teologia feminista, a experiência é critério para que aconteça a consciência da exclusão, a busca pela própria tradição e o reconhecimento de tradições alternativas. O mesmo ocorre com a pesquisa nas ciências sociais, pois revela um recorte semelhante (EGGERT, 2003, p. 23-24).

O cotidiano das mulheres do clube de mães era sempre em função do trabalho com o gado leiteiro e os afazeres domésticos. Ir ao clube representa para elas sair da rotina diária de trabalho e falar e escutar de um outro lugar.

Observamos que durante uma conversa na gravação, quando elas estavam sozinhas, uma das senhoras introduziu o assunto sobre a religião católica. Essa senhora era uma líder da comunidade, mas nesse momento não ocupava nenhum cargo efetivo na comunidade ou no clube de mães. Era uma referência às mulheres quando tratavam de discutir e organizar questões relacionadas ao clube de mães ou mesmo à comunidade local.

17min55seg

Dolores Gurias nós temos que decidi uma coisa já era pra te perguntado pra vocês já era pra te

- resolvido nós temos missa marcada para o dia 20 a tarde.
- 18min09seg **Zélia** sábado? sábado de tarde?
- 18min17seg **Célia** eles (aqui refere aos padres) não tão vendo que é semana Farroupilha.
- 18min20seg a 19min01seg **Dolores** falei pro padre Marcos na reunião que nos tivemos na terça de noite e daí o padre disse vem aqui amanhã pra nós decidi mas daí eu não quis decidi sem antes conversa com vocês daí a Salete –(Salete é a secretária de uma das Paróquia da igreja católica na cidade de Santo Ângelo) disse qualquer coisa me liga diz ela se vocês querem transferi vê se consegue troca com uma outra comunidade.
- 19min15seg a 19min19seg. **Maristela** vamo transferi pro dia 28 porque vai ta tudo sujo aqui revirado.

Vemos na fala dessa mulher a preocupação para que o CTG estivesse limpo e organizado para receber o padre e as pessoas que participariam da missa. Havia ainda uma discussão no grupo sobre o dia da missa em virtude da Semana Farroupilha, pois o grupo havia pedido que transferisse a missa para o último sábado do mês de setembro. O clube de mães estava envolvido com os acontecimentos da Semana Farroupilha e ainda havia uma preocupação de que a missa pudesse ocorrer no CTG desarrumado e sujo. Esse forte ensinamento passado para as mulheres de que a sujeira aparente é sinônimo de mulher relaxada fica estabelecida nessa decisão em não ter a missa naquele dia.

Na situação mencionada anteriormente, fica evidenciada a formação androcêntrica das mulheres: todo o cuidado e bem-estar com as pessoas e os locais fazem parte de sua vida. Seguem falando sobre as questões do clube de mães. Naquele momento, sugerimos a elas falassem sobre o significado da pesquisa para elas. Então uma das participantes falou:

- 42min30seg **Célia** uma coisa que muito importante que aconteceu a vinda da Karini foi uma coisa muito importante que acontece parece assim::im uma força mais que dá mais

como que é que eu vo dize assim ela sabe se expressa melhor explica pra gente tem coisa que a gente não tem tanta talvez não é o estudo que faiz tudo também né mais ela nos deu um apoio muito grande e acho que foi bom pra nós foi bom pra ela também né ela vai fala depois porque ela é uma pessoa que ta ssim terminando o mestrado e ta fazendo uma pesquisa e ta vendo também que nos não semo tão@ grossa né fuçando sempre na terra@ obs o grupo todo caiu na risada também somos pessoas que temos um pouco de inteligência e podemo trasmiti pros outros então é muito importante essa vinda da Karini participando e que continue participando depois também né não só agora é sempre bem vinda

Essa pesquisa mostrou que em lugares informais também é possível identificar construções em torno da ideia das diferentes formas de aprender. *Se a educação precisa ir aonde vai a vida, ela precisa, em primeiro lugar, ir onde estão as pessoas* (Streck, 2008 p.57). Nas palavras de Eggert, fizemos constatações do que foi vivido com as mulheres do clube de mães pesquisado:

Foram variados os percursos trilhados até essas mulheres. Entre roças, igrejas e escolas, todas nós temos muitas coisas a contar. A marca da responsabilidade, assim como a participação na Igreja [...], são parencas que podem ser remetidas às histórias de vida delas e também à minha. Passagens que possibilitam certas cumplicidades, estranhamentos e análises de parencas. Aprendizagens no mundo de uma educação e uma teologia informal, ou seja, espaços pedagógicos que não estão suficientemente resgatados (EGGERT, 2003, p. 34).

No início da pesquisa, perguntávamos sobre quais os efeitos da participação da Emater/ Ascar no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, e elas respondiam essa questão da seguinte forma:

47min15seg **Dolores** [...] EMATER também quando é encontro específico com a Marita só se vem pra uma questão bem específica assim seja trabalhos manuais ou seja pra receitas então a gente trabalha essa questão né e que traz um aprendizado também porque né muita porque na questão da mandioca nós não tínhamos nenhuma receita né como diz a Marita a gente nunca sabia aproveita a mandioca de outras formas e das diversas receitas que ela nos ensinou né do leite a gente já tinha um

conhecimento um pouquinho maior né nem todas né então nesse caso são encontros bem específicos e agora entre nós é você é mais um dia é faz artesanato de um jeito outro dia de outro às vezes a gente se troca por exemplo semente se troca verdura que uma não tem outra traz troca de receitas enfim sempre assim sempre tem alguma coisa.

Na sequência, elas relatam sobre a época em que a Emater/Ascar iniciou a participação nas reuniões do clube de mães e o porquê de elas resolverem registrar o clube de mães oficialmente.

- | | |
|----------------|--|
| 58min | Teve um tempo que era nas casas como passou a ser no clube quem teve essa iniciativa? |
| 58min37seg | Valdira (é que nas casas às vezes ficava longe pra umas irem, o CTG foi o lugar mais centralizado) |
| 58min40 seg | Célia e por causa das coisas, Karini a gente não tem forno elétrico, bateadeira, assim numa casa tua ia tinha a maioria das coisas que precisava. |
| 59min ? F | a gente queria os cursos de guirlanda de Natal, de artesanato a gente ia na EMATER e pedia o que queria e elas vinham dar |
| 01hora | Clementina, Célia, Dolores (o grupo fala que sempre era a pedido do clube para EMATER vir realizar os cursos) |
| 01h 12seg | Maristela antes dos dez anos havia o clube mas não era registrado as atas, era nas terças |
| 01h21seg | Zéli pra ganha as coisas tinha que registra o clube pra começa a ganha as coisa da Assistência () |
| 01h01min 17seg | Eliana a professora Olívia que registrou tudo ela era profe desse colégio aqui profe diretora |

01h01min27seg Karini então foi a partir de uma professora da escola que começou ()

A professora Olívia participava das reuniões do clube. Elas relatam que foi a partir das explicações da Emater/Ascar sobre os benefícios do registro do clube de mães que a professora Olívia iniciou o movimento de registro e documentação do mesmo. Percebemos na fala delas que havia dúvidas sobre quem realmente incentivou o registro do clube de mães, mas acreditavam que foi através do pessoal da Emater/Ascar.

1h03min40 seg. **Vera** foi a (citam o nome de uma funcionária da Emater) que explicou pra nós como o clube devia se deveria ter presidente tesoureira.

01h04min58seg **Dolores** não esqueçam de pagar a RAIS senão vocês irão @comprometer meu CPF @

Dolores fez esse relato lembrando da professora Olívia e sobre o comprometimento do clube em relação à professora. Toda documentação de inauguração das atividades do clube, como CNPJ, RAIS e outros documentos, haviam sido assinados pela professora Olívia.⁴¹ Em virtude dessa responsabilização da professora pelo clube, as integrantes deveriam ter cuidado em não esquecer de fazer as declarações de renda do clube de mães, RAIS e documentos que poderiam comprometer a professora Olívia se não fossem atualizados.

⁴¹ Quando iniciamos uma atividade que exige CNPJ é necessário que uma pessoa física que tenha o CPF-Cadastro Pessoa Física assine pela jurídica. A professora Olívia utilizou seus documentos pessoais para assinar pelo *Clube de Mães Mulher Gaúcha*.

CONSIDERAÇÕES PARA ALÉM DE UMA INVESTIGAÇÃO ACADÊMICA

Realizar uma pesquisa foi uma experiência pedagógica marcante. As mulheres escolhidas por um bom tempo farão parte de nossas memórias. As aprendizagens adquiridas nesse tempo de investigação propiciaram um pensar e um ser diferente. Através da pesquisa e da participação no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*, no CTG Comandaí,⁴² podemos afirmar que elas também participaram um pouco da história pessoal da mestrandia.

Escrevemos sobre o “tempo de fazer” porque, embora tenhamos um cronograma e um calendário que devem ser seguidos, existe o tempo pessoal de apropriação dos ensinamentos vividos na experiência, como os de transformar a observação e a escuta da gravação em transcrição, analisar os tópicos guias e chegar à finalização de um processo investigativo. Porém chega o momento em que precisamos dar um ponto final, apesar de existirem questões que poderiam ser mais investigadas, pontos que poderiam ter outro enfoque, aberturas que dessem outras configurações. Entretanto precisamos recortar aquilo que elegemos como central e finalizar dentro das nossas condições. Isso não é fácil, mas é possível, mais ainda, quando estamos realmente envolvidos na transformação do nosso pensar e agir.

O processo de pesquisa significou uma construção profissional pessoal. Implicou escolhas em prol do conhecimento e de uma vida diferente. Conhecimento que envolveu e contagiou, que fez buscar, incessantemente, se a “verdade” é a que nos é passada como tal ou se ela pode ser outra.

Houve momentos árduos em que não sabíamos como lidar com o desconhecido, com as muitas dúvidas e com os muitos medos, mas também um desejo de pesquisar. A necessidade de ir a campo, logo no início da construção do projeto, quando ainda não sabíamos direito nem mesmo o problema de pesquisa, apenas tinha delimitado o tema - mulheres de zona rural de Santo Ângelo. Os caminhos percorridos foram intensos, longos exigiram vaivém, vai-volta, faz e desfaz. Procurávamos as palavras certas para colocá-las no papel em busca de um melhor entendimento pelos possíveis leitores. Como dizer o que se

⁴² O nome do local Comandaí, em um trocadilho, comanda aí. Quem comanda nesse local? Em guarani, significa feijão e terra do feijão.

queria? Houve momentos de raiva e de angústia, porque em algumas situações sabíamos o que queríamos, mas não conseguíamos transformá-lo em escrita.

O estudo sobre a teoria feminista causou intensa inquietação e raiva pela condição em que a mulher viveu e, muitas vezes, ainda vive. Revolta pelo descaso atribuído à posição feminina. Questões que não paralisaram, mas interferiram na escrita e na forma de entender o ser mulher, o ser psicóloga, entre outros papéis.

O saber também é gratificante, embora, às vezes, agressivo e impactante. Houve um desacomodamento no pensar e, conseqüentemente, no agir profissional de psicóloga com uma abordagem em psicanálise. Conhecer um pouco dos trabalhos e das histórias de algumas teóricas possibilitou um vi[ver] diferente. Entre as leituras realizadas, a obra de Pateman (1993) enfatizou a submissão da mulher e comparou as relações entre senhor e servo, a mulher estaria como serva, o homem (marido ou companheiro), como senhor. A mulher não é qualquer servidora, mas aquela que, além de servir aos trabalhos domésticos, deve agradar seu senhor, incondicionalmente.

Com uma formação freudiana, e uma história marcada por uma sociedade androcêntrica, ler o que Pateman escreveu não foi nada fácil. Pensávamos por que ler essas autoras de teoria feministas se queremos apenas pesquisar as mulheres rurais, o que elas têm a ver? Sim, tinham tudo a ver.

Saffioti (1995) foi outro achado que, de uma forma relevante e não menos decidida que Pateman, apresentou as mulheres como provedoras no campo da afetividade e reafirmou, de alguma forma, as proposições de Pateman. A autora salientou que a mulher sempre teve um lugar de cuidadora e que precisa agradar sempre. “[...] O cuidar feminino, isto é, realizar com carinho uma série de funções que beneficiam o companheiro e /ou os filhos [...]” (SAFFIOTI, 1995, p. 86).

Entre tantas mulheres que fizeram história, Frida Kahlo, no livro organizado por Eggert (2008), foi outro impacto. Uma leitura instigante, com sentimentos de vida e de morte vivenciados pela autora. Essa dor, é representada nos quadros pintados por Frida. Uma mulher que superou suas dores na capacidade de transpor os limites humanos e produzir algo ali onde só havia tristeza e dor.

Ainda sem um posicionamento diante das leituras, cada vez mais precisávamos entender o que estava acontecendo com toda a formação acadêmica anterior. A sensação inicial era a de que os estudos até então estavam sendo quebrados, desconstruídos. Formada em outra área, com outras perspectivas, o que aconteceu foi uma desorganização teórica sobre as verdades que, até então, faziam parte do nosso conhecimento, para um novo posicionamento diante das teorias e da vida.

Pesquisar, estudar e estar em análise foi construir um lugar no social, no familiar e nas relações de amizade. NYE (1995) afirmou que para termos uma identidade precisamos encontrar um lugar no seio do patriarcado. Quem sabe esse lugar possa ser marcado como propõe Beauvoir (1949 p. 12): [...] *o sujeito só se põe em se opondo [...]*. É na oposição e na desconstrução que, às vezes, descobrimos as relíquias escondidas ou enterradas.

Na escrita de Kehl (1998), com base em uma perspectiva da psicanálise, há reflexões sobre a posição subjetiva e social da mulher em uma produção discursiva, que é justamente, a perspectiva da necessidade de a mulher ter espaço de atuação, ser ouvida e ser reconhecida. Eggert (2006) reafirma essa teoria quando faz referência a Pisano:

A falta de limites tem sido uma das chaves mais importante na construção, constituição e criação da feminilidade que marca nossos corpos sexuados pela culpa e nos sinaliza como objetos disponíveis de ser tomados para sempre ou por um tempo, com ou sem nosso consentimento. Creio que colocar limites em nossas vidas é uma aprendizagem nova e difícil. Não sabemos exercer esse direito de individuação sem sentirmo-nos culpadas de escapar da estrutura da feminilidade, desenhada para a entrega total através de amores e maternidades exercidas sem restrições (PISANO 2001, apud EGGERT 2006, p. 225).

Diante do exposto, podemos dizer que a mulher luta constantemente e com bravura para ser reconhecida e libertada de tantas construções históricas que a formam ou a “deformam”. Ter “o direito da individuação, sem se sentir culpada e, ao mesmo tempo, sem conseguir liberar-se da estrutura da feminilidade, demarcada através da entrega total do amor e da maternagem, é um problema” (EGGERT, 2006, p. 225).

Para entender um pouco mais sobre as escritoras, lemos a obra histórica de mulheres Rosa Monteiro (1951), cujo livro descreve a biografia de várias mulheres que marcaram nossa história: Agatha Christie, Mary Wollstonecraft, Simone Beauvoir, Maria Lejárraga, Margaret Mead, Frida Kahlo, entre outras. A autora faz menção à caixa de Pandora e o quanto a mulher,

nesse mito, foi tida como débil. “Mas, por outro lado, a curiosidade é um ingrediente básico da inteligência, e nesses mitos é a mulher que tem o atrevimento de perguntar-se sobre o que existe além, o anseio de descobrir o que está oculto” (MONTERO, 2008, p 11). Em determinado momento da dissertação, Shakespeare foi citado para relacionar a análise sobre a dívida da mulher no social. A contribuição crítica de Montero (2008) traz os questionamentos de Virginia Woolf sobre o que havia acontecido com Judith Shakespeare, a irmã de Schakespeare? Judith Shakespeare estava entre as mulheres que pensavam que eram ambiciosas, que tinham talento. Por isso, eram muito criticadas e até perseguidas. As mulheres com essas características, naquela época, de alguma forma, sumiam, ou eram transformadas em coisas desprezíveis.

Paralelo às leituras no campo da teoria feminista, seguiam as leituras na área da educação, tendo como principal fonte as obras de Paulo Freire. Foram sendo lidas e costuradas numa nova perspectiva a partir da construção da pesquisa. Essas obras foram as seguintes: *Pedagogia do Oprimido* (1981); *Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido* (1992); *Pedagogia da Autonomia* (1996); *Pedagogia da Indignação* (2000). Esses livros, entre outros, foram colaboradores importantes e indispensáveis para a aprendizagem e construção do trabalho.

Nesse sentido, foi possível observar que o *Clube de Mães Mulher Gaúcha* vem se mantendo reunido por mais de 10 anos pela capacidade de transformar as reuniões em espaços pedagógicos através de trocas de receitas, discussão de assuntos administrativos do clube, reflexões sobre a economia e a política do município, região e país, acompanhamento das notícias sobre queda e alta do valor do litro do leite e repercussão em suas vidas, discussão sobre horários e dias de missas da religião católica, apresentação do cronograma de eventos com outros clubes de mães e a associação dos clubes ACLUMASA, dias de cursos com a extensionista da EMATER/ASCAR, registro das atividades do clube em ata.

Fica constatada a autonomia do clube em relação aos assuntos e atividades desenvolvidos nas reuniões. Também foi possível observar a construção de um espaço de atuação dessas mulheres saindo ou circulando em outros espaços que não nos de oprimidas. Como Paulo Freire se indignou diante de tantas injustiças sociais, as mulheres do *Clube de Mães Mulher Gaúcha* expressavam sua insatisfação e raiva diante da situação financeira

vivida na agricultura. Denunciavam que os esposos e filhos eram literalmente envenenados pelos agrotóxicos utilizados nas lavouras.

Elas também mantêm um alto nível de informação sobre os acontecimentos locais e regionais. Em relação à Emater/Ascar, podemos afirmar a existência de uma agenda que altera a dinâmica quando há a participação dessa instituição no clube. Nos dias em que os cursos são ofertados, a discussão situa-se em torno do tema do curso e transformar-se numa espécie de ‘aula’ entre a Emater/Ascar e o clube de mães. Quando é unicamente o clube de mães que se reúne, há uma outra dinâmica que se processa e outras pedagogias que se instalam.

As reuniões são momentos de sutperação das angústias e dos medos vivenciados na comunidade diante das mais diversas situações que ainda não encontram saída.

Diante dessas aprendizagens, cabe salientar o método aqui utilizado de Weller (2006) nas transcrições das gravações. Um método diferente, desconhecido e com legenda, que remetia a uma escuta dedicada e concentrada, que somente pode ser realizada por quem participa das reuniões. Aprender a transcrever com as legendas foi também a possibilidade de analisar em uma perspectiva diferente as reuniões das mulheres no *Clube de Mães Mulher Gaúcha*.

Ouvimos várias vezes as gravações, as mesmas falas, e percebemos que a cada audição a escuta ficava mais reflexiva, mais ampliada e mais profunda. No método utilizado por Weller (2006), não encontramos análises dos pesquisadores articuladas às transcrições. Com a transcrição detalhada, percebemos que as mulheres se encontravam no clube de mães porque existiam aprendizagens significativas como o artesanato, a troca de receitas, as conversas sobre a família, comunidade, política e economia, entre outros assuntos, evidenciados nos capítulos, deste trabalho.

Durante a pesquisa, fomos tecendo ilustrações sobre a participação das mulheres rurais no sustento da casa. Agora, na finalização da pesquisa, foi possível observar e escutar na fala delas que o sustento mensal das despesas da casa era feito com o dinheiro recebido do trabalho realizado com o gado leiteiro. O dinheiro do “leitinho”, como elas falavam, obtido quase, exclusivamente, pelas mulheres.

Os investimentos na casa, como compra de eletrodomésticos, móveis, alimentação, vestuário e manutenção dos veículos eram mantidos pela renda recebida por meio do trabalho

com o gado leiteiro. A programação mensal familiar era baseada a partir da renda do leite. Com a dependência do preço do litro do leite, elas estavam sempre informadas sobre as mudanças financeiras e econômicas do país, da região e do município, cujas oscilações acabavam influenciando o valor do litro do leite e, conseqüentemente, a renda familiar. Assim, a renda familiar aumentava ou diminuía conforme o preço do leite.

Em vista disso, foi possível constatar que as mulheres não só contribuía para a agricultura familiar regional, mas também, em vários meses do ano, eram elas que com seu trabalho na leitaria, mantinham a família. O trabalho exercido pelos homens na lavoura era instável. Sofre influência climática. Ocasiona grande instabilidade à renda financeira familiar. Ao contrário, o trabalho das mulheres com o gado leiteiro oferecia à família uma renda contínua, garantindo um equilíbrio e, conseqüentemente, o sustento da família rural. O trabalho com o gado leiteiro, trabalho árduo e rigoroso, não permite domingo feriado, nem férias. Ocorre sistematicamente durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, em dois turnos, nas primeiras horas da manhã e nas últimas horas da tarde, nos dias chuvosos ou ensolarados, frios ou quentes. Essas mulheres, entre tantas outras espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, que lutam por reconhecimento e dignidade.⁴³

Foi no clube de mães, escolhido para esta pesquisa que circularam essas experiências diárias, aqui descritas permeadas de respeito, de união de saberes que marcaram e marcam aquela “escola informal”. O compromisso de umas com as outras permitiu um comprometimento do clube de mães e ainda uma parceria, na tomada de decisões tanto do clube, quanto da comunidade.

⁴³ Tivemos acesso à reportagem realizada pelo Globo Rural no dia 19 de julho de 2009 que trata justamente da possibilidade de melhorar significativamente o ganho das famílias rurais quando estão apoiadas por instituições. A EMBRAPA tem estabelecido uma relação criativa por meio da pesquisa e da extensão rural no manejo da produção de leite. A EMBRAPA criou o projeto Balde Cheio que objetiva a capacitação dos produtores de leite brasileiros e objetiva também aumentar a produtividade das propriedades e a renda dos pequenos produtores, o Balde Cheio se apoia em três princípios básicos: o desenvolvimento de melhorias tecnológicas para o setor, os cuidados com a saúde dos animais e o controle administrativo das propriedades. E para garantir a efetividade do projeto, o Balde Cheio organiza auditorias a cada 4 meses, a fim de verificar o desenvolvimento das propriedades. Disponível em: <http://telemagia.wordpress.com/2009/07/18/producao-de-leite-no-globo-rural-de-19-07-2009/> 23.07.2009. O vídeo sobre a reportagem encontra-se disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1083725-7823-PROJETO+BALDE+CHEIO+MELHORA+A+VIDA+DE+PRODUTORES+DE+LEITE+DO+BRASIL,00.html>. A segunda parte da reportagem encontra-se disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1083727-7823-SAIBA+COMO+FUNCIONA+O+PROJETO+BALDE+CHEIO+EM+UMA+PROPRIEDADE+CATARINENSE,00.html>.

Sobre a participação da Emater/Ascar, cabe afirmar que é o clube de mães em parceria com a mesma que agenda as visitas e os cursos que a extensionista propõe. A influência da Emater/Ascar ocorre como uma nova sistematização das reuniões. Existe um cronograma diferente quando há a participação da instituição. Nos dias em que os cursos são ofertados, a discussão fica situada em torno do tema do curso. Em geral, o curso inicia às 9 horas da manhã, o almoço é no local, e se estende até às 16 horas da tarde, sendo um dia de intensa programação. As reuniões por sua vez, ocorrem à tarde, das 14 às 17 horas.

As mulheres foram um dos maiores incentivos neste processo de pesquisa. Elas permitiram que, como pesquisadora iniciante, participássemos das reuniões e tivéssemos acesso às suas vidas pessoais e à vida da comunidade. Contribuíram intensamente nesta pesquisa desde o início, da construção do projeto até os últimos momentos.

Como já apontamos nos capítulos, as experiências, as aprendizagens e os vários sentimentos despertados foram significativos na feitura deste trabalho. O longo caminho trilhado constituiu a pesquisa e possibilitou encontrar alguns contornos de vida, tanto para as mulheres que participaram da pesquisa, quanto para esta pesquisadora. Podemos afirmar que ir a campo estar no clube de mães foi uma das possibilidades de transitar entre a teoria e a experiência de uma maneira gostosa e inesquecível.

A pesquisa foi se constituindo em espaços de fala e reflexão que antes da pesquisa, não existiam. Elas começaram a observar e a se escutar de outra forma, ou seja, como grupo produtor de conhecimento, capaz de realizar vários debates sobre o lugar delas na agricultura familiar e sobre a importância da mulher na organização das atividades ligadas à família e aos recursos financeiros obtidos, mensalmente, a partir dos trabalhos realizados com o gado leiteiro. De nossa parte, sugerimos ao *Clube de Mães Mulher Gaúcha* a possibilidade de realizarem discussão com pessoas de outras comunidades acerca de questões não percebidas pelo grupo e das que fazem questão dele. Esses momentos podem ser de trocas valiosas, que valorizam e solidificam a comunidade. Além disso, percebemos a grande motivação que as mulheres têm para sempre se reunirem e, na partilha dos saberes e das emoções, conquistarem outras visões de mundo, outras geografias e outras histórias construtivas de vida e de convivência fraterna e solidária.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Antonio Inácio. Oportunidades e desafios da agroecologia para a agricultura familiar. In: DALLABRIDA, Valdir Roque. (org). **Gestão, inovação e desenvolvimento: oportunidade e desafios para o desenvolvimento da Região Fronteira Noroeste**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

ATAIDE, Yara Dulce de. Tempos narrativas e ficções: a invenção de si In: SOUZA, Clementino de (org) **História oral e construção da história de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1981.

BRANDÃO, Carlos R. **Pergunta a várias mãos: experiência da pesquisa no trabalho do educador**.

DALLABRIDA, Valdir Roque; BÜTTENBENDER, Pedro Luiz. **Gestão, inovação e desenvolvimento: oportunidades e desafios para o desenvolvimento da Região Fronteira Noroeste**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

DEIFELD, Wanda. Dar a luz a si mesma: un análisis feminista de La obra mi nacimiento de Frida Kahlo. In: **[Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada**. Edla Eggert (org). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

DEMO, Pedro (1941). **Charme da exclusão social**. Campinas. SP: Autores Associados, 2002

DEWEY, John (1859-1952). **Experiência e natureza: Lógica: a teoria da investigação: A arte como experiência: vida e educação: Teoria da vida moral. (Os pensadores)** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

EGGERT, Edla. **A marca pedagógica da narrativa: um princípio educativo? (comentários a Temístocles Cezar e Cláudio Elmir)**. Revista História UNISINOS vol 8, nº10 JUL/DEZ p.53-59. 2004

EGGERT, Edla. A tia, a professora e a mãe-esposa, perpetuadoras da mesma condição. In: SILVEIRA, Fabiane Tejada da; GHIGGI, Gomercindo; PITANO, Sandro Castro de. **Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo**. Pelotas: Seiva Publicações, 2007.

EGGERT, Edla. **Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação**. Caderno de Educação I FaE/UFPEL. Pelotas, 2006

EGGERT, Edla. **domÉSTICO** Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (org). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

EGGERT, Edla. Quem pesquisa se pesquisa. In; **Educação popular e teologia das margens**. Série Teses e Dissertações – v.21 São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. p. 9-39.

EGGERT, Edla. Reconstruindo conceitos na pedagogia: da não-cidadania para a aprendizagem da cidadã hoje. In: STRECK, Danilo R; SOBOTTKA, Emil, A (org). **Dizer a sua palavra: educação cidadã, pesquisa participante, orçamento público**. Pelotas: Seiva, 2005. p 115-158.

EGGERT, Edla. A apatia de quem olha: a violência naturalizada. In: **[Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada**. Edla Eggert (org). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

ENGELS Friedrich, (1820-1895). **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Global, 1984.

FISCHER, Beatriz T, Daudt. **Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida** In: **A aventura (auto) biográfica teoria e empiria**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**.

FREUD, S (1919). O Estranho. In: **ESB Obras Completas**, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GEBARA, Ivone. **As epistemologias teológicas e suas conseqüências**. Congresso Gênero e Religião – Porto Alegre 2006.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004 p. 640-667.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KELH, Maria Rita. **Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16: de um outro ao outro**. Tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LÜDKE, Menga et. al. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MACHADO, Ana Maria Netto. **O Sexo das letras**. Porto Alegre: Laboratório de Escrita, 2000.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org), DESLANDES, Sueli Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTERO, Rosa. **Histórias de mulheres**. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade SCHNITMAN, Dora Fried (org). In: **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NARRADORES de Jáve. Produção de Eliane Caffé. Filme. São Paulo, 2003.

NOVAIS, Fernando A; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (1822-1933). **História da vida privada no Brasil império: a corte e a modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NYE, Andréa (1939). **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

OSOWSKI, Cecília Irene. Cultura do Silêncio. In: Dicionário Paulo Freire STRECK, Danilo R; Redin Euclides; Zitkoski, Jaime José (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PAULY, Evaldo Luis. *Pedagogia da Esperança*. In: Dicionário Paulo Freire STRECK, Danilo R; Redin Euclides; Zitkoski, Jaime José (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Aprender e ensinar no cotidiano de assentados rurais em Goiás**. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_07_JADIR_DE_MORAIS_PESSOA.pdf. Acessado em 20 dez 2008.

PINTO, Julio Pimentel. **Todos os passados criados pela memória. In Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Mandarim, 2001.

REIS, Ana Carla F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007.

REIS, Marcia Giovana P. Transmissão da catástrofe: transcender em palavras as fronteiras do homem. *In: Correio da APPOA*. Escritas da Experiência. Nº 176 – Ano XVI. Janeiro, 2009.

RIBEIRO, Marlene. **Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2008, vol. 34, no. 1, pp. 27-45. ISSN 1517-9702. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ep/v34n1/a03v34n1.pdf>. Acessado em 20 dez 2008.

RIECK, Maíra Brum. Restos Discursivos. *In: Correio da APPOA*. Escritas da Experiência. Nº 176 – Ano XVI. Janeiro, 2009.

RÍOS, Marcela Lagarde y de los. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995

STRECK, Danilo R. *Pedagogia (s)*. In: Dicionário Paulo Freire STRECK, Danilo R; Redin Euclides; Zitkoski, Jaime José (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

STRECK, Danilo R, EGGERT, Edla, SOBOTTKA, Emil, A (org). **Pesquisar é pronunciar o mundo In; Dizer a sua palavra: educação cidadã, pesquisa participante, orçamento público**. Pelotas: Seiva, 2005. p 259-276.

TEIXEIRA, Faustino. Moisés: O núcleo da criação. *In: [Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Edla Eggert (org). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

THOMAS, Florence. **Soy feminista**. Facultad de Ciências Humanas Universidad Nacional de Colombia. Marzo, 2008. Disponível em: <http://correo.yahoo.com.mx>. Acessado em mar 2008.

VIAU, Sandra R. (org.) **Guia de direitos para mulheres: a Lei Maria da Penha lei nº 11.340/06 e o direito de família**. São Leopoldo: CECA, 2007.

VIDGAL, Luis. A história oral: **O que é, para que serve, como se faz**. Santarém, 1993

VIOLÊNCIA Sexista. **Marcha mundial das mulheres contra a pobreza e a violência sexista**, Brasil, p. 10-11 abr. 2000.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológico e análise de uma experiência com o método**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, p241-260 maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n.2, p. 241-260, maio/ago, 2006.

ZIMERMAN, David E. **Psicanálise em perguntas e respostas: verdades mitos e tabus**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS E A AGRICULTURA FAMILIAR REGIONAL: O CLUBE DE MÃES MULHER GAÚCHA, DA ZONA RURAL DE SANTO ÂNGELO, E A EMATER/ASCAR PRODUZINDO REFLEXÕES. O motivo que nos leva a estudar esse tema é identificar e compreender quais as pedagogias produzidas no clube de mães Mulher Gaúcha da zona rural de Santo Ângelo que contribuem para manter a participação em grupos orientados por entidades como a EMATER/ASCAR; Identificar qual o lugar do grupo ‘Mulher Gaúcha’ da zona rural de Santo Ângelo na produção da agricultura familiar regional; Observar e identificar quais pedagogias são produzidas nesse clube de mães da zona rural de Santo Ângelo; identificar os efeitos da orientação da EMATER/ASCAR sobre esse clube de mães da zona rural de Santo Ângelo. A pesquisa se justifica pela valorização dos espaços não formais, pela possibilidade de pesquisar a forma que circula o aprender e o ensinar em um grupo de mulheres de zona rural. Para tentar responder ao problema de pesquisa e os objetivos da pesquisa utilizaremos a gravação em áudio, diário de campo e pesquisa em documentos do clube. Os registros serão colhidos no decorrer da pesquisa. A gravação em áudio acontecerá no clube de mães em três situações diferentes: primeira situação somente o clube de mães sem visitas de pessoas de fora; segunda situação, em curso com a EMATER/ASCAR, e a terceira situação eu pesquisadora e o clube de mães Mulher Gaúcha. Os dados colhidos na gravação de áudio serão posteriormente transcritos para serem analisados. Com a gravação em áudio, observação participante, pesquisa em documentos, diário de campo, acreditamos ter instrumentos suficientes para serem categorizados e analisados. As fotografias serão apenas ilustrativas não serão analisadas.

A pesquisa não oferece risco ou desconforto às mulheres pesquisadas. A pesquisa oferece benefício no sentido de ampliar a discussão das pedagogias que circulam em espaços não formais. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O nome das participantes da pesquisa será identificado na pesquisa para possibilitar a visibilidade da mulher rural em nossa região, já

que é de acordo ao desejo de cada participante, estando ciente da participação e identificação do seu nome na pesquisa. Seu nome será colocado no material pesquisado indicando a sua participação e autorização diante do que foi esclarecido na pesquisa. Você será identificada pelo primeiro nome, podendo haver publicações do resultado deste estudo nas mais diversas formas. O nome do clube de mães “Mulher Gaúcha”, também será identificado na pesquisa conforme acordado entre todas envolvidas. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Pós-Graduação em nível de mestrado em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS e outra será fornecida a você. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Eu, _____ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora dr^a Edla Eggert e a pesquisadora Karini Lunardi certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa estão de acordo. Também sei que existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento de pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante Karini Lunardi e a professora orientadora dr^a Edla Eggert pelo telefone (055) 99714068 ou UNISINOS (051- 35908305).

Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura da Participante	Data
KARINI LUNARDI	Assinatura da Pesquisadora	Data